



Regina Pundek

Acorda, Alice!

Mãe, o que você está fazendo com seu filho?

Tenho sonhado em escrever este livro há muito tempo. Posso comparar este trabalho à maternidade. Permaneci em processo de gestação durante anos. Arquivando estudos, experiências e idéias. Sou adepta de partos naturais e provavelmente por conta disso aguardei tanto tempo para ter certeza da hora certa.

Enfim, é chegada a hora de “parir”, lançar ao mundo meu filho mais novo e permitir que ele siga sua própria trajetória.

Tudo o que vivi com meus filhos e conseqüentemente em minha vida profissional quero compartilhar com o leitor para, dessa forma, fornecer às famílias informações suficientes, a fim de que reflitam e decidam com mais segurança sobre a difícil e prazerosa tarefa de educar os filhos.

Todas as histórias relatadas são baseadas em fatos reais. Foram vividas por alguém muito próximo e comigo compartilhadas. Algumas aconteceram em minha própria família e outras foram tiradas de minha vivência profissional.

Além dessas histórias, no final dos capítulos sempre coloco minhas conclusões e reflexões a respeito dos assuntos apresentados.

Minha intenção é ajudar a resolver os problemas que surgem no dia-a-dia da criação dos filhos e também favorecer para que tais problemas sejam analisados sob diferentes prismas, a fim de que cada família se aposses de suas próprias verdades, de acordo com seus próprios valores.

ACORDA,
ALICE!



REGINA PUNDEK

ACORDA, ALICE!

Mãe, o que você está fazendo com seu filho?

copyright © 2005 Regina Pundek

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pundek, Regina

Acorda, Alice!: mãe, o que você está fazendo com seu filho?/ Regina Pundek. São Paulo: Editora Landscape, 2005.

ISBN: 88-88647-84-2

1. Educação de crianças. 2. Mães e filhos. 3. Pundek, Regina. I. Título.

05-0969

CDD-649.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Mães e filhos: Educação: Vida familiar 649.1

2005

Direitos da Língua Portuguesa
Editora Landscape
Rua dos Três Irmãos, 62 – cj 1205
Fone (11) 3723-4413
atendimento@editoralandscape.com.br
www.editoralandscape.com.br

Agradeço aos meus três filhos, Manoela, Gabriel e André,
sem os quais eu não teria vivido esta história.

É, também ao Paolo, meu marido,
que comigo trabalhou para gerá-los e educá-los,
suportando tantas vezes meus incansáveis questionamentos.

Ofereço este trabalho a todas as ALICES,
adormecidas num país
cujas maravilhas se desbotam
com a difícil tarefa de educar filhos.
Para que despertem!



ÍNDICE

Introdução	11
Minha História	13
I — VERDADES	19
1. D. Marinara	19
2. Cadê o farol?	21
3. O Leão e o Ratinho	22
VERDADES ou... NÃO?	24
II — ASSUMINDO PAPÉIS	31
1. A Paty e o Patrício	31
2. Eles ou eu?	33
SER MÃE ou TER FILHOS?	36
III — RELACIONAMENTO FAMILIAR	45
1. Victor manda e vence!	45
2. Poção ou porção?	47
PAIS ou AMIGOS?	49
IV — UM MAU COSTUME	49
1. Três na cama	55

2. Minha Tchutchuquinha linda!	57
DORMINDO no QUARTO dos PAIS	60
V — DECISÕES	65
1. A cabra	65
2. É perigoso!	67
QUEM DEVE DECIDIR?	68
VI — APRENDER	73
1. Aulinha de aprender	73
2. O brincar	75
3. O aprendiz	77
PRESENTE OU FUTURO?	79
VII — ATUANDO	85
1. Meu filho quer ser atleta	85
2. O estorvo	88
3. O álbum de figurinhas	89
APOIO e ELOGIOS	91
VIII — UM GRANDE ESTRAGO	97
1. Faça o que eu digo... não o que eu fiz, ou faça	97
2. Tatuagens, armas, cigarro e sexo	99
LIMITES, AMOR e SEGURANÇA	104
IX — SEXUALIDADE	109
1. Na farmácia!	109
2. Vocês fizeram aquilo de novo?	111
3. Aonde elas vão vestidas assim?	113
VAMOS FALAR SOBRE SEXO!	115
X — MENTIRA OU FANTASIA	121
1. A traição	121
2. Sangue!	124
3. Todas as crianças mentem!	128
COMO DESCOBRIR A VERDADE?	130

XI — OBEDIÊNCIA E CASTIGO	137
1. Obedeça e terá tudo!	137
2. Faça isso senão eu vou bater em você	139
MEDO OU RESPEITO?	141
XII — MEU FILHO CRESCEU!	147
1. Treze acampando na praia	147
2. O tapete de sisal	149
VAI MEU FILHO, SEJA FELIZ!	152
Poesia do Kahlil Gibran	157

INTRODUÇÃO

Tenho sonhado em escrever este livro há muito tempo. Posso com parar este trabalho à maternidade. Permaneci em processo de gestação durante anos. Arquivando estudos, experiências e idéias. Sou adepta de partos naturais e, provavelmente por isso, aguardei tanto tempo para ter certeza da hora certa. Enfim é chegada a hora de “parir”, lançar ao mundo meu filho mais novo e permitir que ele siga sua própria trajetória.

Tudo o que vivi com meus filhos, e conseqüentemente em minha vida profissional, quero compartilhar com o leitor e assim proporcionar dados às famílias para que reflitam e decidam com mais segurança sobre a difícil e prazerosa tarefa de educar os filhos.

Minha história de vida, meus estudos e meu trabalho permitem que eu me sinta apta a transmitir minhas experiências pessoais e profissionais.

Todas as histórias relatadas são baseadas em fatos reais. Foram vividas por alguém muito próximo e comigo compartilhadas, algumas vezes são de minha própria família e outras foram tiradas de minha vivência profissional. Todos os personagens tiveram seus nomes trocados para garantir sua privacidade. Acredito que, ao compartilharmos nossas dificuldades, permitimos que

outros reflitam e procurem não tê-las. Além dessas histórias, no final dos capítulos sempre coloco as minhas conclusões sobre os assuntos apresentados.

Minha intenção é ajudar colocando luz nos problemas e também dar condições para que sejam analisados sob diferentes prismas, a fim de que cada família se aposses de suas verdades de acordo com seus próprios valores. Portanto cada tema abordado traz fatos reais seguidos de orientações.

A primeira história que conto é aquela que provocou em mim grandes mudanças. Foi ela que me levou da Engenharia para a Educação, tirando-me temporariamente do mundo profissional e colocando-me em casa, cuidando dos meus filhos. Mais tarde, meus estudos, dedicados primeiramente aos meus filhos, permitiram que eu atuasse fora de casa, com outros filhos que não os meus.

Passo, portanto, a contar-lhes minha história de vida e tenho certeza de que nos vamos identificar em vários momentos.

Regina Pundek

MINHA HISTÓRIA

Nasci em Santa Catarina, na cidade de Indaial, em 15 de dezembro de 1958. Fui criada e educada em Florianópolis.

Meu pai é engenheiro agrônomo, e minha mãe formou-se no curso Normal e foi professora. Cresci num ambiente letrado. Meus pais lêem muito e com isso deram-nos um excelente exemplo.

Ambos católicos praticantes. Em nossa casa os ensinamentos bíblicos eram objetivos da prática diária dos relacionamentos. Havia sempre uma doce sensação de segurança e de justiça no ar.

Durante as refeições meu pai gostava de fazer perguntas aos filhos sobre as matérias aprendidas na escola. *Era um orgulho acertar o que ele perguntava!* Ficávamos à mesa um longo tempo, sorvendo com alegria aquelas informações e procurando memorizar para responder certo na próxima conversa. Doces momentos!

Minha irmã Ângela, a mais velha, é engenheira civil; eu sou a segunda filha; Lígia, a terceira, é pedagoga e o meu irmão Sérgio, o caçula, bendito fruto entre as irmãs, é engenheiro agrônomo, como o pai. Somos uma família como tantas outras, mas garantidamente serena e abençoada por Deus.

1977 — Aos 18 anos de idade, sempre com boas notas, mas com grandes dúvidas sobre minha carreira profissional, tomei a decisão e passei no vestibular para Engenharia Civil, na UFSC.

Minha mãe, Carmen, me questionou algumas vezes: “*Mas tu gostas tanto de escrever, por que não fazer Direito ou Jornalismo?*”.

Mas eu não tinha certeza alguma naquela idade. Durante aqueles longos cinco anos, estudando engenharia, a certeza que surgiu foi a de que jamais exerceria aquela profissão. Não gostava, embora conseguisse bons resultados em todas as avaliações. O curso era muito hermético, nada prático, eu não enxergava o que uma engenheira pudesse fazer além de cálculos.

Foram cinco anos difíceis, com choro e sofrimento, querendo desistir, mas não encontrando “saída”. Eu não admitia desistir sem encontrar um novo caminho.

1982 — Recém-formada, aos 23 anos, me casei e vim morar em São Paulo. Já no primeiro ano de casamento nasceu a Manoela. A maternidade logo despertou em mim um amor visceral. Cometi grandes exageros. Fervi água de banho; desliguei a campainha para evitar acordá-la; permiti visitas só com hora marcada, a não fumantes e não permitia que pegassem o bebê no colo...

Tentei oferecer um ÚTERO a ela dentro do nosso pequeno apartamento. Com véus de organza vermelhos e azuis sobrepostos, eu revesti seu berço para que ela enxergasse as mesmas cores que dentro de mim lhe ofereciam **o melhor lugar do mundo**.

Embora o Paolo e eu tivéssemos feito um cursinho de puericultura, a chegada do bebê em casa trouxe muitos questionamentos e dificuldades:

- Devo trocar o bebê antes ou depois da mamada?
- O que fazer com o bebê que chora e já comeu?
- O que fazer com um bebê que fica muito tempo acordado?
- *Ele precisa de companhia o tempo todo?*

E, a prova da nossa maior ignorância foi na primeira noite em casa, quando o bebê chorou e acordamos assustados: “*O que*

ela quer?". Ignorávamos que um bebê mama regradamente até durante a noite.

Eu comprava muitos livros ansiando encontrar as respostas de que precisávamos. Procurava também por essas respostas na conversa com pessoas que tinham bebês.

1983 — A Manoela tinha ainda 1 ano e 2 meses e já chegava na nossa história outro bebê, o Gabriel. Fiquei encantada com a minha pequena e linda família, entretanto mais experiente, minhas ilusões quanto ao mundo perfeito já não eram as mesmas. Já sabia que meu útero não era o melhor lugar do mundo, precisava ensiná-los a viver “fora” de mim e, posteriormente, “sem” mim. Percebi que a solidez do lar era fundamental durante o desenvolvimento deles.

Mas eu tinha 24 anos e dois bebês! Angustiada, com medo de perder o trem da vida profissional, com uma amiga arquiteta, também de Florianópolis, montei uma loja de decoração. Que canseira! A Manoela dormia bem à noite e queria brincar durante o dia, o Gabriel dormia durante o dia e reinava à noite.

O Paolo ainda estava na Faculdade e trabalhava com seu pai, na indústria cerâmica da família. Ele sempre me incentivou a trabalhar e até me cobrava essa atitude. Eu sentia que se decidisse parar e ficar em casa cuidando das crianças, nosso relacionamento sofreria conseqüências.

Decidi colocar a Manoela na escola: **segundo rompimento do cordão umbilical!** Sem parâmetros, minha escolha foi determinada pela proximidade de casa e pela sensação de amorosidade do ambiente.

1984 — Escolha feita, nova rotina. De manhã ficava em casa com os dois. À tarde, enquanto a Manoela estava na escola, eu levava o Gabriel comigo pra loja e trabalhava. Montei uma sala com um berço pra ele e lembro-me de me deitar no chão ao seu lado e dormir, esperando passar o tempo, enquanto uma vendedora cuidava da loja pra mim. Antes de sair eu lhe perguntava como tinha sido a tarde pra poder contar ao Paolo se ele me per-

guntasse. Hoje EU me pergunto: *“Por que eu trabalhava se estava tão cansada e tinha vontade de estar em casa com meus filhos?”*. Naquela época nossa situação financeira não exigia isso!

1986 — Aos dois anos, o Gabriel também vai para a escola. A Manoela demonstrou grande alegria com a chegada do irmão e não queria mais ficar em sua classe, queria ficar com ele. Os profissionais da escola me chamaram e pediram ajuda. Eu implorei que permitissem que ela ficasse com ele, mas a escola negou. A única solução que percebi era permitir que os dois ficassem juntos. Eram dois bebês, com diferença de 1 ano e 2 meses. Mas a escola não demonstrou dúvidas: *cada um deve ter sua própria classe e nela permanecer*. Esse fato despertou em mim uma primeira pergunta em relação à escolaridade: *O que meus bebês precisam fazer na escola?*

No mesmo ano, percebi que a Manoela estava roendo unhas. Então iniciei uma pesquisa para descobrir o porquê.

Comecei a pensar: **O QUE ESTOU FAZENDO COM MEUS FILHOS?**

Este foi o ponto de partida para muitos estudos e muitas novas atitudes repletas de convicção: **QUERO ACERTAR. VOUDAR O MEU MELHOR!**

Não foi somente a vida escolar deles que lucrou com minhas descobertas. Meu relacionamento com eles e com o Paolo, minha história profissional e minha vida tomaram novo rumo.

1992 — Nasceu o André. Agora maduros, pudemos aproveitar esse momento em todos os sentidos. As dúvidas práticas sobre como cuidar de um bebê já não estavam presentes. Ele chegou, e a família fez ninho para acolhê-lo. Ele nos trouxe mais harmonia. Os irmãos mais velhos, que antes estavam sempre competindo, se uniram para ajudar a cuidar do pequeno e se permitiram demonstrar carinho a partir de então.

1994 — Alcei meu vôo. Um convite à beira da piscina, para trabalhar como professora de uma escola pública próxima de casa, me trouxe a oportunidade de saltar o muro doméstico e levar meu

aprendizado, tudo o que vinha estudando, para outras famílias e crianças.

Não perdi o trem. E, cada vez mais descobri o grande prazer que sinto em realizar um trabalho acreditando sempre em contribuir para uma sociedade melhor, mais verdadeira, amorosa e justa.

Há seis anos, montei uma Escola de Educação Infantil. Atualmente é ela que me proporciona as grandes oportunidades de realizar este trabalho que me fascina e que produz tantos frutos.

Continuo estudando sempre. Acredito muito que o conhecimento não se fecha, pode crescer sempre mais.

Hoje me sinto grata à maternidade que oportunizou grandes reflexões, erros, acertos e mudanças.

Escrevi histórias para refletir. Depois decidi escrever também minhas conclusões. Assim como as histórias, desejo que as minhas conclusões sirvam de ferramenta para reflexão e não receita de como fazer.

O fazer é pessoal.

CAPÍTULO I
VERDADES

DONA MARINARA

*Acredito em verdades.
Acredito em coerência.
Acredito em exemplo!*

Tive uma professora de Matemática que marcou meus 13 anos. Dona Marinara. Tímida, magérrima, alta, feia. Mas eu a percebia doce.

Era um colégio de freiras. Pobre da dona Marinara! Éramos quarenta meninas numa sala. Impossíveis! Esse era o adjetivo que mais ouvíamos e gostávamos.

Algumas vezes, fizemos dona Marinara chorar em frente à classe. Na alegria de nossa adolescência, explodíamos de energia e precisávamos quebrar regras. Quaisquer que fossem! Quebrar

regras é a primeira tentativa de demonstrar-se adulto. Depois vem a contestação, mas isso já é outra história.

Dona Marinara sabia Matemática, mas não sabia como calar-nos, nem como despertar a vontade de aprender. Entrava na classe e silenciosamente começava a escrever seu plano de aula na lousa.

Eu via na dona Marinara as certezas e verdades da Matemática, e a exatidão dos números me fascinava. Ela própria era tão certa, tão verdadeira nas suas dificuldades como professora... As VERDADES dela, bem como as da Matemática, me estimularam a uma aproximação. Embora eu tivesse de enfrentar os olhares duros das minhas colegas, de repente me percebi aliada de dona Marinara. As aulas dela me comoviam. Então passei a me sentar bem na frente para conversar com ela. Eu costumava ser a primeira a concluir os exercícios sugeridos. Gostava de ir à lousa para resolvê-los. Todavia, sua timidez não permitiu que nosso relacionamento avançasse. Eu me frustrei. Apesar disso, descobri as verdades.

Naquela época eu me sentia desesperada com as interpretações de poemas e compreensões de textos em Literatura, onde tudo podia ser... **ou não!** Onde estavam as verdades? Eu não conseguia admitir verdades individuais, pontos de vista distintos...

D. Marinara me ofereceu o aconchego das verdades matemáticas e universais. Só mais tarde parei para pensar em outras verdades e então pude compreender a Literatura bem como outras ciências não exatas. E tudo isso me levou a aceitar as verdades de cada um. E assim pude soltar-me e usufruir da riqueza da diversidade.

Hoje, refletindo sobre essa história, descobri que
as verdades existem, sim.

Cada um precisa encontrar a sua e ser fiel a ela.

É um longo e prazeroso caminho.

É preciso permitir-se.

CADÊ O FAROL? (VERDADES DA INFÂNCIA)

Era a Semana da Criança. A Equipe decidiu levar os maiores de três anos até um pet shop aqui na nossa região. Andar de ônibus é sempre uma grande excitação! Lá fomos nós rumo a um dia diferente.

Ovelhas, tartarugas, galinhas, patos, uma vaquinha para ordenhar e canteiros de verduras aguardavam as crianças das escolas visitantes para serem explorados.

Observei nossos pequenos um tanto desinteressados dos temas sugeridos, somente a vaquinha mobilizou a formação de uma fila para ordenhá-la. Eu também quis tentar, pois para mim também aquilo era uma novidade, e um possível aprendizado.

Enquanto os meninos de outras escolas, em fila, exploravam os animais, canteiros e até plantavam sementes em copinhos de sucata — os quais eram carregados como tesouros e levados ônibus adentro para futura observação —, os nossos corriam de um lado para outro descobrindo oportunidades. E, pimba! De repente eles estavam brincando de TRÊS PORQUINHOS!!?? Então, verifiquei que corriam de um paiol (casa de palha), para a casinha do brinquedão (de madeira) e dali para o refeitório (casa de tijolos). Atrás do bando de porquinhos corria um lobo esfomeado, uma professora. Estratégias foram montadas, esconderijos descobertos, personagens e regras novas surgiam espontaneamente.

Comparei mesmo sem muito pensar: *Por que as nossas crianças corriam, enquanto as das outras escolas organizadamente se deixavam fazer parte da programação do dia?*

Então, senti-me orgulhosa, pois descobri que o livre curso dos interesses e das percepções estava estabelecido, o aprendizado se concretizava para os meus.

Como diria Freinet, não se consegue dar água ao cavalo sem sede (leiam: *A Pedagogia do Bom Senso*). Estávamos a produzir sede.

Mas não parou por aí.

Voltando para a escola, eu vinha sentada ao lado da Júlia, três anos e meio. Conversávamos sobre os acontecimentos do dia. Logo, ela me disse, um tanto inconformada:

— Pensei que nós íamos passar por aquele negócio que faz o carro parar!

— *Qual negócio?* — questionei.

— *Aquele que tem três luzes e quando tá vermelho o carro pára* — explicou-me ela.

— *Ah. Você tá falando do FAROL?*

— *É!!*

Na ignorância de sua tenra idade, ela me fazia crer que o mundo pode ser melhor. Que através das crianças podemos começar um grande trabalho.

Como podemos proporcionar sede aos meninos urbanos,
Que, em fila,
observam a germinação de uma semente?

Como aliviar para eles as pressões da sociedade consumista e violenta dos dias de hoje, sem retroceder nem construir altos muros?

O LEÃO E O RATINHO (MAIS VERDADES DA INFÂNCIA...)

Sair do universo escolar com crianças do primeiro setênio de vida é sempre uma grande experiência, um deleite para o educador atento, que ouve e pergunta. A percepção do mundo

lá fora grita, eles observam tudo, querem saber como funciona, como se faz...

Fomos ao teatro assistir a “O Leão e o Ratinho”. Saímos caminhando em fila indiana, pois o teatro é bem perto da escola. Pelo caminho, euforia. Simone, três aninhos, verbalizou:

— *Eu nunca caminhei assim!*

— *Assim, como? — perguntou a professora.*

— *Assim, ir caminhando num lugar que eu quero!*

Dentro do Teatro, todos acomodados, a peça começa. Entra um Ratinho lindo e doce que encanta a todos. De repente, um grande rugido, corações disparam, olhinhos saltam, corpinhos pulam no colo das professoras.

Entra em cena o Rei da Floresta.

Assustada, apertando a mão da professora, Laura, 4 anos, pede socorro:

— O Leão é de mentira, não é?

— O que você acha?

— É sim, olha o cabelo dele!

— *É sim, este leão é de mentira.*

Pronto! Satisfeita e segura, Laura solta a mão da professora e levanta. Vai de ouvido em ouvido, em todos os amigos, contar-lhes uma grande verdade, acreditando oferecer-lhes o devido consolo e calma:

— Não precisa ter medo. O Leão é de mentira!

Fábio, 4 anos, fica no colo durante todo o espetáculo. Felipe, 5 anos, seu irmão, assume a postura de pai/mãe indicando o colo ao irmão, antes que o espetáculo se iniciasse.

Fábio olha em volta para certificar-se de que outros seus pares também estão no colo das professoras. Decide permanecer, para tranqüilidade do mais velho.

Logo no início da apresentação, ele questiona:

— Não vai ficar escuro? Já está acabando?

— Não vai ficar escuro. Olha, não tem cortinas nas janelas. Vai acabar daqui a pouco.

Então se aconchega mais e em alguns minutos adormece.

Ricardo, 3 anos, vaidoso, lambe as mãozinhas e as esfrega nos cabelos, enfeitando-se para o evento.

Verdades da infância...

da infância de nossos dias,

de nosso bairro.

Hoje “meninos de rua”

são aqueles cuspidos pelas favelas,

na boca dos faróis

assustando motoristas

que fecham janelas, travam portas

e dão a partida o mais rápido possível procurando não pensar nas verdades sociais,

ou até sofrendo por acreditar que não podem mudá-las.

VERDADES ou... NÃO !

Nos nossos dias as famílias demonstram uma grande dificuldade para se posicionar frente a algumas situações, aparentemente muito simples. Vamos esclarecer. Determinar o que a criança pode ou não fazer dentro do universo doméstico tem sido uma dificuldade dos pais.

Antigamente essa dificuldade não existia porque os pais não se questionavam tanto a respeito da educação de seus filhos. Tinha limites claros e estreitos. O que de certa maneira lhes facilitava

tava a vida doméstica. Sua autoridade era imposta, e muitos filhos temiam seus pais, muito mais do que os respeitavam. Os pais gostavam de acreditar que existia respeito.

Hoje a falta de posicionamento claro dos pais acarreta excesso de zelo, mimos e permissividade, em sua postura. Até aqui nenhuma grande preocupação. Afinal, são adultos, teoricamente podem arcar com as conseqüências de seus atos. Entretanto essas conseqüências não recaem unicamente sobre eles. E os pais tendem a se preocupar somente quando percebem sofrimento para os filhos.

Contudo, para os filhos, esta atitude, ou falta de, gera comportamentos distorcidos e de difícil trato. À medida que vai crescendo, a criança começa a demonstrar-se intratável, seja em casa ou na escola, então está declarada a necessidade de encontrar novas maneiras de agir. Os pais não são autoritários, não têm autoridade, e os filhos não têm respeito nem educação.

Os pais desejam o que acreditam ser o melhor para seus filhos. Todavia, estão cheios de culpas, perdidos. Cobram-se mutuamente.

A culpa é uma herança maldita dos tempos modernos em que os membros das famílias adotaram novos papéis e ainda estão em busca das melhores adequações.

Quando os filhos nascem, os pais precisam decidir algumas questões simples e outras complexas. A tomada de decisão a dois exige cumplicidade acima de tudo. Errar ou acertar é conseqüência. Antes, é preciso união e apoio.

Muitas atitudes são tomadas naturalmente, sem reflexão, sem sofrimento. A estas poderíamos chamar de atitudes instintivas. Vamos exemplificar: o bebê que engatinha se aproxima de uma escada, imediatamente o adulto afasta-o dali; a criança pequena se aproxima do fogão... e assim por diante.

Porém é difícil decidir quando surgem outras dúvidas: Em que momento a criança já pode dormir na casa de um amigui-

nho? Quanto tempo de televisão e qual a programação ideal?... E tantas outras perguntas.

Nesses momentos o casal precisa compartilhar para agir em unísono e evitar acusações futuras. Procurar orientação através de especialistas é válido.

Faz-se necessário estabelecer as VERDADES.

A partir de então, ser COERENTE e somente assim tornar-se EXEMPLO.

É preciso REFLETIR e decidir. Este é um bom caminho? Ou não?

Existem muitas verdades. Verdades pessoais, familiares e sociais.

Cada um deve descobrir as suas próprias. Isto vem com o sofrimento imposto pela vida, com a maturidade. As verdades pessoais podem ser mutáveis. Não interferem diretamente nas verdades do outro, devem ser respeitadas. Dão riqueza aos relacionamentos.

São verdades pessoais: a religião, as crenças, o estilo de vida, os sonhos...

As familiares são mais difíceis de ser estabelecidas. Mais cabeças pensando, corações almejando e corpos atuando. Entretanto elas contribuem muito na formação dos valores dos filhos que ali são gerados e colocados no mundo. São verdades determinantes. Apontam caminhos.

As verdades sociais devem ser seguidas. Devem trazer-nos conforto e segurança. Quando são coerentes, nós as aceitamos, sem questionamentos, para viver bem. Outras nos incomodam e mobilizam; batem de frente com nossas verdades pessoais.

Que seja bem-entendido, verdades sociais não são as leis. São posicionamentos que a sociedade nos impõe de maneira rotineira em nosso cotidiano.

Ou seja, as diferenças culturais e socioeconômicas são verdades, a não-equivalência de salários homem e mulher dentro de

uma mesma função é outra, bem como o papel da mulher na vida doméstica, e por aí vai...

O bom da vida é poder determinar, cada um, suas verdades. Entretanto, ao constituirmos família, ao nascerem nossos rebentos, precisamos checá-las todas. Elas precisam ser coerentes e respeitadas.

Cada pessoa e cada casa têm suas verdades. Não existem fontes impositivas. Não é preciso seguir os valores de outrem. Mas é preciso, sim, lutar pela própria verdade e pela verdade da família. Só assim damos bons exemplos aos nossos filhos.

Uma pessoa inconstante, que muda ao sabor do vento, gera filhos inseguros e receosos de tomar posições.

Quando a família admite como verdade o reinado de um filho, coroando-o e fazendo todas as suas vontades, está permitindo que no futuro ele tenha sua coroa tragicamente amputada pelas verdades sociais.

Os súditos são somente os membros da família. Lá fora a vida corre solta, as verdades são comuns a todos, não somos reis nem rainhas. Então o reizinho se vê subitamente perdido e a ele restam duas alternativas comportamentais: ou torna-se um ditador ou um aleijão, incapaz de tomar qualquer atitude. Ele sofre mais que o necessário. Torna-se socialmente inadequado.

Verdades simples precisam ser determinadas pelo casal:

1. Que tipo de comida vamos ter à mesa?

Vamos ou não consumir corantes, conservantes, acidulantes, açúcares, adoçantes, refrigerantes...?

Comeremos ou não carne vermelha?

Beberemos álcool?

...

2. Que tipo de lazer nos vamos permitir?

Vamos ou não calar nossas bocas e ouvir a TV ditar-nos costumes e impor-nos hábitos?

Vamos ou não nos acomodar em nossos sofás enquanto a vida passa ao nosso lado?

Vamos ou não ter uma TV em cada quarto, permitindo que as pessoas se isolem?

...

3. Que tipo de informação nos seduzirá?

Seremos ou não cegos a meias-verdades, ou pesquisaremos para adquirir o conhecimento integral?

Aceitaremos ou não o novo e avançado por receio de parecer ultrapassado?

Aceitaremos ou não o novo e avançado por receio de ousar?

4. Admitiremos ou não preconceitos?

5. Aceitaremos ou não o radicalismo?

6. Calaremos ou não quando indignados?

7. Fecharemos ou não os nossos olhos perante as injustiças?

8. Praticaremos ou não uma religião?

Relembrando, verdades não são regras nem leis.

Elas são intrínsecas à nossa rotina e à nossa vida.

Não precisam ser conversadas de maneira expositiva com os filhos, como quem dá uma aula. Elas simplesmente fazem parte. E, em assim sendo, são vividas por todos de maneira natural. E, acima de tudo, mais importante do que elas próprias é o exemplo que damos ao assumi-las e praticá-las.

Em vista disso, fica claro que
nosso ensinamento
mais efetivo e eficaz é o nosso
EXEMPLO.

Nossos filhos aprenderão
menos de nossas palavras e
mais de nossas ações.

CAPÍTULO II

ASSUMINDO PAPÉIS

A PATY E O PATRÍCIO

Durante a mudança para uma casa nova, quem mais sofreu foram as cachorras, que se estranharam, brigaram e uma delas foi morta. Era a Paty. Linda, toda branca, kuvaz, mais conhecida como pastora húngara.

Alberto, de 11 anos, percebeu e apontou para a mãe e o pai a tristeza das outras três cachorras, que por alguns dias uivaram bastante. O consolo que ele pôde oferecer foi brincar mais com elas. Passou tardes correndo pelo gramado, provocando-as em lulinhas. E, naturalmente, elas se permitiram brincar com muita alegria.

Já era passado um mês, quando a mãe teve uma surpresa. Viajou sozinha para visitar seus filhos mais velhos no Sul. Na volta, na sala de estar, encontrou uma gaiola! O Alberto comprara um

canário todo branco para homenagear a Paty. Chamou-o de Patrício.

Assim ele começou um novo *hobby*. Passear na loja de animais tornou-se seu programa favorito nos finais de semana. Os canários foram aparecendo a cada mês, de acordo com suas próprias finanças. Nunca antes a mesada acabara tão rapidamente. Inclusive LER se tornou mais prazeroso para ele, pois precisava descobrir como fazer para que cantassem mais, como cuidar, quando acasalar, dar banhos...

Observar o comportamento dos canários, nas manhãs de sábado e domingo, tem sido rotina para todos da família. Contam como é gostoso se sentar na varanda e ficar olhando as avezinhas. Suas conversas sobre os hábitos dos pássaros sempre provocam risadas.

O canário macho canta lindamente. A família costuma ser acordada pela exuberância de sua música. Foi preciso proibir que Alberto deixe as gaiolas na sala, durante a noite, nos finais de semana, quando os pais querem dormir até mais tarde.

Dizem que o canário canta para delimitar território e para atrair a fêmea. Lindo! A natureza é mesmo uma bênção, são tantas as danças de acasalamento, cada espécie com a sua.

Mas ao observar os pássaros, surgiu um questionamento. Confessou-me Miriam, a mãe de Alberto, que ficou bem indignada quando chegou a fase de acasalar. Assim que o macho foi colocado com a fêmea, na mesma gaiola, parou totalmente de cantar. Miriam acha que ele deveria ter mudado o repertório, mas não. Simplesmente parou.

Em seguida começou a perseguir a fêmea, até mesmo batendo nela. Miriam admitiu que algumas vezes também a viu agredindo-o. Mas assumindo seu feminismo, Míriam quer pensar que era por defesa.

Miriam conta que às vezes o casal de pássaros parece estar em harmonia, outras vezes, em total discórdia. Ela se pergunta:

Poderíamos comparar esses comportamentos ao humano?

Mas, enfim, a decisão de tentar formar uma família não foi dos pássaros. Os humanos queriam assistir a uma história. Portanto, tinham de arcar com as conseqüências. Então foi comprado um ninho. A fêmea parecia não estar nem um pouco interessada. Ele, entretanto, pegava a lã e o algodão do fundo da gaiola e levava até o ninho, tentando convencê-la.

Alguns dias depois, Miriam e seu marido foram acordados por Alberto, que lhes dizia que a canária colocara o primeiro ovinho. Que alegria! Vida nova! Agora, os movimentos com a gaiola precisavam ser suaves, para que ela pudesse chocar.

Os dias foram passando, mais um ovinho, outro e mais outro. Enfim quatro lindos ovinhos no ninho. O tempo seguiu correndo, tanto cuidado, tanta dedicação, mas a canarinha não quis chocar.

Então, novamente, Míriam se questionou, refletiu, comparou, e disse:

Posso comparar este com o comportamento humano!

E concluiu:

“Chocar exige total dedicação e entrega. A canária interrompeu o processo antes de ter seus filhotes gritando e exigindo mais dela. Ela conseguiu, de alguma forma, decidir que não estava pronta. Não quer filhos, não quer ser mãe, não quer família. Ou não! Será que a ela foi negado esse dom?”

ELES OU EU?

Laura, 32 anos, formada em psicologia, casada com Felipe, mãe de dois filhos: Clara e Theo. Quando Clara nasceu, Laura decidiu

parar de trabalhar fora e dedicar-se exclusivamente à criança. Menina frágil, assim que adquiriu peso, foi preciso enfrentar uma cirurgia cardíaca. Foram dias difíceis para toda a família, incluindo tios e avós.

Felizmente Clara superou os problemas de saúde. Entretanto, adquiriu um comportamento cheio de medos de doenças, médicos, remédio e hospitais, entre outros, pois também demonstrava pavor por trovões, fogos e até festas de aniversário.

Laura se dedicava a Clara integralmente. A criança cada vez mais se tornava robusta e corada. Laura procurava sempre alimentos de qualidade, sem conservantes ou corantes, e ela mesma cozinhava para a menina. Envolvida na rotina de fraldas e papinhas, ela procurava não pensar em si mesma.

Seus sonhos profissionais foram arquivados, porém ela sorria silenciosamente. Sofria frustrações por sentir que os anos de estudo e dedicação durante a faculdade haviam sido em vão. A experiência vivida em consultório antes de Clara nascer não ajudava em nada nas situações do dia-a-dia. Sofria por sentir inveja do marido que diariamente saía para o trabalho, enquanto ela continuava ali, em sua rotina aparentemente sem fim.

Então surgiu a idéia da escola. Clara vivenciou uma adaptação lenta e delicada. Seus temores eram explícitos e o sofrimento da mãe em separar-se dela transmitia-lhe muita insegurança. A pobre mãe tinha um querer não querendo. Lentamente, as vitórias surgiram, e Clara então começou a usufruir a escola com tranquilidade e prazer.

A mãe, sempre muito atenta, permitiu-se relaxar e voltou a questionar se seria ou não a hora de voltar para sua carreira profissional. Sonhos antigos reacenderam-se. Mas uma nova gravidez pegou-a de surpresa. A chegada de Theo, 3 anos depois do nascimento de Clara, fez crescer a necessidade de cuidar das crianças e, mais uma vez, Laura decidiu ficar em casa.

Theo nasceu forte e saudável. Diferente de Clara, é destemido e alegre. Com 1 ano e meio foi para a escola. Foi recebido com

muito carinho pela irmã. Ela lida com ele imitando a mãe, reproduzindo falas e mudando a voz.

Laura então se permitiu um novo olhar para si própria. Decidiu fazer um curso de atualização. Felizmente o curso de meio-período coincidia com o horário escolar dos filhos, dessa forma tudo parecia encaixar-se. Entretanto, a exigência de estudar em casa trouxe a necessidade de administrar um novo problema. Ela não conseguia estudar com as crianças por perto. Então, depois de conversar com Felipe, contratou uma babá. Mas a ineficiência da babá fazia com que as crianças brigassem e procurassem a mãe ininterruptamente. A primeira babá foi demitida e outra com melhores recomendações e um alto salário foi contratada.

As duas primeiras semanas foram perfeitas. Laura treinou-a pacientemente. Mas as crianças, sabendo da presença da mãe em casa, não deixavam de procurar por ela requisitando sua ajuda para resolver até as situações mais corriqueiras. E o velho problema voltou.

Então o casal decidiu que as crianças ficariam na escola o período integral, três vezes por semana. Foram dois meses de estudos. A mãe até conseguiu freqüentar uma academia!

Porém, quando Clara e Theo começaram a insistir para ficar na escola também nas outras duas tardes, Laura começou um novo processo de sofrimento e culpa. Sentia saudades dos filhos, sentia-se triste por reconhecer o quanto gostavam das professoras, sentia-se incompetente porque, apesar de reconhecer seus sentimentos, não conseguia mudar. Como consequência, adoeceu e precisou ser internada. Assim que se recuperou, com menos de um semestre de curso concluído, Laura resolveu parar novamente para ficar com as crianças, que voltaram a freqüentar meio-período na escola.

Clara voltou a manifestar medos, e Theo começou a demonstrar agressividade.

Já faz quatro meses que Laura parou o curso. Está desanimada e triste, não quer ficar só em casa. Quer trabalhar. Agora está procurando uma sala para atender crianças em Ludoterapia no período em que os filhos estão na escola.

É preciso descobrir as necessidades,
determinar os papéis de maneira compartilhada
e investir na família.

SER MÃE OU TER FILHOS?

Considero muito difícil para as mulheres, atualmente, tomar certas decisões. Sou grata à Natureza que conspira para o bem dos que amam a Deus. Assim, são menos decisões que nós precisamos tomar.

O casamento hoje em dia tem características diferentes e já não é tão questionável: casar ou não. Afinal, separar-se já é comum e socialmente mais aceitável. Não deu certo, ponto final. Este sim, é um posicionamento questionável. Muitos casamentos terminam porque a separação tornou-se usual e aceita socialmente. Não é o caso aqui de sermos preconceituosos, entretanto, a partir do momento em que o casal passa a ser uma família, a decisão de separar-se deve levar as crianças em consideração. Mas esta já é outra questão.

No entanto, não diria que a decisão sobre o casamento pese excessivamente sobre as mulheres. Outras, sim, pesam sobre nós. Elas seriam:

Ter ou não ter filhos?

Ficar ou não em casa cuidando dos filhos?

E, se ficar: *até quando?*

Se não ficar: *quem fica com eles?*

Daí por diante, em questões práticas:

Quem leva e vai buscar na escola?

Quem fica em casa com o filho no período em que não está na escola? Quem orienta na lição de casa?

Quando a mulher decide ter filhos, surge uma grande dificuldade:

A diferença entre ter filhos e ser mãe. Algumas mulheres já não se apercebem dessa diferença. Ser mãe é muito mais que simplesmente tê-los.

Quando nasce o bebê de uma mulher em pleno vôo profissional, muitas vezes ela não quer “parar no tempo”. Não se permite ou não consegue. Segue em frente, com sua vida profissional, encontrando soluções imediatas para as questões práticas que surgem com a chegada do bebê. O pequeno pacote se adapta ao mundo novo. E a mulher teve um filho.

Outras vezes a mulher, exultante de alegria com o anjinho que chegou, decide e pode parar sua carreira profissional. Então, deixa o tempo correr, enquanto corre com seu filho.

Lá na frente, essas mulheres voltam a se questionar até quando precisam ficar em casa; um sentimento de menor valia, muitas vezes, surge e incomoda.

Qualquer que tenha sido a opção que tenha feito, parar de trabalhar ou não, a mulher precisa encontrar uma fórmula pessoal para livrar-se das culpas.

Torno a dizer:

A culpa é uma herança maldita dos tempos modernos em que os membros das famílias adotaram novos papéis e ainda estão em busca das melhores adequações.

Algumas mulheres engravidam antes de começar sua carreira profissional. Outras depois. Algumas têm certeza de que querem ser mães, outras simplesmente querem ter filhos.

Todas, em geral, questionam e sofrem porque o pequeno chegou sem manual de instruções. E como é difícil encontrar nossos próprios caminhos!

O pequeno ser que chega ao mundo precisa de carinho, cuidados e EXEMPLOS.

Entre os pais, surgem desconfortáveis discussões sobre responsabilidades e atitudes. Mas o filho precisa da cumplicidade entre os pais. Ele precisa ter certeza de que os pais se amam. Tal certeza se traduz em segurança para ele. Ele passa a reconhecer seu papel de filho no âmbito familiar.

O filho que chega ao mundo precisa de uma MÃE e de um PAI. E o papel mais importante que eles têm na vida do filho é dar o exemplo.

Exemplo de pessoa que ama,
que sabe e cumpre o seu papel,
que respeita,
que ri,
que chora,
que trabalha,
que cansa,
que se irrita,
que erra,
que reconhece,
que é justo,
que acerta,
que perdoa,
que fala baixo,
que obedece regras,
que aceita autoridade,

que cuida do Planeta,
que não mente,
que se diverte,
que tem amigos,
que lê,
que busca aprender coisas novas,
que ouve,
que pergunta,
que tem crenças,
...
que tem medo, mas enfrenta,
que sofre, mas não se entrega,
que espera, mas se posiciona.

Uma pessoa que dá ordens coerentes com seu próprio comportamento.

Este é o maior presente, a melhor herança que podemos dar a eles. Muito mais que brinquedos, que permissões, que excesso de tolerância, que viagens...

O filho precisa conhecer as verdades dos pais e para que isso aconteça, os pais precisam conviver com ele e servir de exemplo.

Permitir que o filho conheça seus motivos de riso e choro,
sua fascinação ou desânimo pelo seu trabalho,
que leis aprova,
que autoridades admira,
quem são seus amigos,
que livros lê,
que conhecimentos busca,

que músicas aprecia,
que medos o assustam,
que sofrimentos o torturam,
que esperanças o animam,
que fé o sustenta

... pois afinal essas são suas verdades pessoais, que seu filho, enquanto brinca, procurará imitar durante a infância, mas, quando crescer, essas verdades farão com que admire seu pai e mãe, procurando ser ele também assim verdadeiro com seus próprios filhos.

Contudo a mulher, que em nossos dias vive a dificuldade de enfrentar os novos papéis que a natureza e a sociedade impõem, sofre para descobrir suas verdades. Dela, que ao se tornar MÃE, a sociedade espera que saiba cuidar de si, do marido e da criança.

Impõe-se que ela encare a nova situação rapidamente; o tempo voa.

Não pode focar a vida no filho, colocar-lhe uma coroa, criar um rei.

Não pode esquecer o marido, que de repente perdeu sua amada, e encontrou uma mãe. Ele não quer outra mãe em sua vida, lhe afirmam.

Deve lembrar-se de seus próprios sonhos e desejos, buscar sua alegria de viver. Assim vai trazer alegria aos que a cercam.

Ufa!! Mas como?

Esta é a ordem de harmonia:

eu,

eu e ele,

nós e nossos filhos.

É difícil, mas não é impossível colocar essa ordem de importância em prática. É preciso acreditar e praticar.

A sociedade nos exige uma postura de “supermulher”: donas de casa organizadas, mães acolhedoras, esposas satisfeitas, amantes libidinosas com corpos esculturais, profissionais realizadas...

Irritantes comerciais na TV mostram a família perfeita, com um pai engravatado e filhos prontos para a escola, sentados à mesa, enquanto uma mãe “sorridente” corre de um lado para o outro, organizando tudo e servindo a todos.

Ao assistir a isso, frustram-se as donas de casa, frustram-se as empresárias e as empregadas... onde se encontra essa perfeição? Somente na TV!

O dia-a-dia é tão diferente...

Fórmulas mágicas para trazer alegria e melhorar a rotina não existem. É preciso muito discernimento, calma e objetividade para tocar os primeiros tempos após a chegada dos bebês. Com tranquilidade, pouco a pouco novas rotinas se estabelecem.

As rotinas são bênçãos numa casa com crianças. Elas proporcionam segurança e calma.

Muitas vezes o casal quer carregar a criança por onde vai, pois quer que se adapte ao mundo. Entretanto ao retornar à casa, o choro e a irritação do pequeno provam que seria melhor para todos se tivessem permitido que o bebê ficasse em casa, sob os cuidados de alguém competente.

É natural que a mãe nos primeiros tempos não consiga romper o cordão umbilical, demonstrando grande dificuldade em sair de casa sem carregar o pacotinho consigo. Há de se respeitar e trabalhar para que enfrente o “parto” com serenidade. Aos poucos ela vai relaxando e percebendo que seu filho fica bem com outras pessoas e não unicamente com ela.

Algumas mães têm, inclusive, dificuldade em deixar a criança até com o pai! Mães e pais precisam conversar, tornar-se cúmplices da criação e educação desse novo ser que é filho dos DOIS. Esse comportamento da mãe pode afastar o pai naturalmente e lá no fu-

turo perceberão que a participação dele é fundamental, mas então uma aproximação torna-se difícil porque o filho passa a rejeitar a autoridade paterna. Só a mãe tem competência para educá-lo, afinal sempre foi assim, deduz a criança.

Quando pequenos, nossos filhos dependem de nós. Enquanto assim o for é nosso papel suprir suas necessidades integralmente. Entretanto, é preciso estabelecer prioridades. Considerando que a criança tem necessidades básicas (alimentação e higiene), afetivas, cognitivas e sociais, cabe aos pais decidir em quais delas sua presença e atuação são mais importantes. Dando o devido peso àquilo que consideram primordial, as outras questões podem ser delegadas a outrem, mas controladas continuamente. Dessa maneira, organiza-se uma rotina familiar que permita que a mãe tenha seu próprio tempo, estabelecido de acordo com o que ela priorizou.

O objetivo da maternidade deve estar claro. Ter filhos não implica necessariamente em ser mãe. A mãe cuida e educa. Prepara para o mundo.

Ter filhos ou não? Cada casal tem seus motivos. Motivos à parte, quando nasce o bebê é preciso assumir papéis e executar funções. Somente dessa maneira a família surge, pois para ser família é preciso um pai, uma mãe e pelo menos um filho.

O que é totalmente diferente de constituir uma sociedade com um homem, uma mulher, uma criança, uma babá e depois uma escola.

Ao homem e à mulher cabe encarar a nova situação de maneira positiva e amorosa. Esses novos papéis e funções não excluem os anteriores, mas somam-se a eles.

Quem é mãe sabe que uma das grandes satisfações da vida é entrar no quarto do filho adormecido, qualquer que seja a idade dele. Parecem anjos! Parar ao seu lado e observá-lo, conversar com ele enquanto dorme, fazer uma oração... Com o passar dos anos, a cama vai ficando pequena. Nosso filho está crescendo.

Aquela pessoa ali deitada nos entenece, comove e, de repente, nos propicia a constatação do trabalho feito. É um adulto!

Bom então é poder agradecer o tempo gasto em reflexões que proporcionaram o seu desenvolvimento e como sempre, pé ante pé, mas com o peito cheio de orgulho, voltarmos para nossas próprias camas para dormir o sono dos justos.

CAPÍTULO III

RELACIONAMENTO FAMILIAR

VICTOR MANDA E VENCE!

Marta, mãe de Victor, 3 anos, parou de trabalhar quando en fim, aos 40 anos, realizou seu desejo de ser mãe. Já estava casada há 18 anos quando o casal se tornou família.

O sonho da maternidade parece um pacote fechado. Inclui um quartinho bem decorado, lindas roupinhas tricotadas com amor pelas avós, banheirinhas, carrinhos, bebê-conforto, mamadeiras, um cursinho de puericultura... e um saudável e tranqüilo bebê, é claro!

Entretanto tudo o que acompanha esse pacote não foi sonhado, raramente imaginado. Novos papéis se atribuem aos adultos. De repente, somos a mãe ou o pai de alguém que dependerá de nós por bastante tempo. Vamos em frente.

Marta tornou-se mãe em tempo integral. Entrou em verdadeiro êxtase, até com as tarefas consideradas cansativas e repetitivas. Seu mundo começou a girar em torno de Victor. Victor foi crescendo cheio de aprovação, para todos os seus comportamentos.

Mas Marta começou a perceber que o marido, Rodrigo, saía cada vez mais cedo para o trabalho e chegava cada vez mais tarde. Intrigada, percebeu também que Rodrigo não demonstrava contentamento com o filho.

Conseqüentemente, ela começou a cobrar de Rodrigo que brincasse com o filho, que tentasse estabelecer com ele uma relação mais próxima, e para tanto Rodrigo precisava ter mais tempo com a família.

Marta tornou-se uma esposa cheia de conversas e reclamações.

Contudo, Rodrigo tentou aproximar-se. Firmou-se um jogo entre ele e o filho. Diariamente, ao chegar do trabalho, Rodrigo sentava no chão, em frente à TV ligada no Jornal e permitia que Victor trouxesse seus carrinhos. A mesa de centro da sala era desmontada e transformava-se numa pista de corridas. Assim pai e filho gastavam em torno de meia hora brincando. A criança, nos primeiros dias, era só alegria.

Entretanto, com o passar das semanas tudo se foi alterando. Victor descobriu que o pai não se entregava, não prestava atenção à brincadeira. Novas regras ele impôs. No jogo havia um chefe, Victor, que mandava em tudo, e um participante distraído, que obedecia ao filho, enquanto tentava prestar atenção ao Jornal.

A mãe estava satisfeita, pois o marido também estava obedecendo a ela. E, o jogo virou rotina. Algumas alterações foram feitas pelo chefe. Às vezes não eram carrinhos, e sim bonecos heróis, e outras vezes eram animais de zoológico. Mas sempre, incondicionalmente, Victor ganhava as corridas, as lutas e devorava sua presa. O jogo poderia chamar-se "Victor manda e vence"!

Quando Victor entrou na escola, teve uma adaptação espantosamente rápida. Corria e explorava o espaço com euforia. Em pouco tempo sabia o nome dos amigos e das professoras. Nem ao separar-se da mãe no portão, demonstrava insegurança. A mãe, sim, estava sofrendo: "*Como meu bebê não chora ao me deixar?*".

Foi rápida também a constatação da necessidade de tirar a coroa de um rei. Para Victor, até dentro da escola, todos deviam obedecê-lo, incluindo adultos, e ele queria ganhar todos os jogos. Difícil para ele era aceitar e seguir as regras novas, criadas pelo grupo. Difícil era conviver pacificamente. Portanto, Victor começou a chorar no portão, ao separar-se da mãe. Já sabia que dentro da escola seu jogo não valia.

Marta foi chamada na Escola para uma conversa. Era preciso esclarecer as atitudes de Victor e descobrir como ajudá-lo. À medida que Marta respondia e relatava os fatos, apercebia-se da complexidade de sua situação doméstica. Pouco a pouco se foi abrindo, e enfim se expôs:

Uma noite durante a brincadeira com o pai o Victor gritou:
“Pára, seu chato! Você não está fazendo nada direito! Você não brinca direito, não presta atenção e deixa a mamãe triste!”.

Naquele momento, Marta descobriu que ela precisava mudar.

POÇÃO OU PORÇÃO?

Naquela manhã de domingo, Áurea, a mãe, estava incrivelmente paciente. Decidira dedicar algumas horas à filha, Nicole, 7 anos, e assim, tentar aliviar as dificuldades no relacionamento.

Quando decidiram ter um filho, Áurea e Paulo já estavam casados há oito anos. Ambos com bons empregos. Estavam acostumados a dividir todas as responsabilidades financeiras.

Durante a licença-maternidade, Áurea se aproximou bem da nova realidade. Porém, vencidos os quatro meses, Nicole passou a freqüentar uma creche e depois a escola em período Integral. Isso estabeleceu uma convivência familiar noturna. Nos finais de semana e nas férias anuais, a família convive diuturnamente.

Os papéis novos de dona de casa e mãe não são admitidos por Paulo. Ele quer a esposa executiva de antes da chegada de Nicole, com quem ele dividia compromissos financeiros e lazer.

Áurea, de certa forma, se vê obrigada a aceitar resignada o posicionamento do marido, contudo impôs um padrão familiar ímpar. É ela quem determina tudo o que se refere à filha, ela dá as ordens. O pai deve calar-se. Para o pai é cômodo aceitar essa regra. Aos olhos da mãe, o pai não tem competência sequer para brincar com a criança. Logo, ele se isola. Portanto, Nicole não respeita o pai.

Como a regra prioritária do casal é dividir despesas, eles acreditam que ambos devem contribuir para o orçamento da família, por isso sua rotina semanal é tão pesada. Conseqüentemente, a mãe sente culpa pela ausência da criança durante o dia.

Essa culpa, contudo, só veio à tona quando a mãe percebeu que a filha se tornava uma criança malcriada e respondona, com ela. Sem muita convicção, a mãe sentiu que a situação só seria revertida se ela mesma tomasse alguma atitude.

Ir ao clube nos finais de semana é uma rotina para a família. Mas naquele domingo em especial a novidade seria brincar com a filha, planejara silenciosamente Áurea.

Geralmente Áurea faz caminhadas ou joga baralho com as outras mães. O pai regularmente joga futebol e bebe cerveja com os amigos. Enquanto era bebê, Nicole era deixada no berçário do clube. Depois, mais crescidinha, já lhe era permitido explorar todos os espaços do local.

Naquele domingo, lá chegando, Nicole imediatamente procurou pelas amigas. A mãe, desconsolada, teve sua intenção declaradamente impedida. Porém, não se deixou derrotar, não foi procurar seus próprios interesses. Áurea ficou no encalço da filha, tentando marcar presença.

Sugerir brincadeiras para as meninas foi a alternativa que encontrou impulsivamente. Repetidamente teve suas sugestões rejeitadas. Então, um tanto desconsolada, foi para o restaurante.

Chegada a hora do almoço, como de costume, Nicole procurou pela mãe. Áurea então novamente se dispôs a atender exclusivamente as necessidades da filha.

Já na discussão do cardápio, decidiu ser flexível, afinal era domingo, “Dia de Porcaria”. A menina insistia em comer somente uma “*poção*” de batata frita. A mãe imediatamente corrige, ensinando a palavra “*porção*”, mostrando a diferença ortográfica e semântica entre as duas palavras.

Mas, Nicole não sabe o que é ser corrigida. Desde pequena sempre teve suas vontades realizadas por babás. O súbito interesse da mãe não lhe parece confiável, não compreende essa nova atitude.

A resposta da criança é brusca:

— *Fica quieta, mãe, senão preparo uma “porção” mágica e faço você desaparecer da minha vida PRA SEMPRE.*

Áurea descobriu através dessas palavras que precisa de ajuda. Já desapareceu da vida da filha, só falta o “pra sempre”.

Precisa assumir o papel de MÃE, resgatar para a filha o PAI que está perdido. A família precisa aprender a conviver e se relacionar de maneira saudável.

PAIS ou AMIGOS?

Os pais e mães jovens manifestam com freqüência a preocupação, ou melhor, a intenção de serem amigos do filho. Desejam mais se tornar amigos dos filhos do que assumir o papel de pai ou mãe.

Vamos refletir sobre isso.

Será que isso acontece:

Por que o amigo tem a garantia de ser amado?

Por que com o amigo podemos errar?

Por que é mais fácil aceitar o mau comportamento do amigo?

Por que com o amigo a gente sempre se diverte?

Por que podemos mandar o amigo embora e ficar sozinhos quando queremos?

Por que amigo chato podemos descartar?

Por que do amigo podemos esperar retorno?

Por que o amigo nos consola quando estamos tristes?

Por quê...?

Por quê...?

Porque amigo que é AMIGO mesmo, é pra toda vida!

Geralmente essas pessoas acabam relatando que tiveram pais pouco amigos, ou melhor, muito autoritários ou ausentes.

São pessoas a quem faltou aconchego, carinho e exemplos. Por isso, têm como referência os amigos que lhes supriram de algum modo essas carências. É natural que queiram oferecer ao filho aquilo que lhes fez falta. Essa é a dinâmica, queremos dar aos filhos o que nos faltou.

Filhos de pais autoritários tornam-se pais permissivos, que por sua vez terão filhos que se tornarão pais autoritários. É o ciclo dos acontecimentos, até que alguém reflita e rompa com ele.

Mas, afinal, qual é a diferença entre PAIS e AMIGOS?

Os pais devem ser amigos dos filhos?

Bem, uma grande diferença é que para amigos damos conselhos, que podem ou não ser seguidos; para os filhos, o conselho é comprometedor.

Quando um amigo desabafa conosco, geralmente compartilhamos com ele nossas experiências dentro do mesmo contexto. Assim sendo, formamos um vínculo reforçando nossa cumplicidade.

Outras vezes, simplesmente ouvimos e raras vezes nos comprometemos sugerindo e apontando novas direções, pois isso é dividir as conseqüências.

Com relação aos filhos, as conseqüências são sempre compartilhadas. Elas nos afetam diretamente. É preciso comprometimento.

Erros e acertos dos filhos são mais do que nossos próprios erros e acertos. São para nós motivo de tristeza ou grande orgulho.

Outra diferença é que os amigos podem ou não ser para sempre. Filhos são para sempre.

Dos amigos esperamos fraternidade e fidelidade. Dos filhos não podemos esperar nada. A eles desejamos felicidade, saúde e prosperidade.

Mas a vida leva e traz amigos e filhos, de acordo com suas histórias pessoais. Todavia, dos pais para os filhos permanece sempre acesa a chama do amor.

Um desentendimento entre amigos pode colocar um ponto final no relacionamento. Entre pais e filhos, um desentendimento deve servir de ferramenta para aperfeiçoar o relacionamento.

Para os filhos queremos os melhores amigos, os mais sinceros, disponíveis, divertidos, equilibrados, verdadeiros, coerentes... e, muito enganosamente, sem nos darmos conta do que estamos fazendo, queremos roubar-lhes oportunidades e experiências próprias, procurando fazer com que nos aceitem, a nós PAIS, como seus melhores amigos.

E o papel de pai e mãe fica de lado.

Nossos filhos têm seus próprios amigos.

Não é função dos pais brincar com a criança. Os pais não devem sentir-se obrigados a desempenhar essa tarefa. Não! Essa é a função dos amigos.

Os pais, se quiserem, *podem* brincar com os filhos. Entretanto, é bom certificarem-se de sua vontade. Pai cansado, depois de um dia de trabalho, não precisa brincar. A criança percebe o que está acontecendo. Sabe que está mandando no pai. Então se estabelece uma relação com papéis invertidos que, posteriormente, é difícil mudar.

Para o filho, a melhor brincadeira é aquela em que ele imita o pai, naquilo que o pai faz. E, para a menina, vale o mesmo em relação à mãe.

Se enquanto a mãe, ou o pai, realiza uma tarefa, ou até mesmo um *hobby*, permite que a criança ajude, esta será certamente a melhor brincadeira.

Aqui não existe chantagem emocional, os papéis estão bem determinados, os pais ditam as regras e também servem de exemplo. A criança gosta de se sentir útil.

As atividades mais simples podem transformar-se em momentos de grande alegria e intimidade. Exemplificando: lavar o carro, dar banho no cachorro, cuidar do jardim, arrumar a casa, pintar, escrever...

Os pais precisam acreditar no trabalho que fazem, na educação que dão aos filhos. Olhar para o filho e perceber quando é chegada a hora. Hora de assumir nova etapa, de crescer e, depois, de partir.

É preciso que os pais permitam que o filho cresça. De outra maneira, criaremos adultos infantilizados, imaturos e inseguros.

Chega a hora da escola, do ficar e namorar, da balada, da bebida, do cigarro, de transar, da escolha da profissão, do vestibular, de dirigir...

Nossa participação nesses momentos não é presencial, afinal somos os pais, não os amigos. Nossa participação muitas vezes já aconteceu quando estes fatos surgem. No passado, em algum momento, fomos questionados ou não, talvez somente tenhamos servido de exemplo e bastou.

E, se temos um bom relacionamento com nossos filhos, se desempenhamos nossa função, eles certamente levarão em conta nossa opinião, nosso exemplo e conosco sempre virão tirar suas dúvidas mais complexas.

Um grande medo dos pais é que o filho, não os encarando como amigos, busque respostas em pessoas não adequadas, vindo a cometer atos impróprios.

Como garantir que o filho procure o pai ou a mãe para conversar?

Se nos habituarmos a ouvir nosso filho, dando real importância ao que ele diz e permitindo que se expresse livremente, estaremos firmando um pacto silencioso que se traduz em confiança.

O ser humano gosta de ser ouvido e respeitado.

Não adianta fingir que ouviu, a criança percebe. É preciso mostrar interesse, fazer perguntas dentro do seu assunto, assim ela se sentirá integrada à família.

Fazer comentários sobre os assuntos da criança na frente dela é quebrar os vínculos de confiança. A criança espera que os pais respeitem seus segredos; portanto, por mais banais que possam parecer aos pais, é necessário cumprir esse acordo.

Alguns pais pensam que ao contar e recontar suas experiências de vida estão estabelecendo uma relação íntima com o filho. Não é o que o filho sente.

A criança quer falar, ter certeza de que é ouvida e apreciada.

E dos pais, a quem não atribuem o papel de amigos, eles não esperam parceria. Esperam diretrizes e apoio.

Essa dificuldade em aceitar o papel de pai e desejar ser simplesmente amigo será porque não confiamos neles?

Ou será falta de confiança em nós mesmos?

CAPÍTULO IV
UM MAU COSTUME

TRÊS NA CAMA

Eu já trabalhava há três anos naquele colégio, quando a diretora, Dona Rosana, me chamou para uma conversa. Imediatamente, dirigi-me à sala dela para saber do que se tratava.

— *Preciso de sua ajuda* — começou ela um tanto constrangida, para meu espanto.

— *Pois não, no que eu puder ajudá-la* — declarei.

— *É um problema pessoal, conto com sua discrição* — pediu-me ela.

— *Pode contar comigo* — afirmei.

— *Você conhece toda a minha família, frequenta minha casa, mas não tem idéia do problema que estou vivendo desde que minha última filha nasceu* — desabafou.

— O que acontece, Dona Rosana?

Abro parênteses aqui para dizer que a família era constituída de um casal de meia-idade e três filhas adultas, estando a mais nova, em questão, Ana Maria, já com 19 anos.

— Não sei mais o que fazer. A Ana Maria não dorme com as irmãs no seu quarto. Vem sempre dormir no nosso quarto.

— Como? — disse eu assustada.

— Bem, ela é nossa caçula. Sabe como é. Nós queríamos aproveitar ao máximo. Ela dormia entre nós. Nunca usou seu berço.

— Mas vocês não tinham receio de machucá-la?

— Claro, mas tomávamos muito cuidado. Quando percebemos que a cama já estava muito apertada ela já tinha uns 5 anos. Tentamos colocá-la no quarto com as irmãs, mas ela chorava muito.

— O que fizeram?

— O Ermelindo deitava-se ao lado dela, até que adormecesse. Entretanto de madrugada ela acordava e chorava.

— E vocês corriam lá?

— Pois é. Quase todas as noites um de nós dois dormia apertado com ela, em sua caminha, porque ela não conseguia ficar sozinha.

— Mas as irmãs não estavam no quarto?

— Pra ela não bastava.

— E então?

— Então ela cresceu mais e já não cabíamos deitados num colchão de solteiro.

— E o seu casamento?

— Casamento acaba com a chegada dos filhos, não é mesmo?!

— Não! De maneira alguma.

— O meu acabou. Somos pai, mãe e filhas.

— E o que aconteceu depois?

— Depois decidimos colocar um colchão de solteiro, embaixo de nossa cama de casal. Todas as noites, antes de deitar, o

Ermelindo já tira do guarda-roupas sua roupa do dia seguinte, porque de outra forma terá de acordar a Ana Maria, já que o quarto é muito estreito. Ele puxa o colchão, arruma a cama para ela e então se deita.

— E ela vem direto para o quarto de vocês ou dorme no quarto com as irmãs?

— Ah, já não vai mais para o quarto delas. Vem direto para o nosso.

— Para que serve a cama dela lá, então?

— *Para disfarçar com as visitas e parentes.*

— E o que a senhora quer fazer agora?

— Quero mudar a situação. A Ana Maria precisa crescer, precisa aprender a dormir na sua cama.

— Em quais estratégias pensaram?

— Eu pensei. O Ermelindo e a Ana Maria não admitem que temos um problema.

— O que a fez mudar de idéia depois de 19 anos?

— Tenho muita vergonha de admitir e de dizer, mas percebo certa sensualidade na relação entre minha filha e meu marido.

Lágrimas.

MINHA TCHUTCHUQUINHA LINDA!

Sofia, dois anos e meio, filha única, loira, cabelos cacheados, bochechas rosadas. Chega à escola sempre no colo da mãe. Após beijos e abraços, recomendações para não perder os laçarotes dos cabelos, desvencilha-se da mãe e entra triunfalmente puxando sua mochila de rodinhas.

Lá dentro, o mundo é todo seu. Segura, corre explorando todos os cantos; quando cai, procura o colo da professora que ama. Participa das brincadeiras e das atividades propostas adequadamente. Aos poucos já demonstra preferências, já tem ami-

gos. Quando chove, ela grita e chora. Tem medo dos raios e trovões.

Cinco e trinta da tarde. A mãe a aguarda no portão, cheia de ansiedade e com uma saudade imensa. Quando vê a pequena, agacha-se e fala:

— Minha tchutchuquinha linda! Meu bebezinho!

Sofia olha a professora, um tanto constrangida, mas faz beicinho, encolhe o corpo, pula no colo da mãe e deixa de ser menininha. Vira bebezinho!

=Passado algum tempo, os pais são chamados para uma conversa. A mãe vem. Depois pra outra conversa, outra e outra...

Numa visita, a escola é informada que Sofia dorme na cama dos pais, desde que nasceu.

— *Afinal, é tão fofinha, tão pequenininha, não é? É difícil tirá-la do nosso meio* — afirma a mãe, psicóloga.

Pequenas vitórias surgem no meio do caminho. Agora Sofia já dorme numa cama pertinho da cama dos pais. Entretanto, na maioria das madrugadas troca de lugar com a mãe. E, dorme com o pai, seu grande herói.

Sofia fica na escola até os seis anos. Tem muitos amigos. É inteligente, organizada, tolerante, conhece as regras de convívio social, tem senso de justiça. Já lê e escreve.

Tem formatura no pré. Sofia cresceu, já vai pra escola grande. Quanta alegria para toda a família. Vêm mãe, pai, avós, tios, padrinhos... Todos trazem os olhos molhados de emoção! Mas Sofia não aceita mais virar bebê na frente dos amigos.

Na festa ela está plena, Menina, pronta.

Lá vai Sofia...

A mãe continua a procurar a escola para conversar. Agora, ela percebeu que o tempo não parou, que a filha está crescendo, sim! Não é mais a sua tchutchuquinha. Não quer ser.

Mas, que ela, mãe, parou no tempo. Não viu o tempo passar, não pegou o trem das oportunidades profissionais que passou na sua frente. Não podia, tinha um Bebê! Não viu o pai da filha deixar de ser seu marido, deixar de ser seu namorado, namorar somente a filha e depois cair no mundo.

Quantas vezes, lembra ela, dormiu na caminha pra Sofia dormir com o pai! Quantas vezes ouvia os dois gargalhando sobre assuntos que ela não devia saber. E calava.

Quantas vezes Sofia lhe disse que ela era a namorada do pai, e até chamava a mãe de feia, ela era a princesa da casa. E o pai, rindo silenciosamente, confirmava.

Quantas chances de voltar a trabalhar descartava por acreditar ser indispensável em casa.

...

Agora a mãe se questiona porque não percebeu antes o que estava acontecendo. Quanto mal permitiu acontecer para si, para o seu casamento, para o marido e para Sofia.

Um dia, não diferente de tantos outros, pois a distância entre o casal já estava há tanto tempo estabelecida, a Mãe percebeu que o Pai aos poucos levava embora suas roupas e objetos pessoais. Começou a estranhar e só então descobriu que ele chegava muito tarde, três ou quatro vezes por semana. Outras vezes chegava pé ante pé, já de manhãzinha, tomava banho e como quem dormira em casa a noite toda, beijava Sofia e saía novamente, dizendo que estava indo trabalhar.

Agüentou calada enquanto pôde. Em nome da harmonia familiar, viu seu marido afastar-se lentamente até o dia em que, durante um almoço de família, Sofia disse em frente aos pais e avós:

— Meu pai agora dorme quase toda noite em outro lugar. Também minha mãe é toda feiosa, nem sabe namorar. Minha mãe só sabe limpar a casa e cuidar dos cachorros.

A família, embaraçada, não sabia como aliviar a tensão gerada. A mãe decidiu que na primeira oportunidade colocaria um

ponto final no seu casamento. Decidiu que não iria resgatar sua própria história. Não acreditava que conseguiria.

Hoje está sem marido, tentando desesperadamente recuperar o tempo, agarrar as oportunidades, corrigir os erros.

Sofia também sofre. Culpa a mãe porque perdeu seu primeiro namorado, o pai. Como a mãe, também se sente traída pelo pai, que, afinal, foi colocado para fora de casa, mas já começou outra história.

A família toda sofreu. Perdeu-se em excessos e não soube resolver a tempo, não soube perdoar e recomeçar.

DORMINDO NO QUARTO DOS PAIS

Embora esta postura seja reconhecida claramente como errada pela maioria dos pais, é bastante comum encontrar famílias que assumem essa atitude por não saber como lidar com a questão.

Fechar os olhos para o problema e esperar que ele se resolva por si só é o comportamento daqueles que não conseguem impor as regras e se fazer obedecer pelos filhos.

Pais esclarecidos, de boa condição socioeconômica, ainda se angustiam quando o filho acorda de madrugada e eles, pais, precisam dormir porque no dia seguinte têm de trabalhar.

E a maneira mais rápida de fazer uma criança pegar no sono é, de fato, oferecer-lhe segurança e aconchego, na cama dos pais.

No dia seguinte, pai e mãe acordam tortos, com dores no corpo, pois o filhinho dorme "em L". Mas foi melhor do que passar a noite em trânsito entre os quartos, pensam eles.

Estabelece-se um hábito que, sob o aspecto afetivo, pode parecer tranquilizador. Com certeza, noites sem choro serão mais frequentes, mas o grande problema surgirá no futuro.

A criança assume um papel que não é seu. Se for um menino, dormir com os pais é assumir com a mãe o papel masculino. Se

for uma menina, acontece o oposto. Assim a criança aprende que o pai (ou a mãe) é seu parceiro(a); ou melhor ele/ela é o parceiro da mãe/pai. E, assim, passa a desprezar o progenitor do seu sexo e competir com ele.

Este novo vínculo estabelecido é forte e muito mais difícil de romper sem traumas do que aquelas noites de choro na primeira infância.

Mas como lidar com o choro de madrugada?

Antes de tomar qualquer atitude, é importante verificar, pesquisar porque a criança acorda. Algumas percepções podem apontar um problema de fácil solução.

1ª hipótese: Depois de certa idade, já não se admite mais que a criança acorde no meio da noite por fome. Os pais devem certificar-se com o pediatra, como está o desenvolvimento físico de seu filhinho e até quando ele precisa tomar as mamadeiras da noite.

Determinado o momento, fica claro que, se persiste o choro de madrugada, não deve ser fome.

Existe outro problema: muitas vezes, tirar a mamada do meio da noite significa permitir que a criança cresça. Ou, melhor dizendo, enquanto a mãe precisa acordar de madrugada para alimentar seu filho, ela acredita que tem um bebê e dessa forma se sente útil.

É muito difícil para muitas mães e pais deixar o filho crescer, pois isso significa soltá-lo para o mundo. A segurança de ter educado corretamente é fator determinante nessa hora. Mas calma, isso é lá no futuro.

O mesmo acontece em casas que contratam uma babá que dorme com a criança. A babá perde sua função se a criança dormir a noite inteira. Portanto, não se esforçam para romper esse costume. Existem famílias cujas babás ficam permanentemente nas casas, perpetuando maus costumes como a mamadeira do meio da noite, mamadeiras durante o dia, adormecer somente

acompanhado, não se vestir sozinho, não escolher o que come ou veste... e por aí vai.

Outras vezes, acordar de madrugada para cuidar do filho proporciona alívio às culpas dos pais. Ou seja, pais muito ausentes da rotina diária dos filhos sentem-se recompensados quando podem atuar, mesmo reconhecendo que esta não é a melhor maneira, eles não sentem vontade de romper com o mau costume.

Mas voltemos às noites de choro.

Descartada a hipótese da fome, a próxima opção seria algum outro tipo de desconforto. **Quem sabe frio, ou calor, ou insetos, ou dor...**

Nesses casos, a solução é de ordem prática e facilmente encontrada.

Costumam ser casos isolados, que, se solucionados adequadamente, não geram maus hábitos.

Importante é não superdimensionar o problema, na frente da criança. A questão deve ser resolvida de maneira prática, objetiva, rápida e carinhosa. Quanto mais rápido a criança voltar a dormir menor a chance de repetir a dose nos dias posteriores.

Se a criança percebe que, ao acordar de madrugada, recebe mimos e afagos garantidamente institui-se um nova rotina.

Depois de descartar essas opções, pode-se ainda verificar se a criança tem **pesadelos**.

Pesadelos, muitas vezes, são manifestações de intranquilidade no dia-a-dia das crianças.

É importante verificar como foi o dia anterior:

O que a criança viveu diferente da rotina?

Que programa a criança assiste na televisão?

A família está em clima de harmonia?

Houve alguma briga entre os membros da família?

A criança viu a mãe ou o pai muito tristes ou doentes?

A mãe começou a trabalhar e precisou deixar a criança com a avó ou uma babá?

O filtro familiar deve atuar para manter a harmonia e calma na vida do pequeno. Assim sendo, os pais devem preocupar-se em oferecer à criança somente experiências que traduzam sentimentos verdadeiros e bons, evitando toda experiência de agressividade. É natural que na família exista discussão, afinal temos opiniões diferentes uns dos outros. A criança percebe.

Os pais devem privá-la de assistir a discussões, principalmente quando o assunto é ela ou sua educação.

Brigas verbais ou físicas jamais devem acontecer em frente às crianças.

Cabe aos pais tentar resolver os problemas diagnosticados nesta pesquisa noturna. E, depois de resolver e acalmar a criança, fazer com que deite em sua própria cama.

Quando se certificam de que não é fome, desconforto ou pesadelo, então é preciso avaliar outras posturas

Algumas vezes a criança vem silenciosamente e, sem que os adultos despertem, deita-se com eles. Geralmente essa criança já teve a permissão em noites anteriores. Agora, ela já se sente aceita e pratica o ato naturalmente.

Ficou estabelecido um mau hábito. A partir de então, é preciso muita determinação, paciência e luz.

Se a criança for para a cama dos pais, estes não devem permitir que ali permaneça. É melhor que um dos pais levante e deite num colchão ao lado do filho, até que ele adormeça.

Verbalizar o que está acontecendo e as decisões tomadas ajuda a criança a compreender e sentir segurança, ou seja: “Você tem acordado muito durante as noites. Sua mãe e eu não queremos que venha dormir em nossa cama. Nós vamos ajudar você no seu quarto. Vou ficar aqui até que você adormeça”.

Manter uma rotina de horários e estratégias constantes e coerentes é saudável. Estar presente na hora de levar a criança para a cama e fazer isso com amor é uma maneira de se prevenir contra tal comportamento. Conversar um pouco, lembrar o dia que

passou, contar uma história e fazer uma oração são opções carinhosas para o momento.

Não permita que seu filho crie o hábito de adormecer em frente à TV.

Na hora de dormir, o cérebro bem como o corpo precisam relaxar. Embora para muitos adultos a TV sirva de sonífero, ela oferece uma fuga, não permitindo que a pessoa entre em contato com seus próprios pensamentos e sentimentos. Rever o dia que passou antes de adormecer, tentar lembrar a seqüência de acontecimentos é um exercício que produz boas reflexões e ajuda a administrar os próprios problemas.

A passagem do estado de consciência para o de inconsciência, do acordado para o dormindo, produz medo em certas fases da infância. Portanto, esse é um momento precioso, no qual a presença dos pais é fundamental.

Não somente presença física acolhedora, mas principalmente presença que impõe limites e oferece segurança.

“Pode dormir, meu filho. Eu cuido do seu sono” — deve ser a tradução da postura dos adultos.

Uma boa noite de sono alimenta a alma, traz saúde e disposição.

CAPÍTULO V
DECISÕES

A CABRA

A família decidida chegou para uma visita à escola. Os pais, cheios de questionamentos, estavam encantados com o comportamento do seu garoto de dois anos, que timidamente se foi soltando e logo brincava e ria na caixa de areia.

Embora quisessem ouvir minhas respostas, seus olhos deleitados de prazer estavam fixos no filhinho.

Convidei-os a me acompanhar até a Sala de Reuniões.

— *Não! Agora ele está tão feliz* — responderam quase em uníssono, apontando o menino.

— *Vamos avisá-lo aonde vocês vão e, se ele quiser, a professora o levará até vocês. Pode ser?* — sugeri.

Após se entreolharem, aceitaram a sugestão.

Os pais haviam-se preparado, traziam consigo perguntas escritas para esclarecer suas dúvidas.

Entre chás, cafés, perguntas e respostas, o tempo foi passando, e o menino não apareceu. Então, de repente, a mãe deu um salto na cadeira:

— *Onde está meu filho?* — perguntou assustada.

— *Provavelmente onde combinamos que estaria* — respondi.

— *Será?* — questionou o pai.

— *Vamos até a janela observar?* — convidei.

Lá do alto, descobrimos o garotinho correndo atrás das ovelhas com a professora e um grupo de crianças.

Os pais estavam deleitados. "*Como é esperto o nosso filhinho!*"

No portão, a despedida.

— *Você gostou desta escola, meu filho?* — perguntou o pai.

A criança me olhou tímida e balançou a cabeça em sinal afirmativo.

— *Telefonaremos para você, depois que visitarmos outras escolas* — me asseguraram eles.

Dentro de uma semana, recebi o seguinte telefonema:

— *Queremos agradecer sua atenção e o tempo que gastou conosco. Gostamos muito da escola, mas... o fato é que...* — estavam constrangidos — *nosso filhinho prefere a outra escola onde tem uma cabra.*

Compreender porque uma cabra e não uma ovelha é fácil. Simples questão de preferência infantil. Aceitável.

Difícil é compreender a inversão de papéis. Os pais não conseguem determinar o que é bom para seu filho. Receiam tomar uma decisão contra sua vontade, querem satisfazê-lo por medo de perder o seu amor.

A decisão tomada foi baseada na opinião da criança. De fato, foi a criança quem tomou a decisão, os pais aceitaram e verbalizaram.

Quem vai arcar com a responsabilidade de uma opção errada?

O garoto?

É PERIGOSO!

A mãe veio visitar a escola com sua filhinha. O dia estava ensolarado. Embora tão pequenina, a criança permitiu-se correr e explorar espaços com muita intimidade. Os olhos da mãe corriam atrás da pequena agilmente, transparecendo grande receio. A mãe tentava ouvir as respostas às perguntas que fizera, mas não conseguia.

Subitamente a mãe dispara e agarra a mãozinha da filha, que a olha com raiva, gritando por liberdade.

— *Minha filha ainda é tão pequena, não pode correr sozinha. É preciso que alguém fique sempre de mãos dadas com ela!* — justifica-se.

A criança tenta soltar-se, mas não consegue. Estabelece-se um jogo de forças e poder entre elas.

A mãe, tentando disfarçar, pergunta:

— Quem fez este terreno assim inclinado? É perigoso!

— *Foi a Natureza! É ótimo para as crianças!* — respondo.

Vamos chegando perto da casa dos animais. A menininha insistente rebela-se e sai em disparada. Curiosa, mas receando nova investida da mãe, agarra a mão de uma professora e entra no galinheiro em busca de ovos.

Então a mãe permite-se relaxar e volta às suas perguntas, até perceber dentro do galinheiro a presença do Waldir.

— Quem é aquele homem?

— É nosso handy-man, cuida da manutenção interna da escola.

— Eu não quero minha filha numa escola que tenha homens.

— Por quê?

— Não pretendo lhe dar justificativas. Estou aqui para conhecer esta escola.

— Este não é o único homem aqui dentro. Infelizmente são poucos, mas temos um professor, um jardineiro e também um segurança.

— *É perigoso!*

— Discordo. A presença masculina é importante. Enriquece o universo feminino da Educação Infantil.

A mãe, do lado de fora do galinheiro, grita o nome da filha, que agarrada a um coelho finge não ouvir. A professora chama a atenção da criança e leva-a até a mãe.

— *Vamos conhecer as salas?* — pede-me ainda.

— *Vamos sim* — aceito o convite.

Eu, a mãe agarrada à filha e a filha agarrada ao coelho seguimos o roteiro de apresentação das salas. Poucas perguntas e poucas explicações.

Já no portão, ela agradece minha atenção enquanto luta novamente com a filha para que ela solte o coelho.

Enfim, lá se vão as duas. Mãos agarradas, com medo da vida!

QUEM DEVE DECIDIR?

“Você gostou desta escola?”

O segundo rompimento do cordão umbilical é deveras muito árduo. A decisão pelo **Momento** certo de enfrentar a separação e escolher a **Escola**.

O nascimento de nossos filhos não depende de nossa decisão. A natureza é sábia, ela impõe suas próprias regras. Claro que se dependesse de nós, mães, embora muitas vezes cansadas pelo peso adquirido durante o processo de gestação, preferiríamos manter nossos bebês no aconchego e segurança dos nossos úteros.

Enfim é chegada a hora de nova separação. A mãe precisa ou quer retomar sua carreira profissional, ou, embora a mãe possa estar em casa por mais tempo, a criança precisa aprender a conviver com outras crianças.

É preciso enfrentar, esta é uma decisão que cabe aos pais!

Mas, como escolher a escola?

1. É muito importante que os pais pensem antecipadamente:

- Quais são suas expectativas em relação à escolaridade de seu filho?
- O que consideram primordial dentro do universo escolar?
- Coloquem em ordem de prioridade o que tem maior peso na decisão: filosofia, metodologia, preço, estrutura física, higiene, localização, segurança, formação dos professores, carinho...

2. A partir de então, iniciem a busca:

- Conversem com conhecidos e até com desconhecidos sobre as escolas que seus filhos freqüentam ou freqüentaram.
- Procurem em *sites*, jornais e revistas.
- Agendem a visita para ter melhor atendimento.
- Marquem a visita durante o horário escolar, assim podem observar se as crianças estão alegres e se os profissionais são carinhosos.
- Visitem mais do que duas escolas.

3. O que observar? O que perguntar?

- Se possível, pai e mãe devem ir juntos, a decisão e as consequências dela devem ser compartilhadas.
- Não permitam que o fascínio ou a ansiedade desse momento disperse sua percepção, se preciso voltem ou telefonem novamente para esclarecer dúvidas.
- Fiquem atentos às prioridades que levantaram no item número 1. Elas servem de diretrizes para suas perguntas.
- A maioria dos pais desconhecem metodologias, não se acañhem em perguntar tudo o que ignoram.
- Verifiquem se existe coerência entre o discurso de apresentação e o que está acontecendo na escola.

- O relacionamento entre os adultos mostra como funciona a equipe, portanto observem.
- Registrem suas observações.

4. A criança pode ir junto nas visitas?

- Certamente o contentamento demonstrado pela criança em cada escola visitada pode contribuir muito na decisão. Portanto, esta será menos coerente se a criança for junto e, pior ainda, se opinar.
- A criança não pode ou deve arcar com a responsabilidade e com as conseqüências dessa decisão tão importante.
- Cabe aos pais passar ao filho sua decisão de maneira segura e então levá-lo a conhecer a ESCOLA que escolheram.

5. Como adaptar meu filho?

- As escolas diferem em estratégias de adaptação. Você deve conhecê-las e concordar com elas.
- Siga as estratégias colocadas, demonstrando tranqüilidade ao seu filho.
- À coordenação você pode deixar transparecer os seus sentimentos e dúvidas durante o processo.
- A adaptação mais difícil costuma ser a da mãe.
- A criança vive cinco adaptações distintas, simultaneamente, mas vencidas uma a uma: separar-se da mãe, conhecer os adultos da escola, os amigos, o espaço físico e a rotina.
- Saiba que a maior dificuldade para seu filho é a separação da mãe, portanto se você não estiver segura a criança percebe e chora.
- Não sobrecarregue seu filho com perguntas sobre o que ele viveu dentro da escola, isto denota insegurança.
- Diga: *"Agora vou trabalhar, boa escola!"*, e na volta: *"Como foi na escola?"*.

- Ouça o que seu filho diz e faça novas perguntas sobre o que ele relatou, mas não insista em suas dúvidas — estas você pode esclarecer na escola.
- Demonstre ao seu filho que acredita e confia nas pessoas que trabalham na escola, verbalize!
- Cada criança e cada família tem um tempo todo próprio para viver essa fase. Portanto, não fique fazendo comparações com outras famílias.
- Não faça comentários na frente de seu filho.
- Permita que seu filho cresça!

A parceria entre os pais
e a escola

será traduzida no desenvolvimento pleno da criança se for estabelecida sobre valores mútuos de total confiança, respeito e coerência.

Somente dessa maneira se complementam, sem jamais competir.

Essas sugestões para escolher a escola mostram claramente que a decisão é dos pais. São eles os responsáveis pelas consequências de tal escolha. São eles que precisam confiar e traduzir essa confiança em atitudes para passar segurança ao filho.

A criança percebe a insegurança dos pais através de palavras ou da expressão facial e até mesmo corporal.

Como a criança pode confiar em pais que a deixam com pessoas em quem não confiam? Os pais devem verbalizar elogios aos professores/escola para que a criança escute e assim se sinta amparada e tranqüila. De outra forma, vai haver choro e birra até mesmo em casa na hora de colocar o uniforme.

Esses elogios devem ser verdadeiros, sem exageros. Simples e práticos: *“Muito bom o trabalho que você fez com sua professora. Ela é muito boa”*.

A criança, que tudo percebe, compreenderá a mensagem intrínseca aí inculcada e vivenciará experiências tranquilas no ambiente escolar.

Enquanto não tiver condições de arcar com as conseqüências de seus atos,

quem toma as decisões são os pais.

Eles precisam confiar em sua própria capacidade de decidir e permanecer abertos, em contato com os profissionais da escola, ouvindo e relatando o que consideram importante.

Ouvir a criança, perguntar-lhe mais e compartilhar com a escola contribui para um trabalho completo em que parceiros (escola e família) se ajudam e se complementam em benefício do desenvolvimento da criança.

As ciências vêm evoluindo significativamente desde o século passado. Procurar o melhor profissional na maioria das áreas significa procurar o mais estudado, mais atualizado. É o que fazemos quando precisamos de médico, dentista, advogado, engenheiro, arquiteto, administrador, publicitário...

Infelizmente, na área da Educação a ignorância se estabelece e a busca pelo melhor continua de maneira equivocada, sendo aquela que se assemelha ao que os próprios pais tiveram. Isso faz com que as escolas retrógradas sejam vistas como melhores. Afinal, pensam os pais, deu certo para mim, vai dar certo para meu filho. Toda a dedicação e estudo são menosprezados e o arcaico confunde-se com o bom. Outras vezes laboratórios, cantinas, quadras e piscinas determinam modernidade em detrimento de filosofia e metodologia.

É importante conhecer para poder optar.

CAPÍTULO VI

APRENDER

AULINHA DE APRENDER

Um casal chega à escola para uma visita. Estão procurando uma escola para a filha de quatro anos, Ana Helena, que está saindo de outra escola por motivos não verbalizados. É estranho, pois a escola anterior é no mesmo bairro. *O que teria acontecido para que mudem de escola?* — questiona-se a coordenadora que os recebe.

Depois das apresentações, são convidados a uma caminhada. Enquanto passeiam pelo quintal e pelas salas, a coordenadora vai explicando quais desafios são propostos para as crianças em cada local. Ela procura deixar claro a estratégia básica dos trabalhos em ateliês, na sua escola, ou seja, as atividades são realizadas a partir da curiosidade das crianças. Existem opções, cada criança pode escolher no que vai trabalhar; mas a escolha é uma obrigação a ser realizada de acordo com sua própria habilidade e interesse. Tem começo, meio e fim.

Durante a apresentação, Ana Helena caminha ao lado dos pais. Quando passam pelo ateliê de produção de biscoitos, ela manifesta curiosidade, e a professora a convida a participar. Imediatamente a mãe intervém:

— *Você não ouse, sair do meu lado!* — diz com a voz baixa e séria.

Ana Helena baixa os olhos e continua ao lado dos pais.

A caminhada de apresentação continua. O pai quer saber:

— *Mas não tem aulinha de... de APRENDER?*

A coordenadora, então, acredita que querem saber sobre a alfabetização.

— Sim, claro, existe toda uma proposta de envolvimento com as letras. A partir de cinco anos a criança é levada a frequentar um ambiente estimulador de sua curiosidade para o mundo letrado.

E passa então a explicar como a escola promove os desafios na área cognitiva.

O pai demonstra interesse e faz perguntas sobre os conteúdos ensinados.

A coordenadora se desdobra, tentando fazê-los compreender que os conteúdos acontecem de acordo com os interesses dos grupos. A Educação Infantil não tem *curriculum* ou conteúdo obrigatório.

Então, subitamente, a mãe muda a direção do assunto:

— E a disciplina, como é? Nossa filha é muito indisciplinada. Tanta liberdade de escolha, será que vai dar certo com ela? Lá em casa ela só se comporta se apanhar. Está saindo da outra escola porque não se comportava. Nós não entendemos, pois nos haviam dito que eram muito rígidos com relação à disciplina, até castigavam se necessário. Claro que os castigos não eram físicos. Acreditamos, mas não deu certo. Ela continua impossível, e a escola não fez nada. Ela precisa apanhar, senão morde e bate nos coleguinhas. Como vocês resolvem esse tipo de problema?

— *Por favor, Cíntia, não combinamos em casa que não nos exporíamos tanto?! —* manifesta-se o pai, demonstrando estar constrangido.

— Mas eu preciso entender o que elas vão fazer. Quero explicar-me melhor. Quando a Ana Helena era pequena, era muito boazinha, não dava trabalho. Por isso, fazíamos todas as suas vontades. Mas, de repente, não entendemos o que houve, ela cresceu e sua índole apareceu. Ficou arteira e desobediente.

Pacientemente, a coordenadora tenta explicar o valor do amor, do elogio e do aconchego nas relações humanas. Os pais não compreendem a importância do brincar, desconhecem o trabalho da Educação Infantil, são totalmente ignorantes a respeito do que é a infância.

Durante os breves minutos de uma visita, ela precisa dar aos pais muitas respostas. Mas não desanima, pois é preciso mudar a forma de olhar a infância e a Educação Infantil. Não somente para que se abram as pontes escola/família, por onde a criança e a família devem transitar complementando uma o trabalho da outra; mas também e principalmente para que os casais percebam o que estão fazendo com seus filhos, descubram como fazer do seu próprio jeito com amor e segurança.

○ BRINCAR

Há alguns anos, tive a oportunidade de participar de um Congresso Internacional promovido por uma ONG denominada IPA* — *International Association for the Child's Right to Play*.

Durante aqueles dias, ouvindo educadores de diferentes países, mas sempre do chamado Primeiro Mundo, discutia-se o Brincar com muita seriedade.

* IPA — para conhecer entre no site www.ipaworld.org

Lembro-me claramente do sentimento de tristeza que me invadiu. Que sociedade é esta na qual estamos inseridos que precisa discutir o BRINCAR? O que estamos impondo aos nossos filhos e a nós mesmos? Será que em breve estaremos em congresso discutindo o LAZER, O DORMIR, O RESPIRAR, O AMAR?

Todo amadurecimento precoce gera frutos frágeis, com menor vida útil. Acelerar processos não traz garantia de sucesso. É preciso respeitar o tempo de maturação de cada ser. E, afinal, na vida há tempo para tudo.

Entretanto, é preciso que tenhamos consciência de que o progresso tecnológico está impondo novos comportamentos às nossas famílias. Não podemos isolar nossas crianças e colocá-las numa redoma de vidro, num mundo falsamente perfeito.

Foi-se o tempo de brincar nas ruas, ir para a escola somente no segundo setênio de vida, mães em casa cuidando da prole exclusivamente... É preciso refletir.

Atualmente, a sociedade por si só já impõe um desenvolvimento muito diferenciado às nossas crianças. Tantas são as novidades a cada dia. Já não sabemos exatamente o que comemos, bebemos, assistimos, jogamos, lemos...

O respeito pelo brincar deve ser levado a sério. A brincadeira vai garantir um amadurecimento adequado. É brincando que a criança aprende as questões mais importantes da vida, entre elas que quando perde um jogo o mundo não acaba, pois o jogo pode recomeçar...

Brincando a criança desenvolve os quatro pilares do conhecimento: aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a viver e aprende a ser. Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento de outras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo.

Neste momento em que as famílias estão buscando novas fórmulas para organizar os papéis da vida doméstica e profissional, é importante que os casais conheçam a importância do brincar na vida da criança.

Hoje tive um dia especial. Fui com a Natasha, professora da minha escola e estudante de Pedagogia da PUC, conhecer a Cidade Escola Aprendiz.

Quero falar só um pouquinho da Natasha:

No dia em que a conheci, enquanto a entrevistava, desenhei um coração em seu currículo, durante nossa conversa. Eu senti o pulsar de seu coração de educadora. Ela ainda cursava Relações Internacionais. Queria trabalhar na escola, só pra fazer um bico e ajudar a pagar a faculdade. Mas, eu não me enganara. Em menos de um ano, ela decidiu mudar de curso: Pedagogia.

Ela é apaixonada, apaixonante. Apaixonada por seus sonhos, sonhos de pessoas melhores, vivendo num mundo mais justo. Apaixonante porque, apesar de seus 20 anos, envolve seus ouvintes com tanto prazer no que diz e no que busca, demonstrando uma maturidade que não cabe em sua idade. Como se tornou assim? Tem uma mãe ímpar, freqüentou uma escola ímpar.

Decidimos ir e fomos, sem marcar hora, sem grandes pretensões. Segunda-feira, nós duas com placa de final dois. Tivemos de esperar o horário para entrar em São Paulo. Respeitamos o rodízio.

Quando chegamos, o impacto visual já foi emocionante. A gente se sente num filme, tem grafite espalhado por todos os lados. Que artistas!!

Um grupo de estudantes de Pedagogia, acompanhadas pelo seu professor, tinha uma guia que explicava e apresentava os espaços e propostas. Discretamente nos integramos a eles. Mas a visita deles já estava chegando ao final. Sentadas à sombra da praça, sob o telhadão de sapé, a guia se propôs a responder mais algumas perguntas. Aquelas estudantes apáticas, de olhar vago, não sabiam o que perguntar. Elas não tinham sede de aprender.

Natasha e eu desfiámos nosso rosário de perguntas e o professor, que trouxera seu grupo de alunas, um tanto embaraçado

pela postura delas, manifestou-se prolixamente falando da Faculdade onde leciona.

De repente, mais algumas moças chegaram, um tanto constrangidas, desculpando-se pelo atraso. A guia, que agora já sabíamos chamar-se Mônica, diz:

— *Não tem problema, elas também chegaram tarde* — apontando para nós que então tivemos de revelar nossa verdadeira identidade e proveniência.

Em seguida, chegou a Cilena, que se sentou conosco e também se dispôs a responder. Acho fantástica esta postura de “responder”; afinal o aprendizado tem de ir de encontro à curiosidade do aprendiz.

A Cilena deu um lindo banho de sabedoria e humildade em todos ali presentes. Quem dera tivéssemos um gravador para registrar suas palavras. Das poucas que me lembro, algumas transcrevo aqui:

“Somos um laboratório pedagógico. Não temos pretensão de acertar sempre. Sabemos que ao buscar a melhor prática viveremos erros. Mas são nossos erros reconhecidos que nos fazem refletir e tentar novamente de outra maneira, assim vamos indo e encontrando novos caminhos”.

Depois a Cilena nos levou a passear pela Escola. Enquanto caminhávamos, sonhávamos nosso sonho. Realizar um projeto semelhante em nosso bairro. E rimos, imaginando que a grande maioria dos visitantes que por ali passa sonha também esse mesmo sonho.

Eu quis saber da Cilena qual é a grande dificuldade para sair do sonho para a realidade, ou melhor, o que ela considera ponto de partida. Sua resposta foi o dinheiro... mas assegurou-nos que com vontade e garra se realizam sonhos de ação social, mesmo sem dinheiro.

Nessa hora a Natasha me contou que no domingo fora com sua família comer uma *pizza* no centrinho da Granja e que lá havia assistido a uma cena que a deixou perplexa.

Numa mesa próxima, dois casais com crianças pequenas também encerravam seu final de semana. De repente, um cachorro vira-latas entrou na varanda da pizzaria, e um dos homens da mesa ao lado tira do bolso uma bombinha e joga no animal que, em disparada, desaparece do recinto. A Natasha imediatamente verbalizou sua indignação e só percebeu sua própria atitude porque sua irmã a chamou de volta ao seu lugar.

Esta pequena história ela me contou naquele momento pra dizer que as questões do dinheiro, mencionadas pela Cilena, são de fato relativas. E, de fato, são.

Para encerrar nossa manhã, decidimos almoçar no Café Aprendiz. Ambiente aconchegante, pessoas bonitas, cardápio impecável. Nosso almoço foi uma salada suavemente temperada e uma deliciosa quiche de alho porró.

Em meio aos nossos devaneios, vimos subitamente um garçom, menino aprendiz, trazendo numa bandeja de isopor improvisada uma generosa porção d'água, que ele cuidava para não derramar. Então, ali mesmo, agachou-se e ofereceu a um cachorro que adentrara ao Café. Boquiabertas e extasiadas, colocamos o ponto final na nossa manhã acreditando que acima de tudo é preciso EDUCAÇÃO.

PRESENTE OU FUTURO?

Diariamente me deparo com mães, às vezes com mães e pais que estão buscando respostas para a educação formal de seus filhos. Essas pessoas querem encontrar respostas para perguntas que de imediato não conseguem formular. De fato, têm uma grande dificuldade, pois não sabem ao certo o que querem.

Quanto menor a criança tanto mais os pais estão preocupados com cuidados físicos, nutrição e carinho. À medida que a criança cresce, começam a pensar nas informações que lhe serão oferecidas.

O pai, a quem socialmente é imposto o papel de provedor da família, tem dentro de si essa necessidade premente. Ele tem preocupações de natureza assistencial para com todos os membros de sua família. Ele procura suprir carências de ordem prática: alimentação, moradia, saúde, estudo... Embora nos nossos dias muitas mães trabalhem, ele ainda se sente pressionado por essa função. Assim, para ele, a grande preocupação em relação ao filho é que ele também consiga ser um provedor digno para sua própria família. Isto, é claro, dentro dos mesmos padrões socioeconômicos que ele, pai, pode oferecer ao filho; ou melhores.

E, para que isso se realize, o pai acredita que a prioridade na educação de seu filho deve ser a formação profissional. Então desde que entra na escola, o pai quer que seu filho "aprenda". Melhor dizendo, ele quer que seu filho memorize conteúdos, desenvolva-se cognitivamente, pois o pai está focado no **futuro** do filho.

A mãe, que muitas vezes não é mais somente uma dona de casa, tem seu papel na sociedade ampliado. No afã da luta pela igualdade de direitos, ela herdou outras funções além da materna. Antes a ela cabia somente o papel de administradora do lar e também das questões sociais, morais e afetivas.

A partir do momento em que a mulher saiu de casa para trabalhar, teve a si atribuídas outras funções. Agora ela divide com o homem as responsabilidades financeiras e continua executando sua antiga função, muitas vezes integralmente, sem a ajuda do parceiro, que ainda não está acostumado a compartilhar as questões domésticas.

A partir desse momento também mudou o significado da infância, que passou a ser mais relevante socialmente. O papel da

criança na família, bem como na sociedade mudou, assim como o da mulher. E, nesta acomodação de papéis e funções é preciso paciência, questionamento e discernimento. Enquanto a mulher busca respostas para as situações novas em que se vê envolvida por si só ou com seu parceiro, a criança não tem condições de fazer o mesmo.

Ela vivencia muitas situações de caráter experimental. Os pais e a sociedade demonstram muitas vezes não saber como lidar com a criança, pois a concepção de infância está em permanente construção. Então, a relevância que é dada à criança transforma a vida familiar num verdadeiro teatro, em que as personagens reverenciam um rei infantil. A vida familiar passou a girar em torno do "pequeno rei". A sociedade de consumo explora essa questão, oferecendo cada vez mais brinquedos e diversões que os pais, na tentativa de livrar-se de suas sofridas culpas, adquirem impulsivamente muitas vezes até com grande sacrifício. E os pais que têm tanta dificuldade em dizer não, satisfazem todos os desejos de seu filho impedindo que ele aprenda a esperar ou a lutar para conseguir o que deseja.

Assim sendo, as expectativas da mãe em relação ao filho estão confusas, pois ela está confusa em relação a si mesma. Ela almeja para si e para a família uma vida equilibrada e harmoniosa, mas como chegar lá? Em princípio ela deseja o filho nutrido, limpo e tranqüilo, mas também não sabe como alcançar esse desejo. Isto é o momento presente.

O presente está conosco a todo instante; nos permite rir e sonhar, nos faz sofrer hoje. Os sonhos de futuro vão-se realizar ou não. Estão distantes, não precisamos chorar por eles hoje, quem sabe...

A mãe, tão cheia de mudanças, que representa o presente, e o pai, que exige um futuro, entram em desarmonia em relação às expectativas da educação da criança.

A criança é criança hoje, rica em suas características como criança, plena de anseios e curiosidade. É preciso compreender

e aceitar que cada idade tem suas próprias especificidades, a infância não pode ser vista meramente como o tempo da preparação e dos cuidados. Cada idade tem sua identidade e não pode somente estar em função da outra idade. Portanto, deve ser vivida plenamente em sua totalidade sem ser submetida a futuras vivências que muitas vezes não chegam. A infância e a adolescência não podem ser sacrificadas em nome do vestibular, do adulto perfeito, do profissional...

É importante e necessário que a vivência de cada fase de nossa construção enquanto seres humanos seja total e permita uma realização própria e assim cada fase exige uma educação própria e não um simples preparo para outra idade. Esta educação só se realiza à medida que se respeitam as características e especificidades de cada fase da idade.

A brincadeira faz parte de todo o aprendizado durante a infância. Não somente na escola mas em todos os lugares. É preciso considerar que somos seres lúdicos, bem como intelectuais e conscientes.

Vale repetir aqui as palavras do poeta e filósofo alemão Schiller (1759-1805): "...o homem só é inteiramente humano quando brinca".

Através da brincadeira a criança aprende a construir e seguir regras. Aprende a compartilhar objetos, a expressar sentimentos e vontades, a respeitar o outro, a resolver conflitos e a ser tolerante. A criança que, de maneira lúdica, trabalha e estuda incorpora o aprendizado, porque aquilo que proporciona prazer em ser realizado raramente fica perdido.

Propiciar o encontro harmonioso das três personagens que fundamentam a família é a meta para uma boa convivência hoje e a garantia de um futuro almejado. Pai, mãe e filhos vivenciando seus papéis adequadamente hão de gerar uma sociedade sábia em muitos âmbitos, sejam morais, religiosos, sociais ou profissionais. A solidez de nossos princípios e atos é o exemplo que educa.

Encontrar um equilíbrio entre as ansiedades do pai, que estão no futuro, e as da mãe, mais focadas no presente, é algo como encontrar equilíbrio entre a razão e a sensibilidade. O importante nessa relação é que atuem juntos. Um não pode dominar o outro. Somente dessa forma se complementam e completam proporcionando ao aprendiz oportunidades amplas.

CAPÍTULO VII

ATUANDO

MEU FILHO QUER SER ATLETA

Quando Otávio tinha 4 anos, a mãe, Luciana, achou importante que aprendesse a nadar. Traria tranqüilidade para todos e segurança para ele. Foi às páginas amarelas procurar uma escola perto de casa. Fez alguns telefonemas e depois descobriu que seu sogro freqüentava uma delas e gostava. Decidido.

Primeiro dia de aula. Otávio sempre foi tímido e resistente a mudanças, portanto convencê-lo também foi parte do processo. Passaram numa loja para que ele tivesse a satisfação de comprar sua sunga de nadador e lá se foram felizes.

Luciana ajudou-o a trocar-se e, então, foi encaminhada para uma sala envidraçada de onde observou o constrangimento do seu menino, magrelinho, branquinho e de olhos arregalados procurando-a por trás do vidro embaçado. Mas ela estava decidida: ele precisava aprender a nadar!

O professor chegou e ordenou que os meninos corressem em volta da piscina por alguns minutos. Depois de aquecidos, foi-lhes permitido pular na água.

Otávio era a única criança que estava começando naquele dia, por isso a mãe foi informada de que o professor se “dedicaria” mais a ele. Nas primeiras aulas o professor se concentraria para que seu filho perdesse o medo da água. A mãe avisou que Otávio não tinha medo da água, simplesmente ainda não nadava.

Enfim, o professor pegou Otávio pelos braços, balançou-o e lançou-o na piscina. Luciana viu seu filho afundando e retornando à superfície, onde o professor já o aguardava para nova brincadeira. Foram três caldos sucessivos, mas Otávio, assustado, não chorava. Quando Luciana se deu conta, já estava com o Otávio nos braços, toda molhada, acalmando o filho que soluçava baixinho. Sem raciocinar, adentrara no espaço da piscina e resgatara seu filho dos braços do professor. Já estava feito. Saiu daquele ambiente rapidamente, envolveu seu filho no roupão e, para que tivesse certeza de que sempre o protegeria, levou-o consigo até a sala do diretor. Foram seguidos passo a passo pelo professor. Lá chegando, ela relatou os fatos da maneira mais fria que pôde. O Diretor se posicionou ao lado do professor, insistindo que aquela era de fato a melhor estratégia para a primeira aula. Pedia que Luciana desse mais uma oportunidade ao seu “**próprio filho**”. *Oportunidade de quê?* — pensou ela.

— *NÃO! Meu filho não volta a esta escola! Não acredito em suas estratégias!* — conseguiu dizer.

E ouviu então a resposta que lhe deu certeza de estar agindo certo:

— Como a senhora quer que seu filho se torne um atleta sem cooperar?

— *Quem lhe disse que EU quero que meu filho se torne um atleta? Eu quero que meu filho queira vir às aulas e que aprenda a nadar. Se ele gostar, se se sentir bem no ambiente, quiser ser um atleta, então eu apoi-*

arei e estimularrei. Mas antes preciso levá-lo a uma escola de natação aonde ELE queira ir — respondeu convicta.

Não deixou passar muito tempo. Não queria que essa experiência marcasse seu filho de maneira negativa. Tinham de enfrentar a situação.

Luciana iniciou nova busca a uma BOA escola de natação. Agora com mais referências do que era importante. Encontrou uma escola, bem longe da sua casa, mas valia a pena. Lá as primeiras aulas estavam baseadas em sustentar vínculos de afetividade, depois em brincar com a água, fora da piscina. Em determinado dia, sem receber ordem alguma, Otávio pulou na piscina, no rasiño e iniciou-se então o processo de aprender a nadar.

Hoje Otávio já está na Faculdade. Ele me relatou essa história com muito orgulho de sua mãe. Não se tornou um atleta da natação, joga tênis. Mas sabe nadar e não tem medo da água. Ele sabe que sua mãe o ama e que sua família é seu porto seguro.

Conversando sobre a adaptação de Pedro, 2 anos, na escola de Educação Infantil, relatando o quanto ele procura pela professora, com quem estabeleceu um excelente vínculo, conversa vai, conversa vem, os pais me contaram que viveram a mesma história que o Otávio me contou. Fiquei pasma. Dezesesseis anos se passaram e ainda está acontecendo a mesma situação.

Mais pasma ainda fiquei ao saber a atitude dos pais perante o fato:

— Não fizemos nada, a escola é famosa, deve saber o que está fazendo. Mas concluímos que o Pedro não está preparado para aulas de natação. Talvez jamais se torne um atleta. Tudo bem, é de família, todos somos voltados mais para a área intelectual.

O ESTORVO

Quando Renata tinha sete anos de idade, a família mudou-se de um apartamento para uma casa, e os pais cumpriram a promessa de comprar um cachorro.

Todos se apaixonaram pela pequena e travessa bola de pêlos, e Renata transformou-o em grande amigo e confidente.

Foram anos de passeios pelas calçadas do bairro. Os cuidados e prazeres eram compartilhados por todos. A casa, embora distante da cidade, tinha grandes atrativos para as crianças.

Mas os filhos cresceram e já não usufruíam o quintal e nem queriam mais ajudar a cuidar do jardim. Aquele lindo banco, que fora colocado sob o flamboyant para momentos de leitura, estava abandonado.

Com os filhos na adolescência, a casa repentinamente tornou-se muito distante dos locais preferidos por eles.

Os pais decidiram mudar novamente. Enfim, chegara a hora de priorizar suas próprias necessidades. Então escolheram um bairro próximo ao trabalho do marido e um apartamento, pois a mãe acreditava que daria menos trabalho, não tendo um quintal para cuidar.

E assim foi feito. Entretanto, os passeios com o pequeno animal, antes realizados por puro prazer, agora eram uma necessidade diária.

A família resolveu montar uma tabela com as escalas apontando horário e pessoa que levaria o bichinho para fora. Em princípio, tudo parecia tranqüilo. Mas, com o passar dos meses, a tabela começou a ser desrespeitada e passear com o cachorrinho tornou-se um estorvo. Além disso, constatou-se que ele soltava muitos pêlos dentro de casa, o que deixava a mãe bastante incomodada.

Renata continuava amando seu cachorro, entretanto descobrira outro grande interesse. O namoro.

A mãe, então, decidiu incluir nas funções da empregada o passeio com o cachorro. Mediante um aumento de salário, a empregada aceitou a nova tarefa.

Tudo parecia tranqüilo até o dia em que Renata assistiu ao passeio que a empregada fazia com o seu amado animal. De longe, ficou observando o cachorro ser arrastado raivosamente. A empregada, impaciente, não permitia que o cachorro parasse para cheirar cada poste por onde passava. Renata constatou que decididamente ela não sabia passear com animais. Sorrateiramente acompanhou o retorno ao apartamento. Então, com grande ira, contou para a mãe o que observara. A empregada não negou. Indignada e inflamada por ter sido espionada por uma *fedelha*, dizia improperios e mandingas contra Renata.

A mãe não se alterou. Fez algumas poucas perguntas às duas e ouviu respostas até certificar-se do ocorrido. Então, simplesmente demitiu a empregada, alegando que não podia admitir uma pessoa que gritasse com sua filha daquela maneira.

Renata sentiu-se constrangida com toda a situação que criara, principalmente por causar a perda da empregada para a mãe. Mas o olhar da mãe denotava apoio. Ela sabia que errara, mas a mãe amorosa estava ao seu lado.

A mãe esperou algum tempo, até que a empregada arrumasse suas coisas e partisse; então procurou por Renata e disse:

— De agora em diante, você é responsável integralmente pelo seu cachorro.

Renata percebeu que não havia espaço para contra-argumentações. Aceitou o fato e encarou a responsabilidade.

Hoje Renata ainda traz vivo na lembrança o apoio que a mãe lhe deu naquele dia, o quanto se sentiu amada e protegida por ela.

○ ÁLBUM DE FIGURINHAS

Vi uma cena de um filme que me encantou e passo a relatar aqui como exemplo de apoio.

Um menino de uns nove anos chega para o pai, muito envergonhado e receoso, e conta que pegou sem pedir um álbum de figurinhas de um amigo da escola. O pai lentamente formulou algumas perguntas.

Primeiramente quis saber o porquê. O menino respondeu que foi um impulso, desejou e pegou. Então o pai continuou:

— Quando foi?

— *Semana passada.*

— E o que você fez com o álbum?

— *Deixei-o escondido, com medo de que você ou a mamãe descobrissem.*

— Onde está o álbum agora?

— *Já levei para a escola e, sem que meu amigo percebesse, coloquei de volta em sua mochila.*

— E por que você decidiu me contar?

— *Porque estava me sentindo mal.*

— Sabe, meu filho, quando eu era jovem, também peguei um livro de um amigo. Era um livro lindo e caro. Meus pais não podiam me comprar um daqueles. Mas minha mãe descobriu e me levou à casa de meu amigo para que eu devolvesse. Depois ela me deu um grande castigo.

— *Você quer que eu conte ao meu amigo o que fiz?*

— Você se sentiria melhor?

— *Não. Eu me sentiria mais envergonhado ainda.*

— Seu amigo já comentou que encontrou o álbum?

— *Sim.*

— O que ele pensa que aconteceu?

— *Não sei. Você vai me dar um castigo?*

— Não! Tenho certeza de que você já aprendeu a lição.

O menino, então, se levanta para sair da sala. Já na porta, olha para o pai e diz:

— *Obrigado, pai. Eu nunca mais farei o mesmo!*

— Eu tenho certeza disso. Sei que posso confiar em você.

APOIO E ELOGIOS

Todo ser humano gosta de receber elogios, independente da idade. Os frutos de um elogio são muito favoráveis aos relacionamentos. É importante que os pais saibam usá-los. Em contrapartida as reclamações produzem comportamentos negativos e sentimentos de desprezo.

O bebê, até começar a andar e falar, é estimulado por elogios grande parte do seu dia. Tudo o que ele faz é gracioso, e os pais aplaudem, compartilham com todos os familiares as vitórias de cada fase. O bebê se sente amado e feliz pois se percebe aprovado.

Mas o bebê cresce, começa a falar e a andar. A partir do momento em que começa a mostrar suas vontades e contrariar os adultos, estes sem perceber mudam totalmente sua forma de expressar carinho.

A criança passa a ter seu comportamento desaprovado, ela precisa ser corrigida. De fato. Ela precisa ser corrigida. Ela precisa de limites, claros e coerentes. Mas, avaliando de maneira mais ampla, percebe-se que subitamente a criança passou a ser somente “podada”. De repente ela não recebe mais aplausos constantes, suas gracinhas transformaram-se em “arte”.

Os pais precisam encontrar algum meio de manifestar aprovação. Carinho, agora, eles manifestam através de beijos e abraços. Além disso, a criança precisa sentir-se aceita.

Observar comportamentos simples e corriqueiros e verbalizar com elogio é uma alavanca para mudanças de atitudes das crianças.

O elogio deve ser verdadeiro, sincero e curto.

Pode-se iniciar fazendo uma leitura do fato em si, então colocar sua apreciação. Por exemplo:

— *Hoje eu percebi que você foi muito delicada e paciente enquanto conversava com sua avó. Parabéns! Senti-me orgulhosa* — ao perceber uma melhora no relacionamento da criança com a avó.

Ou:

— *Que bom que você chegou mais cedo em casa hoje. Teremos tempo para assistir àquele filme que pegamos na locadora. Fiquei contente* — ao constatar alguns minutos de adiantamento, em vez de reclamar pelos atrasos.

Outro exemplo:

Uma criança que agride os amigos sem motivo aparente e não quer conversar, fingindo não ouvir. Pode-se dizer algo assim:

— *Sei que você está-me ouvindo. Confio que da próxima vez vai conversar com seu amigo.*

Passado algum tempo, observe e comente alto o que ele faz:

— *Você já sabe montar quebra-cabeça! Legal! Meninos de quatro anos já sabem muito. Inclusive conversar com amigos, sem agredi-los.*

Ponto. Não insista. Observe e repita outras vezes. Procure observar com mais frequência e encontre outras oportunidades para elogiar. Pode até ser:

— *Hoje seu banho foi rápido e você colocou a roupa suja no cesto. Legal. Fiquei contente.*

Em breve a criança terá sua auto-estima elevada e seu comportamento se modificará.

Essa estratégia também é válida com adultos. Um marido que costuma reclamar para a esposa que não gosta de cozinhar, por sentir-se comparada à sogra, faz com que ela tenha vontade de encher o freezer de comida congelada. Ela pensa: “*Por que cozinhar para este reclamão?*”.

Porém, se ele faz um esforço, sai do seu mundo e observa que ela gosta de jardinagem e que suas flores estão todas brotando, e então verbaliza:

— *Suas flores estão muito bonitas. Você é uma boa jardineira! Gosto de apreciar nosso jardim!*

Certamente ela terá vontade de retribuir, quem sabe até de cozinhar, nem que seja esporadicamente.

É interessante observar que a dificuldade que sentimos em perceber que a atitude do outro é positiva soma-se à nossa própria dificuldade em entrar em contato com nossos próprios sentimentos e, também, em aceitar e aprovar o outro. Não somos piores nem melhores porque o outro está mudando. O crescimento é individual, não pode ser comparado.

A partir do sentimento de aprovação que o elogio provoca, a pessoa elogiada tende a mudar. Ela quer mostrar que, de fato, merece a consideração da outra. A vontade de fazer melhor se estabelece. Ela gosta de ser útil e agradável, logo passa a agir dessa forma. E isso é bom para todos.

O elogio pode ser expresso através de palavras mas também pode ser silencioso, um simples olhar, um toque, uma ação...

Algumas pessoas, principalmente adultas, não se sentem confortáveis ao ser elogiadas verbalmente. Sentem-se envergonhadas, com necessidade de diminuir o que fizeram para aliviar a situação.

É comum ouvirmos expressões justificativas como: *“Não foi nada, não”*, *“Este? Este é tão velho!”*, ou até *“Para com isso!”*.

Portanto, é importante saber elogiar, pois o objetivo não é produzir constrangimento. Para tornar-se efetivo é necessário praticar. Aos poucos passará a ser natural, como nos tempos do bebê.

Funcionará se não cair no esquecimento ou na demagogia, um grande risco. Todos percebem quando o elogio é exagerado em palavras ou vazio de significados. Há uma sutil linha que delimita o elogio da adulação. Aqui não se trata de “puxar-saco”, como varinha mágica para transformar crianças levadas. A criança percebe quando o adulto não é verdadeiro. Portanto, cuidado. A adulação gera crianças mandonas ou de baixa auto-estima, a reclamação torna-as tristes e agressivas, enquanto o elogio produz segurança e satisfação.

E o APOIO o que é?
Quando se faz necessário?

Apoio é vínculo, é cumplicidade de relacionamento, mas nem sempre de idéias. Não necessariamente implica em aceitação do que o outro pensa, fala ou faz. Porém ele é a afirmação de se fazer parte de uma sociedade, um grupo, uma família.

A necessidade de apoio surge em contextos mais desafiadores e complexos, comparativamente aos domésticos. Precisamos manifestar apoio aplaudindo nossos filhos em jogos e competições, em reuniões familiares ou sociais. Damos apoio integrando-o ao ambiente e/ou à conversa. Fazendo-o sentir-se acolhido e tendo sua opinião respeitada.

Quando fora de casa, em ambientes adultos, cabe aos pais integrar o filho no contexto. Se a criança é pequena, os pais devem facilitar para que descubra interesses infantis no local. Se existem outras crianças presentes, então os pais devem ajudar para que seu filho participe das brincadeiras.

Os pais não podem esperar que a criança se comporte, quieta e sentada, enquanto os adultos conversam. É um desafio grande demais para uma criança pequena. Portanto, quando desejam ir a um local onde não existem interesses para a criança, levem consigo paciência e alguns brinquedos. Não permitam que seu filho brinque com os enfeites da casa ou coloque os pés no sofá. Não finja que não percebe que seu filho está-se comportando inadequadamente. Tire com firmeza o “elefantinho de swarovsky” de suas mãos e diga:

— Solte este enfeite. Isto é de adulto. Vamos lá fora comigo. Vamos caçar alguns insetos na grama?

Desta maneira você demonstrou compreender o momento que ele está vivendo. Deu ordens afirmativas e ajudou-o a encontrar interesses. Assim que a criança descubra o que fazer, o pai já pode retornar ao ambiente adulto.

Tome atitudes sempre positivas nessas situações. Não insista em ordens que você já sabe que serão difíceis para seu filho, como: “*Não mexa aí!*” ou “*Fique quieto*”. Você será exposto a uma situação pior: o fato de seu filho não obedecê-lo. Portanto, uma dose de paciência é fundamental. Observe com atenção o que está acontecendo, encontre a alternativa de solução e, então, verbalize.

É importante avaliar a necessidade de levar seu filho a determinados lugares onde ele não encontrará interesses. Contudo, à medida que a criança cresce, essas situações já podem ser vividas de outra maneira. Cabe então aos pais avisar de antemão o que acontecerá no local. Ou seja:

— *Vamos fazer uma visita à tia Mariazinha. Queremos que você venha conosco porque ela gosta muito de você e já está velhinha. Permaneceremos lá no máximo uma hora.*

Com isso a criança prepara-se antecipadamente. E durante a visita os pais devem incluí-la nas conversas. Assim:

— *“Que tal você contar à tia Mariazinha, como foi seu passeio com a escola ontem?”*

Mas se a atitude não estiver correta é preciso manifestar apoio?

Sim! De maneira silenciosa o tiramos do cenário e, então, longe das pessoas, podemos perguntar sua versão dos fatos e seus sentimentos. A partir daí, ajudar a perceber o erro.

De outra forma, se o expusermos com cobranças, a criança/pessoa sente-se abandonada, excluída e muitas vezes com raiva. E, assim sendo, a tendência é que reafirme seu erro pois, afinal, ninguém a ama mesmo... Ela não se sente fazendo parte do grupo, portanto acredita que não tem por que agir adequadamente. Quer chamar a atenção através de seu comportamento inadequado.

É importante deixar claro que apoiamos a pessoa e não necessariamente a atitude. Nosso amor nos faz aceitar o filho incon-

dicionalmente, mas não o seu comportamento. Se isso fica claro, ele aprende. O filho quer agradar aos pais, noutra ocasião agirá adequadamente. É preciso confiar.

Sentir-se integrado, respeitado e aceito dentro da família faz com que o filho procure respeitar e aceitar os outros membros da família, gerando um ambiente acolhedor e tranqüilo.

CAPÍTULO VIII
UM GRANDE ESTRAGO

FAÇA O QUE EU DIGO... NÃO O QUE EU FIZ, OU FAÇO

Mércia, filha caçula de estrangeiros, nasceu e cresceu no Brasil. Ainda pequena, ficou órfã de pai. Sua mãe lutou muito para educar as duas filhas. Precisou de muita força para ser mãe e pai. Sua índole doce a fazia fraquejar muitas vezes. Sentia saudade de seu país e de sua família.

Mônica, a irmã mais velha, cresceu rápido. Precisava ajudar a mãe. Logo estava trabalhando. Tornou-se rígida e responsável. Jamais se casou; precisava cuidar da mãe.

Mércia era o oposto. Sem limites, desrespeitava todas as regras da casa. Envolveu-se com drogas e chegou a viver uma relação homossexual. Mas o tempo, que é remédio e solução pra tantas coisas, trouxe para Mércia um bom marido, que a ajudou naquele momento a rever e a resgatar sua própria história. Depois de três anos de casamento, tiveram dois meninos gêmeos.

Mércia e João trabalhavam muito para manter o padrão socioeconômico da família. Como pais, eram rígidos e disciplinadores, com receio de que os filhos repetissem a história da mãe, história de rebeldia. Os pais exigiam que fossem extremamente organizados com seus pertences, formais com adultos e alunos exemplares, não aceitando que tirassem notas menores que oito. Os horários na casa eram rígidos, as rotinas jamais eram quebradas. Quando a família estava reunida, os filhos deviam permanecer em silêncio enquanto os pais conversavam. Os meninos eram tímidos, dóceis e obedientes, durante a infância.

O casamento de Mércia e João parecia bem-sucedido para a família e para os amigos. Mas uma oportunidade infeliz colocou uma terceira pessoa em cena. Nessa época, os meninos tinham cerca de 8 anos. Assistiram de camarote à traição, à separação e ao sofrimento de seu pai. A mãe se apaixonara por outro homem e decidiu viver seu momento. As crianças precisaram adaptar-se à situação de ter agora duas casas com regras diferentes. Na casa da mãe, subitamente tudo era permitido, ela não queria pensar a respeito deles, fechava os olhos e procurava reviver sua própria juventude através do novo relacionamento. Na casa do pai, o silêncio reinava. João não se permitiu mostrar seu sofrimento aos filhos. Tentou esconder de todas as maneiras e acreditou que lhes traria segurança se estreitasse as regras de convivência.

Na escola, os meninos deixaram transparecer o momento. Seu comportamento tornou-se agressivo e suas notas já não eram as mesmas. Todos os finais de ano ficavam para recuperação e um deles repetiu o ano duas vezes. O pai era sempre chamado para longas conversas mas não conseguia ajudar os filhos. A mãe nada percebia.

Passaram-se cinco longos anos e, quando enfim, tudo lhes parecia acomodado, sem que compreendessem o que estava acontecendo, os pais decidiram voltar a morar juntos. Os meninos ficaram muito felizes, mas inseguros. Seu pensamento vagava entre a incerteza das regras e dos sentimentos. Como seriam as regras nesta nova história que se iniciava?

Com a auto-estima muito abalada, os dois filhos tinham um comportamento que os pais julgavam inaceitável. Então lições de moral eram gritadas a toda hora, castigos e punições surgiam tentando restaurar a harmonia da casa.

Certa manhã de domingo a casa amanheceu silenciosa. Mércia e João estranharam, já eram 11 horas. Então pularam da cama para ver o que estava acontecendo. Mas não encontraram os meninos. Em vão procuraram por bilhetes. Abriram os armários deles. Muitas roupas haviam sido levadas. Os meninos tinham fugido.

João imediatamente foi ao telefone e chamou a polícia. Passados seis dias de muita angústia, eles foram encontrados a oitocentos quilômetros de casa. Estavam vivendo em uma comunidade de jovens. Foram trazidos de volta e a vigilância sobre eles então pesou ainda mais na convivência familiar. Os pais, com medo de nova fuga, trancavam-nos em casa.

A mãe, um pouco mais permissiva, liberava cigarro comum e maconha, pois afinal ela também consumia e acreditava não fazer mal; e álcool “para que relaxassem”, na ausência do pai. Entretanto os ameaçava severamente se contassem seu segredo a João. O que ela seguramente não se dava conta é que “para relaxar” seus filhos consumiam outras drogas.

Alguns meses depois um deles foi encontrado morto em seu próprio quarto. *Overdose*. O desespero do irmão foi tão grande que emudeceu por muito tempo e foi definhando até que Mércia e João perceberam que precisavam buscar ajuda.

Mércia e João moram juntos mas não são marido e mulher. Hoje acreditam que precisam ficar juntos para ajudar o filho. Vivem um relacionamento falso.

A família está em tratamento há alguns anos.

TATUAGENS, ARMAS, CIGARRO E SEXO

A mãe de Leandro, Teresa, conta fatos inacreditáveis. Muitas vezes, pensei que tenta descobrir seus próprios limites para a

mentira. Ou talvez deseje saber até quando vou manter-me séria e crédula. Mas são tantas as conversas, que temo que esteja dizendo a verdade.

Enquanto o assunto era a família e os relacionamentos estabelecidos, eu era mera ouvinte. Muito embora fique assustada com a vida doméstica agressiva na qual está inserido o pequeno Leandro, de 3 anos.

Decidi pedir-lhe que busque a orientação de uma psicóloga, que compartilhou comigo sua primeira entrevista:

“Hoje Teresa compareceu no consultório pela primeira vez. Demonstrou-se tranqüila, com o olhar firme e decidido, a voz era doce porém sua fala demonstrou o quanto está perdida. Abaixo transcrevo nossa conversa.

— *Gostaria de tirar algumas dúvidas. Obrigada por me receber novamente.*

— Vamos lá.

— *Eu quero esclarecer essa coisa de tatuagens e de rottweilers.*

— Não entendi. Explique-se melhor. Qual é a sua dúvida?

— *Pois é. Outro dia no shopping passou perto de mim e do Leandro uma moça com tatuagens por todo o corpo. Ele chamou minha atenção perguntando o que era aquilo. Eu me posicionei. Disse-lhe que é uma coisa muito feia e sem utilidade. Ele concordou comigo.*

— Bem, você já se posicionou com ele. Qual o problema, então?

— *Bem, eu descobri que uma professora de lá da escola dele tem tatuagens e a mãe dela foi buscá-la com um filhote de rottweiler no carro.*

— O que você quer saber?

— *Qual é a sua postura? O que você me sugere agora que eu diga para o Leandro se a própria professora usa esses artifícios e tem um cachorro tão violento, contra o qual sempre previno meu filho dizendo que é uma verdadeira fera.*

— Teresa, veja bem, você está usando brincos de orelha furada. Tem pessoas que não furam as orelhas. Você não é pior, ou melhor, ou mais justa, ou mais correta... Muitos jovens tatuam seus corpos, outros usam *piercings*, outros cabelos espetados, outros trançados... existem pessoas brancas, negras, amarelas, altos, baixos, gordos, magros... O importante é ensinar a respeitar o outro, romper preconceitos, aprender a conviver com as diferenças.

— **E o cachorro?**

— Bem, antigamente falavam do doberman, antes ainda do pastor alemão e hoje o mais temido é o pitbull. É natural que as pessoas se preocupem com animais que são usados como armas para proteção. Você pode dizer que ele deve permanecer longe dos cães, em geral.

— *Bom, que você falou em armas. Esse é outro assunto que me traz aqui. O Leandro é desesperado, fascinado por armas. Embora eu não saiba ao certo o que pensar disso, percebo que as pessoas manifestam censura. Muitas vezes ele está só brincando, apontando o dedo e imitando o som; mesmo assim vejo que os adultos em torno não gostam.*

— Você compra armas de brinquedo para ele? Você sabe das campanhas de desarmamento que estão acontecendo aqui em São Paulo? Até as crianças têm-se posicionado, entregando suas armas de brinquedo em campanhas criadas por elas próprias.

— *Não, eu não comprei armas. Aliás, eu já comprei mas ainda não entreguei. Ele sempre construiu armas de sucata e insiste em ganhar uma espingarda de rolha. Foi difícil conseguir e agora eu já contei pra ele que comprei mas ele só vai ganhar quando se comportar bem.*

— O quê? Isso é uma chantagem e um contra-senso. Você presentearia o positivo com algo negativo.

— *É, ele está muito agressivo comigo. Embora eu obedeça a ele sempre, ele não quer mais ser o meu namorado. E o pior é que está chegando seu aniversário de quatro anos e ele não quer comemorar 4. Diz que não quer crescer.*

— Diga-me, Teresa, o que ele vai precisar fazer para você exigir que a obedeça? Você vai esperar que ele fique bêbado ou fume?

— *Pois é. Ele gosta de cigarro. Eu deixo que prove um pouquinho quando estou fumando. E, agora meu tio lhe deu um charuto de presente. Estranho, não é? Meu tio disse que é um charuto próprio para crianças, mas eu nunca ouvi falar disso... Acho que o meu tio não pensa, o Leandro tem bronquite, não pode fumar...*

— Teresa, o que é isso? Você precisa se posicionar. Ele não é seu namorado. É seu filho. Você é a mãe. Ele deve obedecer a você.

— *Mas agora ele já sabe que eu comprei a espingarda. E já encomendei uma especial para o Natal. Achei que se brincasse bastante ele se cansaria e mudaria de interesse.*

— Teresa, ele precisa cansar é de ouvir você dizer não! Não às armas, de maneira alguma!! Não ao cigarro!!

— *Mas ele quer ser caçador quando crescer.*

— Onde existem caçadores? Estamos precisando cuidar de nossos animais e não matá-los.

— *Você acha? E o que eu faço quando ele quer brincar de arma?*

— O que você faria se o visse se masturbando?

— *Já aconteceu...*

— Já?

— *Pois é. Ele se esconde embaixo de um lençol, tira toda a roupa e fica se tocando.*

— O que você faz?

— *Eu entro lá, com calma, para não assustá-lo e explico que ele não deve enfiar coisas pelo ânus e que deve cuidar para não se machucar... Minha mãe acha que eu devo dar bronca. O que você acha?*

— Que quando uma criança pequena começa a se conhecer você não dá um aval, mas também não critica. Você muda o foco do interesse. Traz a criança para outra atividade sem dizer nada a

respeito. Nos dois casos, tanto da arma quanto da sexualidade, você precisa ter uma alternativa “na manga”. E, proíba as armas. Explique sem delongas, sem culpa.

— *Será que ele vai entender?*

— Não. Ele não vai entender. Está acostumado a fazer e ter o que deseja, não é mesmo?

— *É, sim. Desde bebê. Aos sete meses, quando ele apontava a janela, no meu colo, eu temia que se não fizesse o que ele queria, não gostaria de mim.*

— Antes de saber que ele a ama, você precisa saber qual é o seu papel com ele. Você é a mãe. Ou você quer que ele diga, aos 12 anos, que fuma maconha, mas afinal é só maconha, nem é cocaína... Ou que coloque uma mochila nas costas, o dedo na estrada, e com uma garota desapareça pelo mundo afora? E quando enfim você encontrá-lo, ele mande você calar a boca porque você é uma velha?!

— *Ele já me manda ficar calada e diz pra minha mãe me dar bronca. Mas com isso eu já me acostumei, ele é escorpiniano, tem a sexualidade aflorada e é vingativo. Mas eu não sei ao certo se acredito ou não em horóscopo. O que faço?*

— Compre luvas de boxe e um saco de pancadas. Oriente o pai para que brinque de luta com ele. Canalize sua agressividade de maneira positiva.

— *Mas luta não é pior?*

— Não. Boxe é um esporte. Ou então, aulas de karatê ou judô.

— *Então você tem certeza de que eu não devo entregar a arma? O que faço com ela?*

— Eu tenho certeza. Mas você precisa ter essa certeza, senão nada vai dar certo. Ou você vai esperar ele bater em você?

— *Mas ele já me bate!*

Encerramos nossa primeira conversa com a garantia de que ela não entregaria a arminha para o filho.

Na segunda sessão, a primeira coisa que ela disse foi:

— *Eu não resisti. Dei a arma para ele. Ele ficou tão feliz. E agora, o que faço?*

Essa é uma história muito triste e preocupante. Onde estão os valores e as verdades dessa mãe, desse pai e enfim dessa família?

A saber, Teresa é dentista, e o marido é empresário.

LIMITES, AMOR E SEGURANÇA

A imposição de limites tem passado por significativas transformações, não só nos ambientes domésticos, mas também nas instituições escolares...

Cada vez mais se percebe uma grande dificuldade das famílias e conseqüente expectativa de que a escola cumpra parte de suas funções.

Há algumas décadas as crianças eram submetidas a uma rígida disciplina, sem que pudessem ao menos questionar as regras que lhes eram impostas. Calar a boca era a ordem mais ouvida, certamente.

Nos últimos anos, porém, mudanças no estilo de vida das famílias acarretaram a quebra da rigidez estabelecida no tratamento com as crianças, à medida que se passou do castigo físico para o diálogo. Hoje, muitas famílias, por se sentirem culpadas pela ausência diária que a vida profissional exige, deixam que os filhos façam tudo, reinando absolutos dentro e fora de casa. Tal formação acarreta alguns transtornos na escola, pois as crianças acabam querendo repetir esse comportamento distorcido com os colegas e com a professora e, posteriormente, com toda a sociedade.

Na dificuldade de administrar o próprio tempo, suas culpas e educar efetivamente o filho, os pais delegam à escola infantil a

educação mais elementar, que é: boas maneiras, respeito pelos outros, normas de bom comportamento em grupo. E essa atribuição pertence primeiramente à família. Que deve ser exemplo.

O comportamento da criança no universo escolar mostra muitas vezes com clareza as dificuldades que a família está vivendo para educar o pequeno.

Estabelecer limites à criança é fundamental para que ela tenha um ponto de referência e possa organizar-se, sabendo até onde pode ir. Os limites podem ter por objetivo proteger a criança, ou seja, evitar acidentes. Esses são mais fáceis para os pais. Eles não sofrem ao impô-los. Existem também os limites no âmbito ético e moral, respeitar as pessoas para ser respeitado, cumprir regras de convivência familiar e social. Esses têm sido mais difíceis para os pais atualmente. Fazendo todas as vontades da criança, permitem inclusive que ela os desrespeite.

Uma mudança de atitude começa a surgir quando os pais aceitam que limite é amor, o que antes confundiam com autoritarismo. A possibilidade de não serem amados pelo filho lhes era assustadora, gerando neles próprios um comportamento excessivamente flexível e permissivo. Quando percebem o “estrago” produzido, muitas vezes não sabem o que fazer e não enxergam seus erros.

Ao assumir a necessidade de regras, a primeira tendência das famílias é explicar detalhadamente à criança, que olha absorta e ouve sem compreender tantas palavras. Não é isto o que educa! A criança percebe a angústia e a insegurança dos pais no excesso de palavras. Ela precisa de atitudes. É nelas que ela vai-se espelhar.

Quando os pais ordenam que a criança fique de castigo “pensando”, também permitem que ela divague. Pois não tem capacidade de memorizar, analisar, avaliar e mudar o seu comportamento. Nem os pais demonstram ter.

O castigo desse tipo, tirar a criança do contexto, serve para os pais. Permite que tenham um tempo para esfriar a cabeça, memorizar, analisar, avaliar e mudar o seu comportamento. Devem di-

zer: “Vá para o seu quarto e fique lá até que eu chame. EU estou precisando de um tempo!”. Então aproveite esse tempo. Depois chame a criança e com a voz séria, sem rancor, diga-lhe o que decidiu a respeito do problema.

É importante que o pai ou a mãe, quando dão uma ordem, procurem sempre falar de maneira séria, com voz baixa e pausada e poucas palavras.

Use poucas vezes a palavra NÃO. Entretanto, quando disserem NÃO, tenham certeza de que serão obedecidos. Assim terão sua autoridade sempre respeitada.

As ordens devem ser afirmativas: *Solte o vaso de cristal da sua avó!* — diga segurando firmemente no braço da criança. E depois: *Muito bem! Aqui está o seu brinquedo. Vá lá fora jogar com seu primo.*

Nem sempre é simples. Às vezes as palavras certas costumam surgir. É uma questão de treino. Nem sempre a criança obedece prontamente. Não desista! Você está educando seu filho. Mas, não esqueça, jamais humilhe seu filho, jamais ironize seu comportamento. Dessa maneira, ele vai perder a confiança em você. Restabelecer o vínculo de confiança é um processo árduo e longo.

Estabelecer limites ajuda a criança a perceber que ela não é o centro do mundo, dessa forma os pais poupam sofrimento futuro para o filho.

A partir dos três anos, a criança já possui capacidade de compreensão e argumentação. Logo, já é possível que consiga expressar-se frente a situações diversas. **É importante ouvi-la e considerar seus argumentos.** Agora a criança, pouco a pouco, já pode participar da produção das regras. Mas não se esqueça: combinou tem de cumprir. Ou perderá totalmente o crédito numa outra vez.

A coerência dos limites impostos traduz-se em um comportamento bom naturalmente. “Aquilo que hoje é SIM, deve ser SIM também amanhã. Aquilo que hoje é NÃO, deve ser NÃO amanhã” — nos afirma Maria Cecília Gasparian.*

* Maria Cecília Gasparian é presidente da Sociedade Brasileira de Psicopedagogia.

Entretanto as regras mudam à medida que a criança cresce. Hoje ela não atravessa a rua sozinha, não dorme na casa de amigos, não dirige, e assim por diante. Contudo, o tempo vai passando e, se as regras não mudam, a criança não cresce.

Cabe aos pais observar e respeitar seu filho,
permitindo que cresça,
dando-lhe autonomia em cada fase vivida.

A demonstração do amor através de contato físico e carinho é agradável e eleva a auto-estima. Demonstrar amor através da colocação de limites é fundamental, educa, traz segurança e prepara para a vida.

É compreensível a dificuldade atual que os pais têm em demonstrar amor através de limites. Mas não é aceitável.

Sempre é tempo para mudar. Não devemos desistir jamais de recomeçar tentando acertar mais. Os frutos de nosso esforço estão no futuro. Mas no presente já perceberemos que mudanças começarão a surgir. E são essas pequenas mudanças que nos dão a certeza de estar caminhando por uma estrada melhor.



CAPÍTULO IX

SEXUALIDADE

NA FARMÁCIA!

Karen, 4 anos, chegou à escola nova. Sua linda mochila rosa, com um chaveiro de ursinho, encantou as amigas que logo se aproximaram dela. Todas queriam ver e tocar e também mostrar suas próprias mochilas. A professora fazia rápidas intervenções dizendo o nome de cada criança que se aproximava, fazendo as devidas apresentações.

O grupo estava feliz com a chegada da nova amiga, entretanto Andréa, a líder, logo despertou o interesse das meninas para a casinha que estavam montando sob o escorregador. E lá se foram todas correndo, seguindo Andréa. Assim sendo, Karen precisou da ajuda da professora para introduzir-se na brincadeira. Sua timidez e insegurança eram notórias desde o primeiro dia. Havia a necessidade diária de introduzi-la na brincadeira, ou ela permaneceria parada observando com os olhinhos ansiosos por um convite.

Logo chegou o dia do aniversário de 4 anos de Andréa. A escola estava em polvorosa. Andréa, menina criativa, era amada por todas as crianças da escola. Todos contavam os dias para a chegada do evento.

A mãe de Karen, cheia de dúvidas sobre o presente para a aniversariante, telefonou para a escola pedindo orientações. Disse que Karen gostaria de dar uma determinada boneca grávida, mas que esta custava muito caro. Sua grande dúvida pairava entre o preço e a necessidade de conquistar Andréa, que assim facilitaria a integração de Karen.

Foi orientada para que não ajudasse a filha a comprar os relacionamentos. Karen estava na escola nova há pouco tempo, certamente logo encontraria seus pares. As professoras estavam atentas. Também foi dito à mãe que as crianças não conhecem o valor financeiro dos brinquedos. O valor que conhecem é o afetivo e o dado pela mídia. Portanto, não era importante comprar algo caro. Então a escola sugeriu que conversasse com Karen de maneira prática, colocando a verdade: *“A boneca é cara! Vamos escolher outra coisa”*.

Porém, a mãe já estava enrascada em suas próprias palavras. A boneca grávida despertara perguntas que ela ainda não estava pronta a responder. Quando Karen quis saber onde as mulheres encontram as sementes para fazer os bebês, a mãe respondeu: *“Elas compram na farmácia!”*.

E, agora? Questionava-se ela por considerar cedo para tais perguntas. A orientação foi que respondesse estritamente às perguntas feitas e sempre a verdade.

— *Como, a verdade? Você quer dizer que já devo contar os “fatos da vida” para minha filhinha de 4 anos?*

— Sim, se ela lhe perguntar.

— Não acredito no que ouço! Que outras verdades vocês já estão contando para minha menina?

— ??????????????

A festa foi emocionante. As crianças fizeram uma linda coroa com mosaico de papel reciclado por elas durante a semana e contornaram com lantejoulas. Andréa estava feliz, coroada pelas amigas. Ela ganhou presentes lindos e simples das amigas: pulseiras, presilhas, jogos, mas também ganhou cartões, desenhos e bilhetes. Tudo foi recebido com alegria.

Nesse dia Karen faltou à escola.

VOCÊS FIZERAM AQUILO DE NOVO?

Um certo dia, com quase quatro anos de idade, Mirella chegou em casa da escola perguntando curiosa se a mãe, Rita, tinha cortado a barriga para que ela nascesse. A mãe tomou um susto e rapidamente respondeu que não, que seu parto tinha sido natural. Rita tinha esperança de que a conversa acabasse por ali, não se considerava preparada para tanto. Então, Mirella quis saber o que é parto. Rita, respirou fundo e conseguiu responder com serenidade, como quem fala de um assunto científico. Disse que é quando o médico corta o cordão que liga o bebê ao corpo da mãe, e que é esse cordão que leva alimento para o bebê. Mirella demonstrou-se satisfeita, já estava saindo para brincar com o irmão menor, quando a mãe perguntou como ela sabia que as mulheres tinham suas barrigas cortadas para que os bebês nascessem. A mãe ficou sabendo que uma amiguinha havia levado seu álbum de nascimento para a escola e que a professora explicara porque havia aquele sangue todo.

Rita aceitou a resposta e permitiu que a filha fosse brincar. Assim que o marido chegou em casa, contou-lhe o que se passara. Ele ficou bastante indignado que a escola permitisse esse “tipo de conversa” entre crianças tão pequenas. Conseqüentemente, o casal decidiu que no dia seguinte pela manhã Rita telefonaria para a escola para inteirar-se do contexto e pedir ajuda.

Foi o que aconteceu. Conversou com a professora que, com naturalidade, lhe relatou a mesma história que Mirella lhe contara

na noite anterior. Simplesmente a amiguinha trouxera o tal álbum e pedira para mostrar na hora da conversa. A professora não fora avisada nem vira as fotos previamente, portanto fora também para ela uma surpresa encontrar fotos tão explícitas de uma cesariana. Afirmou, inclusive, que não teria censurado mesmo se tivesse visto as fotos antes. As crianças lhe fizeram algumas perguntas e ela respondera exatamente o que elas perguntaram. A professora garantiu à Rita que o interesse delas tinha sido grande, mas todo voltado para o corte, o sangue e a “sujeira” do bebê.

Rita pediu ajuda à professora que lhe sugeriu que respondesse sempre a verdade, de maneira que a criança compreendesse exatamente os acontecimentos de maneira técnica, científica e afetiva.

Os dias foram passando, e Rita já havia esquecido o incidente, quando subitamente surgiu nova pergunta. “Por onde ela saía da barriga da mãe se o médico não tinha cortado?”.

Rita, já mais tranqüila, conseguiu satisfazer a curiosidade de Mirella, que parou nessa pergunta e saiu com sua Barbie na mão.

De tempos em tempos as perguntas foram surgindo uma a uma:

- Como eu entrei na sua barriga?
- Quem me colocou lá?
- Onde ficam as tais sementes?

Rita até já se sentia confortável com as conversas, que sempre eram muito simples e rápidas.

Parecia que as perguntas se haviam acabado e que as respostas tinham sido satisfatórias quando, de seu quarto, Rita escutou Mirella brincando com o irmão no quintal da casa. Ela dizia:

— *Namorado! Namorado! Vem colocar a semente na xoxota da mamãe!*

Rita então percebeu que faltara um detalhe importante nas conversas: esclarecer sobre a intimidade.

Mirella já tinha sete anos e o irmão, Gustavo, seis, quando Rita ficou grávida do terceiro filho. No dia em que ela e o marido contaram a eles a grande novidade da família, Gustavo disse:

— Então você e o papai fizeram aquilo de novo?

Ficou constatado que Gustavo já conhecia o assunto. Aprendera através da irmã, mas era preciso propiciar momentos em que ele se permitisse perguntar para esclarecer algumas questões.

Rita enfrentou uma situação, que considerava difícil, adequadamente. Permitiu ser orientada pela professora, sem preconceitos, seguiu as sugestões e descobriu que o assunto pode ser encarado com naturalidade. Até o marido, Celso, agora com o terceiro filho, mantém um papo gostoso, quando questionado.

AONDE ELAS VÃO VESTIDAS ASSIM?

Álvaro já tinha oito anos e não fazia perguntas aos pais sobre sexo. De certa maneira, os pais se sentiam confortáveis, embora às vezes estranhassem tanta ingenuidade.

Um dia, final de tarde, passando em frente ao Jóquei Clube, onde existem muitas prostitutas, Álvaro perguntou:

— *Aonde elas vão vestidas assim, mãe?*

Suzana, cheia de constrangimento, acelerou o carro e respondeu:

— *Não sei* — e imediatamente decidiu que na volta faria outro caminho.

A criança calada não demonstrava estranhar a resposta da mãe. Entretanto, Suzana ficou martelando um pensamento: “Perdi uma oportunidade”.

Mas sair da zona de conforto não é fácil.

Álvaro e Suzana fizeram as compras e chegou a hora de voltar para casa. Suzana decidiu voltar pelo mesmo caminho e assim dar oportunidade ao filho e a si mesma.

Eles iam passando pela avenida, mas o menino permanecia calado. Suzana, então, decidiu dar o primeiro passo:

— *Filho, essas mulheres com essas roupas diferentes, são prostitutas. Você sabe o que é uma prostituta?*

— *É uma mulher que namora qualquer homem, não é?* — afirmou Álvaro, um tanto cheio de dúvidas.

— *Não, meu filho. É uma mulher que cobra, ganha dinheiro para transar. Ela vende o próprio corpo. Você sabe o que é transar?*

— *É aquilo que a LAIKA, nossa cachorra, faz com os cachorros, de ficar se lambendo para ter filhotes, não é?*

— *Começa por aí. Isto é só o namoro.*

— *Então o que é transar?*

— *Transar é fazer amor, ou fazer sexo.*

— *Como é?*

— *O homem e a mulher se amam e namoram. Beijam-se muito, então o homem fica com o pinto duro e coloca dentro da vagina da mulher. É muito gostoso. Lá dentro ele solta um líquido cheio de espermatozóides...*

— *Ah! já escutei meu professor falar desses espermatozóides.*

— *O que ele disse?*

— *Ele disse isso mesmo. Que nós somos um espermatozóide campeão, que ganhamos uma corrida até o ovo da mulher.*

— *Chama-se óvulo.*

— *É.*

— *Então você já sabia sobre esse assunto.*

— *Eu não sabia bem o que é transar. Os moleques da escola ficam falando e eu fingia que sabia.*

— *Por que você não perguntava pra mim ou para o seu pai?*

— *Acho que é porque eu esquecia...*

— *Você entendeu?*

— *Acho que entendi.*

— *Quer fazer mais alguma pergunta?*

— *Mãe, e a camisinha que ficam falando na TV, pra não transar sem camisinha... Como é?*

— Você já viu uma camisinha?

— Já. Um moleque levou umas lá na escola e nós fomos até o banheiro e ficamos enchendo igual balão.

— Tá, mas não é balão. É para colocar no pênis e assim o pênis não encosta direto na vagina da mulher, protege o homem e protege a mulher. Para não pegar doença e para evitar que a mulher fique grávida.

— Ah, mãe, e quando é que a gente já pode transar?

— Tem algumas regras. Primeiro quando o corpo do homem e da mulher já estão prontos. Segundo, quando o casal se ama bastante e estão num lugar seguro. E também quando eles já sabem cuidar do filhinho que pode nascer depois da transa.

— Sempre nasce filhinho depois da transa?

— Não. É preciso ser o dia certo, o óvulo deve estar pronto, maduro. Isso acontece uma vez por mês.

— Ah...

A conversa estava rolando solta e gostosa mas eles chegaram em casa. Na garagem, antes de descerem do carro Suzana disse:

— Filho, sempre que você quiser saber alguma coisa sobre esse assunto, pode me perguntar.

— Tá bom, mãe — disse Álvaro, e entrou em casa muito tranquilamente.

Suzana saiu-se muito bem! Respondeu com tranquilidade às perguntas de Álvaro, formou vínculo de confiança e, antes de tudo, percebeu que já era o momento e não fugiu, enfrentou.

VAMOS FALAR SOBRE SEXO!

Embora vivamos num país onde a sensualidade declarada é aceita com naturalidade até mesmo em programas infantis; onde crianças imitam cantoras e apresentadoras com aprovação de seus pais, que inclusive as estimulam vestindo-as como mocinhas; onde

o Carnaval libera a nudez total que é exposta pela televisão em todos os horários; onde as novelas, que são assistidas até por crianças, mostram casais em beijos e afagos eróticos; embora tanto se veja, tão pouco se sabe dizer. Ou melhor, embora tanto se permita ser visto, tão pouco se procura esclarecer.

Os pais ainda têm muita dificuldade em verbalizar para seus filhos a questão da reprodução humana, do ato sexual e do prazer sexual. Ao mesmo tempo, o erótico, o sensual e até mesmo o vulgar lhes é apresentado com muito mais naturalidade. O preconceito foi invertido, pois o que é natural e verdadeiro, o ato em si e as conseqüências que ele traz são escondidos atrás de uma máscara de erotismo e sensualidade, algumas vezes imposta. Preconceitos são sempre mal vistos. Mas por que engolimos, aceitamos e até imitamos o que a sociedade nos impõe? Não estaríamos dessa forma já aceitando um pré “conceito” de que a forma imposta é correta? Existe em tudo isso uma hipocrisia implícita! Precisamos refletir mais sobre nossos próprios valores.

Contudo, divagar sobre os porquês desse comportamento, neste momento, seria fugir do objetivo proposto: ajudar a encarar como natural o assunto e encontrar estratégias que assegurem aos pais boas conversas com seus filhos.

Os pais fazem algumas perguntas:

Quando conversar sobre o assunto?

Como iniciar a conversa?

Que idade deve ter a criança para saber disso?

É para responder toda a verdade?

É a mãe ou o pai quem deve falar?

Mãe fala para menina e pai para menino?

Vamos falar sobre abelhas e flores?

Podemos ir direto ao assunto sem florear?

Por que não podemos atribuir essa conversa somente à escola?
Podemos falar tudo de uma vez e acabar com o assunto de vez?

E se meu filho nunca me perguntar?

A conversa deve ser científica?

A conversa pode envolver romance?

Fala-se do prazer?

Colocamos os nossos valores morais?

Posso evitar responder, mudando de assunto, se meu filho é muito pequeno?

...

Pois bem, vamos examinar essas perguntas. Antes de qualquer coisa, vamos procurar encarar esse assunto como uma verdade da natureza humana e atribuir-lhes os nossos valores morais pessoais, ou seja, nossas próprias verdades. Dessa forma, as respostas são diferentes em cada casa, porém devem ser coerentes e honestas.

É importante que os adultos tenham certeza de que as crianças podem, sim, enfrentar quaisquer assuntos que lhes seja revelado com naturalidade, tato e delicadeza. E que a verdade liberta, pois muitas vezes a criança está com a cabeça cheia de exageros e culpas; imaginou ou ouviu informações errôneas, mas não sente abertura com a família para questionar.

Falar sempre a verdade sobre tudo é a base para um relacionamento livre de preconceitos, aberto e amigável. Quando a criança desperta de alguma maneira para uma questão a respeito de sexualidade os pais devem ser tão ou mais verdadeiros quanto nos outros assuntos.

Refletir um pouco antes de responder é sempre uma atitude sábia. Avalie bem a pergunta que lhe foi feita para não se atropelar e acabar respondendo o que ainda não lhe foi perguntado. Uma pergunta simples pede uma resposta simples. Um exemplo:

— *Mamãe, como eu saí da sua barriga?*

A mãe deve responder a verdade. Ou de parto natural ou de uma cesariana.

— *Você nasceu de parto normal.*

— *O que é parto normal?*

A mãe deve explicar o que é.

— *Parto normal é quando a vagina (use o nome científico, mas explique do que está falando) da mulher se dilata, ou alarga, para o bebê sair.*

Geralmente a criança se satisfaz com uma resposta direta e clara, e não continua o assunto longamente. O tempo lhe trará outros questionamentos. Portanto, os pais devem respeitar esse tempo e não dar uma AULA de REPRODUÇÃO HUMANA, na primeira oportunidade.

É importante também não fazer comentários com outros adultos sobre a conversa acontecida, na frente da criança, como se ela estivesse se tornando safadinha porque se interessou por sexo. Nada disso. Para a criança, o assunto não tem esse teor. É mera curiosidade em conhecer o mundo e as regras que regem seu funcionamento.

Não existe uma idade certa ou errada. A criança, de alguma forma, teve sua curiosidade despertada. E uma pergunta sem resposta desperta a criança para uma curiosidade muito maior: *“Por que não querem me responder? O que tem de errado aqui?”*. E vamos enfrentar essas perguntas. Por que não responder? O que tem de errado?

A criança quer uma resposta imediata, logo deve responder a pessoa a quem ela perguntou, ou o pai ou a mãe. Não precisa florear, nem falar de abelhas, peixes ou outras formas de reprodução. Responda o que lhe foi perguntado. À medida que a criança cresce e que suas respostas lhe traduzem verdades, ela mesma vai ampliar seus questionamentos.

Contudo, se a pergunta surgiu num ambiente que você considera impróprio, diga ao seu filho: *“Este assunto conversarei com*

“você quando chegarmos em casa”. E faça-o. Mas não deixe de colocar então, o porquê de ter adiado a resposta. Algo como: *“Alguns adultos têm vergonha de conversar sobre sexo. Como sua avó estava na sala quando você me perguntou, eu achei melhor conversarmos agora, em casa”*.

Também não existe uma regra que dite que mãe conta para menina e o pai, para menino. Fala quem foi perguntado. Com o passar do tempo, novas perguntas surgirão e a cada conversa, a cada resposta verdadeira, surge um vínculo de confiança. Saber que esse vínculo vai dar oportunidade para um bom relacionamento, quando chegar a hora de seu filho viver suas primeiras experiências, é importante. Muitas vezes, são essas conversas que futuramente assegurarão a tomada de atitudes corretas por seu filho.

Portanto, com o passar do tempo, você pode falar de outras coisas além das biológicas. Fale do prazer e do carinho, fale de amor, das conseqüências, fale do respeito, dos seus valores morais e religiosos... mas jamais esqueça que a vida de seu filho não é sua. Você pode ensinar muito a ele, mas não espere que ele repita a sua vida. Garanta-lhe seu apoio sempre e permita que ele trace sua própria trajetória.

Se o tempo for passando, seu filho crescendo e nada lhe perguntando, crie uma oportunidade e faça você a primeira pergunta. Talvez ele esteja envergonhado ou não se sinta à vontade com relação à atitude dos pais. Ou talvez ainda, ele já tenha recebido informações de outras fontes que satisfizeram sua curiosidade. Mas como saber? Oportunize conversas, desperte-o para novas perguntas se considerar que chegou a hora. E, então, verifique o que ele já sabe e deixe que fale, que pergunte sem despejar toda a sua ansiedade sobre ele.

Como criar a oportunidade? É simples. Por exemplo, coloque num canal da TV onde existe censura. Então pergunte:

— *Você sabe por que existe censura?*

Ou, se ele é menor, alguém teve um bebê ou até mesmo um animal que deu cria, pergunte:

— *Você sabe como nascem os bebês?*

E jamais ria da ignorância dele. A criança não tolera ironia. Rompe-se toda a possibilidade de confiança e resgatar a confiança é um processo longo e muitas vezes doloroso.

A escola pode complementar o trabalho dos pais. Mas na maioria dos quesitos é a família que deve iniciar a formação dos valores como cultura, ética, moral e religião. A partir daí, os pais precisam certificar-se de que a escola escolhida preza e valoriza as mesmas coisas que eles, e vice-versa. Dessa maneira, família e escola se complementam e fica assegurada a educação da criança.

Sexo é fonte de prazer,
sexo é reprodução,
sexo é relacionamento,
sexo é intimidade,
sexo é amor.

CAPÍTULO X

MENTIRA OU FANTASIA

A TRAIÇÃO

De repente, no meio da tarde, a professora Nádia entra na sala da coordenadora para relatar como resolvera uma “questão difícil”: um conflito entre meninas de cinco e seis anos envolvendo questões sexuais.

Um pequeno grupo de meninas sentadas no gramado do pátio discutia, algumas de maneira ardente e outras cabisbaixas e envergonhadas. Outras curiosas, em pé, mantinham-se atentas à controvérsia.

Nádia, a professora, foi chamada para ajudar. Achevou-se lentamente e foi sentando para ouvir o que se passava. Então pediu às ouvintes que fossem brincar. Logo ficou sabendo que havia um segredo que Bruna e Jéssica compartilharam com as amigas e agora tinha sido revelado por Marcela. Marcela, 6 anos, a mais velha do grupo, afirmava que tudo começara na semana anterior quando Jéssica, também com 6 anos, lhe contara o que Bruna, 5 anos, vira no shopping.

Marcela, cuja curiosidade sexual é grande, compartilhara com a mãe o segredo das amigas. A mãe orientou a filha a trazer o assunto para uma conversa com as amigas e a professora. Marcela estava muito chateada, pois era acusada de traidora. Estava indignada e triste, embora confiasse na mãe. Pouco a pouco se foi chegando e sentou-se no colo da professora Nádia, que fazendo perguntas avaliava a importância dos fatos:

— Me conta, Marcela, o que Bruna viu no shopping? — quis saber primeiro a professora.

— *Não fui eu. Foi a Jéssica que viu e me contou* — contestou Bruna.

— *Eu não. Foi você* — retrucou a Jéssica.

— Marcela, me conta, qual era o segredo que não podia ser revelado? — insistiu a professora.

— *A Jéssica me contou que a Bruna contou pra ela que viu um casal de namorados se beijando no shopping e que a moça chupou o pipi do namorado* — Marcela conseguiu enfim dizer.

— *Não!! Eu não disse nada disso. A Marcela está mentindo* — afirmava Bruna.

— Jéssica, você contou este segredo para a Marcela? — perguntou a professora.

Silêncio. A pergunta foi repetida. Olhares se cruzaram. Até que Jéssica respondeu:

— *Eu contei. Mas era segredo. A Marcela não podia contar pra ninguém.*

— Por que era segredo? — a professora quis compreender.

— *Porque a Bruna não queria que gente grande soubesse. E agora nós não queremos mais falar com a Marcela. Ela não foi amiga* — disse Jéssica quase em lágrimas.

— *Tá todo mundo mentindo. Não foi nada assim* — insistia Bruna chateada e triste.

A professora Nádia constatou que o conflito se baseava na traição e na mentira. A questão sexual, embora tão forte para

meninas de 5 e 6 anos, não estava em pauta para elas, o fato relatado era irrelevante para elas naquele momento. O que estava realmente incomodando as meninas era o fato de Marcela ter revelado um segredo!

— Qual é a mentira, Bruna? — perguntou a professora.

— *Eu não vi nada disso. Eu não contei nada disso pra ninguém.*

— *Contou sim* — insistia Jéssica.

— Meninas — *disse a professora* — , todas estão tristes. Vamos resolver. A Jéssica contou um segredo para a Marcela, que contou pra sua mãe. Por que você contou pra sua mãe?

— *Porque eu queria saber se é verdade* — disse Marcela.

— *Não é verdade. Eu não vi nada disso* — Bruna chateada insistia.

— Então eu vou fazer regras novas com vocês. Quando uma amiga contar uma coisa assim diferente, que a outra queira saber se é verdade ou não, na hora deve dizer que não vai guardar segredo porque quer saber mais sobre o assunto. Vocês concordam?

— *Sim.*

— Outra coisa. Eu posso responder para vocês todas as perguntas sobre qualquer assunto. Entenderam? — fortaleceu a professora Nádia.

— Tá bom!

Marcela e Jéssica saíram para brincar e então Nádia puxou Bruna para si, abraçou-a e disse:

— Se você quiser conversar mais sobre esse assunto, tudo bem.

— *Não. Eu não quero.*

— Então, chame sua mãe e converse com ela.

— *Ela vai brigar comigo.*

— Por que você acha que ela brigaria?

— *Porque outro dia eu perguntei pra ela uma coisa de bunda e pinto e ela bateu na minha boca.*

- Você quer que eu converse com ela?
- *Não sei. Acho que ela não vai gostar.*
- Vou tentar mesmo assim, tá bom?
- Tá.

Nádia hesitou em relatar esse fato para as mães envolvidas, mas, orientada pela coordenadora, acabou por fazê-lo, esperando que elas cuidem para que as meninas não tenham acesso a informações erotizadas sobre as questões sexuais. É fundamental certificar-se dos programas assistidos na TV, bem como dos ambientes e companhias. Nádia afirmou para as mães não perderem as oportunidades de, elas mesmas, conversarem sobre esse tipo de assunto com as filhas.

Da mãe de Bruna, Nádia ouviu:

— Minha filha não vive em uma redoma de vidro. Ela está sendo educada para a vida, como a vida é. Assiste às novelas porque essa é a realidade do nosso país. Discordo de você, nosso país é erotizado. Ela tem de aprender com a vida. Não sou professora, não sei responder essas perguntas. Ela tem de aprender com a vida. Foi assim que eu aprendi também.

Algumas vezes os educadores sentem-se impotentes.

SANGUE!

Eram onze horas. Hora de se arrumar para ir para a escola. Martinha chega em casa correndo para se trocar. Com quatro anos de idade, já freqüenta a casa da vizinha para brincar com o amiguinho da mesma idade e colega de escola, Fernando.

Ela é recebida por Cida, a empregada/babá. Cida é dedicada, está na família há tempo, praticamente viu Martinha nascer. Portanto, é confiável. Veio do nordeste pequena e sempre trabalhou em casa de família.

Assim que recebe Martinha, Cida a leva para o banho. Enche a banheira e deixa a menina brincar um pouco, enquanto a molha

com ducha e vai ensaboando seu corpinho. Durante o banho, Martinha reclama de ardor na vagina, não permite que Cida faça a higiene do local. Então Cida, assustada, imediatamente pergunta:

— O que aconteceu? Você se machucou na casa do Fernando?

— Foi.

— Saiu sangue?

— Saiu.

— Foi na hora que você fez xixi?

— Foi.

— A Joana (empregada da vizinha) secou você com força?

— É!

Cida se escandaliza com as informações colhidas. Angustia-da, decide esperar o final do dia, para que os pais de Martinha cheguem do trabalho e ela lhes possa contar. Logo após Martinha chegar da escola, seus pais também chegam. Finalmente a porta se abre e Cida despeja sobre eles o ocorrido.

— Hoje de manhã a Martinha foi brincar com o Fê, ela foi ao banheiro fazer xixi e a Joana secou com tanta força que até sangrou!

Os pais gelaram. A mãe imediatamente pegou o telefone e discou para a vizinha. Enquanto aguardava, questionou:

— *Como você descobriu isso?*

Cida respondeu:

— *Ela estava toda ardida durante o banho e me contou tudo, direitinho.*

O pai, desesperado, entredentes verbaliza:

— Eu sempre disse para você que ela é muito pequena pra ir brincar na casa dos vizinhos sozinha... além do mais, esta tal Sílvia é uma péssima mãe, nunca fica em casa com o filho, larga ele e sai toda poderosa para trabalhar... e você, Deise, também TEM de trabalhar... não me escuta... agora veja só no que deu...

Finalmente o telefone é atendido e Deise, a mãe de Martinha, pede para falar com a Sílvia. Suas palavras estão entrecortadas, suas perguntas incompletas.

— Deise, calma. Diga-me somente o que você ouviu.

— Não! Eu quero saber quem levou a Martinha ao banheiro!

— Provavelmente foi a Joana. Entretanto, algumas vezes eles já vão sozinhos. Mas, me conte, o que aconteceu?

— Alguém secou a Martinha com tanta força que tirou sangue!

— Ela te contou isso?

— Claro! Contou pra Cida, que me contou.

— A Martinha está aí ao seu lado?

— Sim! Ela está muito assustada com tudo isso.

— Deise, por favor, acalme-se. Peça ao seu marido ou a Cida, que tirem a Martinha da sala. É muito importante que ela não participe disso.

Então Deise pede a Cida que leve Martinha para a sala de TV. Nesse instante o pai decide levar a criança ao pediatra para um exame. Ele pega o celular, encontra o médico e pede uma consulta de emergência.

A mãe volta ao telefone para conversar com Sílvia.

Deise, você precisa fazer muitas perguntas à Cida para saber exatamente o que ela apurou. Eu tenho total confiança na Joana. Entretanto, neste momento, não posso afirmar se Martinha teve ou não algum acidente no banheiro. É importante que você observe o local e certifique se tem algum machucado.

— Tá bom, tá bom. Vou levá-la ao médico agora.

Deise desliga o telefone sem se despedir de Sílvia.

No dia seguinte, Martinha chega à escola com a mãe, que pede para ser atendida pela coordenadora. Então Deise lhe conta o ocorrido no dia anterior. A coordenadora questiona:

— *E o que disse o médico?*

— Olha, no meio do caminho, já percebemos que tudo não passava de um grande engano. A Martinha chorava muito. Coloquei-a no meu colo e conversamos. Então ela me disse que era tudo mentira. Que a Cida inventara a história. Que a água ardera a xoxotinha e que a Cida lhe fizera umas perguntas. Que a Joana não a machucara! Que quando faz xixi, já prefere se secar sozinha. Mesmo assim fomos ao médico que confirmou que a Martinha só está assada. Ele nos orientou a não valorizar o assunto, mas a ensiná-la a se limpar quando vai ao banheiro. E eu estou aqui hoje para lhe pedir ajuda porque a Martinha ficou muito assustada com toda a confusão e não quer mais brincar com o Fernando.

— *Deixe, perceba que confusão se armou por conta de pouca e equivocada pesquisa. É preciso, calmamente, esclarecer fatos através de perguntas.*

— Como? Como eu poderia ficar calma frente a um problema tão grave! O pai até imaginou que ela tivesse perdido a virgindade.

— *Bem, isso seria trágico do ponto de vista da idade, pessoas envolvidas e local. Mas, mesmo assim, é preciso aprender a conversar. Vocês precisam ouvir os envolvidos antes de tirar conclusões. A Martinha não é uma criança mentirosa e a Cida, provavelmente, deduziu por experiências próprias que viveu ou que conheceu pessoalmente. Você agora precisa desculpar-se com a Sílvia e com a Joana. E ensinar a Martinha a fazer sua higiene adequadamente.*

Felizmente Martinha não apresentou nenhuma mudança de comportamento na escola e logo voltou a brincar com Fernando.

E tomara que seus pais tenham aprendido a conversar, a pesquisar e a confiar na filha. As mães ficaram com sua relação abalada. Martinha questiona sempre por que não pode mais brincar na casa do seu amigo Fernando. Cida provavelmente não sofreu conseqüência alguma.

Uma colocação tão séria pode acabar com a vida profissional de alguém.

TODAS AS CRIANÇAS MENTEM!

Cleusa marcou uma reunião de emergência com a coordenadora da escola de seus filhos Renato, 4 anos, e Rodrigo, 2 anos. Chegou pontualmente, no horário marcado, e a reunião começou. Cleusa estava bastante nervosa, com meias-palavras. Queria saber se o comportamento dos meninos havia sofrido alguma alteração significativa. A coordenadora lhe afirmou que os meninos estavam ainda em adaptação. O mais velho já fora aluno no ano anterior, entretanto Rodrigo acabara de entrar na escola, e esse fato gerou um certo conflito interno em Renato, o mais velho. Ele estava demonstrando ciúmes, além de uma preocupação excessiva com o irmão, sentindo-se na obrigação de cuidar do pequeno. A equipe estava atenta, procurando favorecer momentos divertidos para os dois juntos e muito carinho para Renato, longe do irmãozinho. Portanto, como o ano estava começando, avaliar possíveis mudanças de comportamento em época de adaptação ainda é bastante difícil.

De repente, a coordenadora percebeu que a mãe estava em lágrimas. Seu queixo tremia e ela soluçava baixinho. Imediatamente lhe trouxe um copo d'água, e aos poucos Cleusa começou a verbalizar o motivo de seu nervosismo e angústia:

— *Desde que o Renato nasceu, trabalha lá em casa uma pessoa, a Rosa, que tem função dupla. Ela administra o serviço das babás e também cuida da casa. Sempre confiei muito mais nela do que nas babás que trabalharam conosco. Por esse motivo, coloquei-o na escola somente aos três anos; eu e o Ernesto acreditávamos ter encontrado a solução para todos os problemas familiares e domésticos. Ela veio muito bem recomendada, de uma agência. Então por que colocá-lo na escola se ela era tão competente, não é mesmo? De fato, ele só veio pra escola porque o Rodrigo nasceu e o serviço pesou demais para a Rosa. Algumas pessoas mais íntimas me diziam que a escola ensinaria meu filho a conviver socialmente, diziam que ele não sabia relacionar-se, mas eu não via nada disso e nem achava que era necessário. Quando ele entrou na escola,*

você estranhou dizendo que ele falava pouco para a idade. Na época eu não me preocupei com isso. Hoje sei que também na fala ela prejudicou meus filhos. Ela sempre me afirmava que o Renato era mentiroso. Eu ria sem entender o porquê, então ela dizia que crianças geralmente mentem. Você sabe, o Ernesto e eu trabalhamos demais. Não temos horário para voltar para casa. Saímos entre oito e nove horas da manhã. É nesse horário que vemos nossos filhos, pois quando chegamos em casa eles já estão dormindo. Mas nos finais de semana, já lhe contei outras vezes, nós nos desdobramos para agradá-los. Fazemos todas as suas vontades. Brincamos de tudo o que eles querem, nem conseguimos conversar. Namorar? Nunca mais. Este ano resolvi colocar o Rodrigo na escola também, porque assim eu mandaria a última babá embora e ficaria só com a Rosa. Afinal, quando eles chegam da escola, almoçam e dormem até as 15h30. Ela tem tempo de ajeitar e limpar tudo antes de ficar com eles. Depois ela dá o jantar e coloca-os para dormir lá pelas 21h00. Contudo eu estava aguardando esse período de adaptação para demitir a babá. Num domingo, eu estava dando banho no Renato e ele começou a falar um assunto impróprio. Ele já sabe como se faz um bebê! Lembra que eu te liguei, naquela segunda-feira, perguntando se vocês tinham ensinado esse assunto aqui? Pois é. Ele me disse que já sabe que “o pinto fica duro e entra na xoxota da mulher, que a mulher e o homem balançam bastante e que é assim que o filho entra na barriga da mãe”. Fiquei tão assustada. Dei um tapa na sua boca, chamei o Ernesto que lhe deu uma bronca e mudamos de assunto. Ficamos estarecidos. Aquilo não me saía da cabeça. Onde ele teria aprendido? No final de semana seguinte, tivemos novo episódio. O Ernesto estava com o Renato no banheiro e o assunto começou de novo. O Ernesto, agora mais calmo e preparado para conversar com o filho, perguntou-lhe quem lhe ensinara essa história. O Renato ficou muito confuso. Disse que o Rodriguinho também sabe. Que ninguém lhes ensinou nada, que eles viram. Mas que a Rosa proibiu que eles contassem para nós, senão ela os castigaria. E que nós sabíamos que ele é um mentiroso e que jamais acreditaríamos nele porque gostamos muito dela. Ficamos horrorizados. O Ernesto começou a gritar impropérios sobre a Rosa. O Renato ficou também tão assustado que não queria mais falar nada. Foi preciso muita paciência e tempo. Tivemos outro

domingo desgastante. Enfim, já era noitinha quando prometemos que a Rosa não iria saber de nossas conversas e o Renato nos revelou que a Rosa traz o jardineiro do condomínio e que “faz bebê na frente deles”. Estamos muito tristes. Chamamos a babá por telefone e nos encontramos com ela para tirar a limpo. Ela ficou muito hesitante mas confessou que já sabia, sim. E que também era ameaçada pela Rosa, que lhe garantia emprego enquanto mantivesse silêncio. Primeiro pensamos em colocar uma câmera e filmar para ter a prova e então mandar prendê-la. Mas como permitir que nossos filhos vivam novamente essa situação? E, quantas vezes será que eles já assistiram a isso? E com que detalhes? Hoje, pela manhã, enquanto estou aqui conversando com você, o Ernesto está demitindo a Rosa. E eu preciso saber se eles podem ficar o período integral na escola. Mas o pior é que não sei quem os receberá em casa, no final do dia. Eu não quero parar de trabalhar, estou no auge de minha carreira. Sempre trabalhamos muito porque sonhamos em guardar bastante dinheiro para dar aos nossos filhos muitas viagens de estudo e assim oferecer-lhes uma educação privilegiada. Decididamente não posso parar de trabalhar.

O que você me sugere?

A coordenadora levantou, abraçou a mãe e chorou com ela. Então sugeriu alguns livros sobre infância e família. Tentou ainda ajudar a mãe a montar uma estratégia diferente para que ela e o pai pudessem se alternar e buscar os filhos na escola. A estratégia durou quinze dias. Depois os pais contrataram nova empregada para ficar com os meninos no final do dia, “muito bem recomendada”.

COMO DESCOBRIR A VERDADE?

É comum durante a infância a criança mentir e fantasiar fatos. Ela ainda não sabe a diferença entre a mentira e a fantasia. Porém é importante que os pais ajudem-na para não criar um mentiroso, pois as conseqüências da mentira podem ser trágicas.

A fantasia e a mentira são fatos não reais, criados, inventados. A fantasia tem grande dose de imaginação e não traz danos, enquanto a mentira geralmente tem uma finalidade estratégica e interesseira, que pode ser desde uma chantagem emocional, para chamar a atenção, até uma intenção de acusar outra pessoa por algo que o mentiroso cometeu, para livrar-se de um problema.

A fantasia geralmente é fácil de ser detectada. Nessas horas os pais podem brincar, seguindo o mesmo raciocínio da criança. Assim ela perceberá que sua história é fantasiosa e que seus pais sabem disso, pois não demonstraram acreditar, mas participaram do mesmo jogo. Vamos dar um exemplo:

A criança comenta com a mãe que naquele dia saiu voando da escola durante a tarde, foi até o escritório onde o pai trabalha, viu o pai, mas o pai não a viu. A mãe percebe a fantasia e então diz:

— *Você está enganado. O papai viu você voando e me telefonou. Eu coloquei minha roupa de mulher-voadora e fui encontrar você, mas você já tinha voltado para a escola.*

A mãe, nesse caso, não chamou a atenção do filho por uma mentira. Ela constatou tratar-se de uma brincadeira e participou naturalmente. A criança então compreende que não consegue enganar a mãe, embora consiga ter alguns minutos de brincadeira com ela.

A mãe pode até verbalizar assim:

— *Ah, sua safadinha. Você pensa que me engana, é? Eu também encontrei as Meninas Superpoderosas esta tarde e elas me contaram tudo.*

Fica constatada a fantasia.

Entretanto, nem sempre é tão fácil descobrir se o que a criança nos conta é mentira ou fantasia. A única estratégia a seguir é através de perguntas. Os pais, assim que desconfiam de alguma fala, devem fazer o assunto crescer. Geralmente a criança acaba contando a verdade. Vamos exemplificar:

A criança chega em casa trazendo na mochila um brinquedo que a mãe sabe não ser seu, mas ela argumenta que uma amigui-

nha a presenteou. A mãe então pergunta o porquê. A criança rapidamente diz que elas fizeram uma troca. A mãe quer saber por qual brinquedo. A criança hesita mas logo encontra uma resposta. Então a mãe, sutilmente, deve ir até o quarto da criança verificar se o brinquedo apontado se encontra lá ou não. Em caso afirmativo, está descoberta a mentira, agora cabe à mãe tomar uma atitude corretiva. Em caso negativo, ela combina com a criança que vai telefonar para a mãe de sua amiguinha para saber se ela concorda com a troca. Nessa hora, se for mentira, a criança não aceita o combinado. Então, a mãe deve tomar uma atitude. Se, de fato, houve uma troca entre as crianças, a mãe deve posicionar-se, verbalizando sua percepção. Algo assim:

— *Eu percebo que você está falando a verdade. Quero que, na próxima vez, antes de trocar alguma coisa você me avise.*

Outro exemplo:

A criança conta uma história aparentemente fantasiosa, entretanto com séria possibilidade de ser uma mentira. Ela afirma que sua professora disse que a convidaria para passar um final de semana na praia com ela. A mãe estranha. O que fazer? Perguntas!

— *Quem mais a professora vai levar com ela para a praia?*

— *Só eu!*

— *Por que ela vai levar só você?*

— *Porque ela vai levar uma criança cada final de semana.*

— *Nossa! Isso vai levar tempo, pois são 15 crianças no seu grupo.*

— *Pois é.*

— *Qual é o nome da praia?*

— *Não sei.*

— *O que ela disse que vocês vão fazer por lá?*

— *Brincar.*

— *Ela disse o que você tem de levar na mala?*

— Disse. Minha coleção de pôneis. Ah, e meu biquíni.

— Então eu vou telefonar para ela, tá bom? Acho você muito pequena para viajar só com a professora.

— Não. Ela não tem telefone.

— Então vou mandar um bilhete na agenda.

— Ah, mãe, amanhã ela vai faltar porque está muito doente. Ela nem foi hoje.

Pronto. Está descoberta a mentira.

Se a atitude frente à fantasia pode ser o jogo e a brincadeira, perante a mentira é muito diferente. A mentira é inadmissível. Ela compromete e pode até prejudicar as pessoas envolvidas. E uma criança ou pessoa com o estigma de mentiroso sofre muito, pois não tem crédito em nenhuma de suas falas e atitudes. Portanto cabe aos pais, quando acontece em casa, corrigir a criança para que não se torne um mentiroso.

Essa correção pode ser em atitudes quando necessário, fazendo a criança se retratar perante os envolvidos. É importante que os pais o façam com serenidade e firmeza, não ridicularizando nem humilhando verbalmente. Já é bastante difícil para a criança refazer o erro. Contudo, jamais devem acobertar a mentira, pois a criança se sentiria apoiada.

Entretanto, quando a mentira não envolve outras pessoas, a única alternativa é verbal. Os pais devem encarar o fato, como sugerido para o elogio, e depois dizer seu parecer. Algo assim:

— Você disse que a professora a convidou para ir à praia e depois disse que ela está doente e nem foi hoje. Isso prova que você está mentindo. Eu não aceito que você minta. Não gostei do que você fez.

Se os pais estão atentos às conversas das crianças podem com freqüência ajudá-la a distinguir a mentira da fantasia **e ensiná-la a falar sempre a verdade.**

É preciso saber que a criança quer chamar a atenção e nem sempre a verdade é interessante ou engraçada. Os pais precisam mostrar-lhe que se interessam por seus assuntos sempre.

É através dos exemplos que a criança mais aprende. Portanto, tome muito cuidado com o que diz na frente de seus filhos. É comum ouvirmos adultos dizendo coisas como: *“Diga que eu não estou em casa”* ou *“Diga que estou no banho”*, quando não querem atender alguém ao telefone.

Sejamos honestos. Trata-se de mentira. Dessa forma, os filhos crescem reconhecendo os pais como mentirosos e sem exemplos de honestidade. Portanto é melhor dizer: *“Diga que não posso atender agora”*.

Se, em alguma situação, você não pode dizer a verdade na frente de seu filho, então é melhor dizer para seu interlocutor: *“Depois conversaremos sobre esse assunto”*. E cale-se. Não aceite que a conversa prossiga se o assunto não for apropriado. É uma garantia que você tem de não ser surpreendido em situações inusitadas.

Pois, não esqueça: através de seu exemplo seu filho aprende as maiores lições.

A diferença entre a fantasia e a mentira muitas vezes é sutil, porém as conseqüências geralmente são muito distintas. Enquanto a conseqüência da fantasia é leve, a da mentira pode até ser trágica.

A rigidez em apontar e corrigir também pode produzir traumas. Portanto, colocar-se no lugar da criança e procurar entender quais foram suas intenções, muitas vezes ajuda a encontrar respostas para o problema.

Os familiares não podem aceitar a mentira por mais esgotados que estejam, sem energia ou vontade de novamente conversar sobre o mesmo assunto. Devem sair do comodismo e dedicar-se à criança para que não receba o triste rótulo de mentiroso.

Rótulos adquiridos, comportamentos estabelecidos!

Como ajudar uma criança apontada como mentirosa a desfazer-se desse rótulo?

Quebrar paradigmas exige mais que corrigir cada eventual deslize. Se ensinamos as crianças desde pequenas que a mentira é inaceitável, contribuímos para que elas não temam dizer a verdade.

Enquanto a mentira caminha com outros sérios problemas, a verdade, a paz e a justiça costumam andar juntas.

CAPÍTULO XI

OBEDEÊNCIA E CASTIGO

OBEDEÇA E TERÁ TUDO!

Ontem conversei com o pai da Sara, Sr. Ademar, 71 anos, que foi, segundo a filha, um pai rígido, ditador e dono da verdade. Ele não errava e não admitia erros.

Ela lembra de muitas vezes em que ele impôs sua vontade impetuosa e abruptamente, gerando ódio e medo nela e na irmã. Mas como elas o temiam muito procuravam esconder dele suas atitudes que, sabiam, seriam desaprovadas. Mantê-lo na ignorância era a estratégia.

A mãe, Dirce, muitas vezes ajudava a acobertá-las por acreditar que o pai exagerava. Mas se ele descobrisse algo, ela fingia desconhecer. Não conseguia enfrentar o marido.

Pai autoritário e de pouca conversa. O que ficou na memória da filha foi uma fala: "Aprenda a obedecer e terá tudo na vida". Ele procurava comprar o comportamento das pessoas. Se lhe obedeciam, eram beneficiadas.

A irmã, Celina, aos 14 anos fugiu de casa com o namorado e envolveu-se com drogas. O pai encontrou-a, deu-lhe uma surra e trancou-a em casa. Não adiantou. Ela não fugiu mais, entretanto as drogas continuaram sendo o refúgio para aquela situação.

Sara, a mais velha, tornou-se uma mulher pragmática, exigente e impetuosa. Para ela, depois de adulta já formada e trabalhando, o próprio casamento foi uma fuga de casa, pois não conseguia enfrentar o pai. Já casada, muitas vezes ainda se desentendeu com ele. Brigas? Algumas. Na maioria das vezes simplesmente continuou com a velha estratégia de ignorá-lo. Esconder dele o seu pensamento para não ter de enfrentá-lo. E, finalmente, foi mais fácil cortar relações totalmente com o pai.

O modelo masculino estabelecido por esse pai, homem duro, impositivo e aparentemente forte, não foi encontrado no marido. Sara não foi feliz no casamento que durou somente seis anos. Houve sérias brigas, agressões físicas e traição. Entretanto, um filho foi gerado e hoje sofre as conseqüências dessa desunião. Pedrinho tem medo da mãe. O pai acoberta suas peraltices.

Celina, a segunda filha, mais frágil, encontrou uma pessoa que a resgatou da dor e das drogas. Mantém uma relação homossexual há treze anos. Diz-se feliz.

Ontem, tive a oportunidade de conversar com esse pai. O senhor Ademar. Cabelos brancos, pele morena e ainda bem lisa. Ainda é um homem de poucas palavras. A conversa não fluía, ficava entrecortada por seu silêncio hesitante. Conhecer-lo, depois de ouvir tantas histórias, foi bastante interessante. Contou-me que já não é mais casado com dona Dirce. Depois de quase trinta anos de casamento, ela descobriu que ele vivia paralelamente outra história, outra mulher, outros filhos... ele não aceitou o fato de dona Dirce descobrir. Questionou-se: *Pra quê? Estava tudo tão bem antes.* Já não tem mais família alguma, nem cá e nem lá. Mora sozinho, assiste filmes na TV o tempo em que está acordado. Cozinha sua comida, lava sua roupa, limpa seu apartamento uma vez por semana. Regrado, segue uma rotina por ele mesmo estabelecida com rigidez.

Questionei:

— Mas o senhor mora sozinho e quase não sai? Não tem amigos, filhos, netos?

— Não tenho ninguém. Todos são muito injustos. Fiz de tudo por meus filhos mas eles são ingratos. Todos me abandonaram.

— E os amigos?

— Jamais os tive.

Senti pena do senhor Ademar. Sinto pena de Sara. É preciso ajudar Pedrinho.

FAÇA ISSO SENÃO VOU BATER EM VOCÊ

Enfim terminaram as férias. Davi, três anos e oito meses, estava saudoso dos amigos. Entrou correndo escola adentro e não percebeu que seu pendurador de mochila mudara de lugar. Quando a professora mostrou-lhe seu erro e sugeriu que tirasse sua mochila dali, ele rapidamente gritou:

— Minha mãe vai brigar e gritar com você. Você pendura no lugar para mim! — ordenou ele.

Mas a professora não retrocedeu. Pelo contrário, com muita calma, voz baixa e pausada disse:

— Não. Sua mãe é minha amiga. Ela não vai brigar nem gritar comigo. Ela quer que eu ensine a você onde é o lugar das coisas aqui na escola.

Davi olhou-a espantado e disse:

— É?!

Então a professora mostrou-lhe que mudara de classe. Portanto, agora sua mochila também mudara de lugar. Ele pegou a mochila, correu orgulhoso para a sala nova, pendurou-a e saiu em busca dos amigos.

Final de dia na escola. A professora propôs que brincassem de massinha, enquanto aguardavam a chegada das mães. A turminha foi sentando em volta da mesa, enquanto a professora buscava o material. A professora perguntou:

— Então, vocês querem usar massinha verde ou laranja? Quem quer verde levanta o dedo.

A professora contou os dedinhos e disse:

— Cinco crianças querem verde. Dois querem laranja. Quem ganhou?

— O verde! O verde! — disseram alguns.

— Isso mesmo. Então amanhã brincaremos com a laranja — combinou a professora.

Então ela trouxe dois grandes potes de massinha verde. Davi levantou-se de seu banquinho imediatamente e olhou bravo para ela.

— Você é muito chata! Vou bater em você! — disse gritando.

— Por quê? — quis saber a professora.

— Porque você só trouxe massinha verde. Eu quero a laranja, senão eu não vou brincar, vou bater em você e vou dizer pra minha mãe bater em você também. Traga já a massinha laranja! — ordenou bravo.

— Davi, eu já disse que sua mãe é minha amiga. Ela não vai me bater. E, aqui na escola, ela não manda. Os amigos escolheram trabalhar com a massinha verde hoje. Se você não quiser trabalhar a massinha verde, não precisa, mas eu não vou pegar a massinha laranja hoje. Você pode escolher fazer outra coisa.

— O quê? — disse emburrando.

— O que você quer?

— Quero... quero a massinha laranja!

— Já falei que hoje não.

— Então eu quero que você diga outra coisa pra eu fazer.

A professora conhecia-o bem e sabia do seu interesse por dinossauros.

— Você pode pegar aquele livro novo de dinossauros lá na biblioteca para ler no cantinho da leitura e se quiser pode até levar pra casa quando sua mãe chegar.

— Posso? — espantou-se ele.

— Pode sim — confirmou a professora.

— Eu não vou mais bater em você.

— Que bom.

Davi correu para pegar o livro. Ficou lá sentadinho, encantado com as fotos. Quando ouviu seu nome sendo chamado para sair, guardou o livro na mochila e correu até a professora:

— Eu vou levar o livro para mostrar para meu pai. Eu prometo que não vou estragar, nem rasgar. E amanhã eu trago de volta.

A professora puxou-o para perto de si, abraçou-o e beijou-o.

Ele disse baixinho no ouvido dela:

— Não vou mais dizer pra minha mãe bater em você.

Quando chegou em casa refletindo e registrando sua prática diária a professora pensou: *“Provavelmente, em casa, Davi ouve gritos, ordens e apanha para obedecer”*.

MEDO OU RESPEITO?

Já foi falado que até os dois anos, aproximadamente, o bebê só recebe estímulos, e por isso demonstra-se feliz. A partir de então começa de fato a explorar o mundo, a mostrar suas vontades e a questionar. A criança então mexe em tudo, sobe e desce, não quer comer o que lhe dão ou vestir o que lhe pedem, e fala e pergunta e fala e pergunta... a paciência dos adultos é testada, bem como sua aptidão para educar. E, como os filhos nascem sem manual de instruções, errar faz parte do processo. Mas é preciso esforço para minimizar os erros.

Algumas vezes, de maneira ignorante, acreditando que estão educando, os adultos tentam associar o castigo ao bom comportamento. Procuram mostrar que se as crianças não agirem de acordo com o que eles querem haverá uma punição. O castigo físico é um grande erro. E o verbal ou comportamental não educa, não produz mudança de atitude. As crianças aprendem a temer ou a desprezar a fala dos pais.

Na primeira colocação, castigo físico, o sentimento produzido é tão negativo que afasta. À medida que o filho cresce, os pais vão precisando criar novos castigos porque os antigos já não têm mais efeito. São erros sobre erros.

Mas como agir?

Como corrigir um comportamento errado dos filhos?

Como fazer que respeitem os pais?

Como fazê-los respeitar outros adultos?

Como ensinar a colocar as coisas em ordem?

A não gritar?

Não bater nos irmãos?

Comer direito?

Tomar banho?

e todas as outras questões práticas que desgastam as famílias?

A regra é só uma: SER EXEMPLO!

Como quero que meu filho não grite se eu grito com ele?

E que coma bem, enquanto faço regimes loucos?

E que coloque as coisas em ordem, se largo meus pertences por todo lado?

E que respeite outros adultos, se grito com meus funcionários?

E que não minta, se mando ele mesmo mentir que estou no banho, quando alguém com quem não quero falar me liga?

E que não fale mal das pessoas, se, depois de conversar animadamente com alguém, faço comentários desagradáveis sobre a pessoa?

Como esperar que meu filho me atenda imediatamente se, quando ele quer algo de mim, eu não percebo, não o ouço, não valorizo o que ele me diz ou pede?

Como ele pode confiar em mim, quando me liga em meu trabalho, se costumo mentir que não estou?

A cara cínica e irônica que faço quando alguém diz algo que não concordo, é a cara que meu filho teme receber quando me conta algo seu.

A cara e a voz raivosa com a qual chamo sua atenção explicitam para ele meus sentimentos não verbalizados. *"Ela me odeia"*, deduz a criança

Assim como o adulto gosta de ter seu tempo, seu trabalho, suas idéias e pensamentos respeitados; assim também é a criança. Somos feitos da mesma essência. Se agirmos com eles da mesma forma que queremos que ajam conosco, temos uma grande chance de proporcionar neles a mudança que esperávamos com o castigo. Eles se sentirão respeitados e procurarão agir da mesma forma, pois estão sempre a nos imitar.

Assim como o adulto não gosta de ser interrompido durante a realização de algum trabalho, ou até mesmo enquanto assiste a um filme, ou lê ou conversa com outro adulto, deve-se considerar que a criança sente da mesma forma. Então, em vez de dizer: *"Levanta já daí e venha almoçar"*, procure dizer da mesma forma que você gostaria de ouvir. Que tal: *"Já é quase meio-dia. Está chegando a hora do almoço. Você está acabando?"*.

Se os pais respeitam e agradam as visitas dos filhos, perguntando: *"Posso falar com vocês?"* ou *"Quando vocês terminarem, aceitam um suco?"*, serão respeitados quando tiverem visitas.

A consequência de um mau ato não deve ser um castigo, mas compreender e remediar o que houve. Remediar seria: derrubou,

juntou; brincou, guardou; sujou, limpou; não entendeu, perguntou; bateu e machucou, ajudar a curar o machucado do outro... dessa forma a criança passa a valorizar as regras de boa convivência e cria autonomia, aprende a se organizar, a planejar, a fazer e a desfazer.

Para constatar: em um país onde a mão-de-obra doméstica é abundante e a herança dos relacionamentos senhor/escravo ainda é forte, é gritante a necessidade de ensinarmos nossos filhos a fazer e não simplesmente a ordenar.

Não é mais aceitável. Pois o futuro os aguarda na esquina e, lá, outros já não os obedecerão. Desejamos que nossos filhos sejam inseridos no contexto de nossa sociedade, que se tornem cidadãos respeitosos e respeitáveis.

E, como diz Içami Tiba: “O castigo é autoritário, de cima para baixo, não forma um cidadão”.

As brigas infantis são algo muito difícil e exigem muita paciência dos adultos, pois muitas vezes eles também sofrem para resolver os seus conflitos.

Não queremos formar adultos explosivos e agressores físicos, nem adultos reprimidos e revoltados. Portanto é de fundamental importância que as crianças, enquanto pequenas, aprendam a importância de aumentar tolerância e resolver conflitos. Quando duas crianças brigam é preciso muita cautela e despir-se de paradigmas para ajudá-las a perceber e expressar seus sentimentos frente à situação. Elas precisam contar suas versões do desentendimento, o que já faz com que revejam e percebam como o outro percebeu. E, por último, o adulto deve oferecer-lhes a oportunidade de pensar como poderia ter sido para não dar briga e se possível refazer a situação da maneira que as crianças propuseram.

Os pais estão acostumados a dar ordens ou a pensar em castigos, em vez de pensar em sugestões para realização de coisas boas que possam beneficiar a todos. Considerando-se que a criança gosta de sentir-se útil, pedir-lhe que ajude em situações de

real necessidade é dar-lhe essa chance. Chance de fazer algo realmente útil e que trará outros benefícios além de contribuir na construção de seu amor-próprio.

Outro aprendizado desse tipo de situação é que o filho aprende a ajudar e os pais a ser ajudados, pois os pais estão acostumados a fazer tudo por seus filhos como se eles fossem incompetentes. Enfim, torna-se possível mostrar a competência de todos. A família se ajuda e trabalha unida.

Assim sendo, peça a seu filho que tire ou coloque a louça na mesa enquanto você cozinha; pegue alguns mantimentos da lista no supermercado enquanto você pega outros; segure o esguicho enquanto você lava o carro...

Não se esqueça, ninguém gosta de receber ordens. Gostamos de ajudar. Portanto, peça ajuda e divirta-se com ele. Você pode até oferecer opções para que seu filho escolha o que ele prefere fazer: *“Agora eu vou fazer um bolo. Você quer me ajudar? Quer quebrar os ovos e bater a clara ou prefere amassar a manteiga com o açúcar?”*.

As mudanças vividas pela sociedade fizeram com que as famílias se desestruturassem e vivessem uma grande dificuldade de colocar limites. Tivemos como consequência filhos que agem de maneira inadmissível comparando com a geração anterior. Hoje temos crianças que mandam nos pais, batem neles e desobedecem. Os pais perderam as rédeas da situação. Agora é tempo de mudar, o pai e a mãe precisam reconhecer sua importância dentro do lar e então reestruturar suas famílias para proteger e educar seus filhos adequadamente.



CAPÍTULO XII
MEU FILHO CRESCEU!

TREZE ACAMPANDO NA PRAIA

Victória já tem doze anos, já menstruou, tem 1,65m e pensa que já é adulta. A mãe, Patrícia, passa pela sala e a escuta falando ao telefone com a amiga Gabriela:

— ...legal, Gá, então seremos treze pessoas. Quem tem a barraca? Qual é o nome da praia? Vai ser massa! O Rafael também vai, né?

Patrícia gela. O que elas estão tramando? Respira fundo e aguarda.

Ao desligar o telefone, Victória vem saltitante contar para a mãe a programação que estão fazendo para o feriado de Páscoa que se aproxima.

Patrícia ouve. Faz algumas perguntas, segura seu discurso e seus NÃOs. Afinal Victória nada lhe pediu ainda. Decide deixar passar o tempo pra falar somente se precisar.

Passam-se mais dois dias, e Patrícia novamente ouve uma conversa entre as amigas:

— ...puxa, que chato, né, Gá, estes meninos são uns furões. Mas, tudo bem, vamos nós meninas... Na casa de quem? Ah, é mesmo, a Maytê tem uma casa lá. Vamos dizer pra ela.

A mãe percebe que o programa mudou bastante. Eram treze entre meninos e meninas querendo acampar. Agora já são somente meninas querendo a casa de alguém emprestada. Como Patrícia conhece a família de Maytê, fica relativamente sossegada. Ela pensa: “Vamos ver onde tudo isto vai dar...”.

Um novo telefonema muda novamente a situação no dia seguinte:

— O quê? A mãe da Maytê é mesmo uma pentelha. O que custava emprestar a casa se ninguém vai usar. Tudo bem. A Maytê não vai mais? Nem a Ana Carol? Bebezinhos da mamãe! Elas são mesmo só de falar, na hora dão pra trás. E você, Gá, você vai comigo, não é? Nem que sejamos só nós duas e a Sandrinha, tá? A mãe da Sandrinha quer ir junto? Na casa da avó dela? Ah, não... com toda a família dela? Isso vai ser muito chato... mas tudo bem...

O programa agora se tornou acompanhar a família da Sandrinha em sua casa de praia. Patrícia estava mais aliviada. Entretanto, no dia seguinte, quarta-feira, Victória volta da escola irada. E conta para a mãe:

— Olha só, mãe, que roubada... A mãe da Sandrinha não deixou a gente ir junto. Diz que não tem camas suficientes para todos lá na casa da praia. Que droga! Ficamos sem programa a Gabriela e eu. O que será que a gente pode fazer nestes dias?

— Você quer me pedir alguma coisa? — questiona a mãe.

— Será que você e o papai deixam eu levar a Gabriela com a gente pra praia?

— Penso que sim. Vamos falar com seu pai, acho que ele vai gostar da idéia, ele gosta da Gabriela. Vai ser muito bom. Vamos ligar para a mãe dela pra perguntar se ela deixa a Gabriela ir com a gente.

— Ah, mãe, você ainda não aprendeu que não precisa mais pedir pra mamãezinha quando a gente quer fazer alguma coisa?! Mas, tudo bem, eu vou ligar pra Gabi, pra saber se ela quer ir junto com a gente.

Lá se vai Victória correndo pelo corredor. Em alguns minutos, volta cabisbaixa e deixa escapar:

— Sabe, mãe, o pai da Gabi é um mala. Ele não deixou ela ir com a gente.

— Por que não?

— É porque ele e a mãe da Gabi são separados e neste feriado ele quer ficar com a Gabriela. Droga!

— A Gabriela está triste com isso?

— Sei lá... ela disse que ele é legal mas que a trata como a um nenezinho.

— E agora, filha, você quer convidar outra amiga?

— Não, mãe. Eu quero ir só com vocês. Afinal o papai gosta tanto quando a gente vai pra praia, ele fica tão divertido, não é mesmo?

— Tudo bem.

Quinta-feira cedinho lá se vão felizes Patrícia, Pedro e Victória rumo ao litoral paulista. Patrícia pensa: “Que bom, economizei um grande NÃO”.

○ TAPETE DE SISAL

O tapete de sisal foi deixado num estofador para consertar as rebarbas. Carlos, o marido, nem acreditava que alguma coisa ainda poderia ser feita por aquele velho tapete. O tapete bem que passou no bagageiro do carro por muitos dias, até que inesperadamente Selma estacionou em frente de um estofador desconhecido ao procurar por uma papelaria. Ali conheceu dona Vera, a esposa

do estofador. Solitária e prolixa. Ela garantiu um serviço bem-feito por meros R\$ 50,00. Naturalmente foi aceito sem pestanejar. Ela pediu a Selma uma semana para a realização do serviço.

O tempo correu, e Selma esqueceu de buscar o tapete. Dona Vera ligou comunicando que o serviço estava realizado, que ficara muito bom e que ela havia mudado de endereço. Agora estava atendendo em sua própria casa, nos fundos. Selma anotou o endereço e no dia seguinte, quando saía do trabalho para o almoço, se dispôs a parar para pegar o tapete e ouvir um pouco dona Vera.

Sua filha, Marina, estava com ela no carro, o que era um excelente argumento para forçar dona Vera a encurtar suas histórias. Quando Marina está com fome, seu mau-humor se declara. Tudo bem, Selma estava disposta a vencer esta luta. Dona Vera, de um lado, querendo falar e Marina, do outro, querendo ir embora comer.

Então entre fios, colas e costuras, dona Vera contou-lhes que seu filho Luís passara no vestibular. Foi a deixa para Marina entrar no assunto. Selma logo percebeu o interesse feminino aflorar na filha em suas próximas perguntas.

— Passou! Que legal! Parabéns! Para que curso?

— Passou em veterinária.

— Onde?

— Em Viçosa, Minas Gerais.

— Nossa, que demais!!

— Pois é. Agora precisamos vender nossa casa.

— Vender a casa por quê?

— Bem, porque vamos ter de mudar, não é mesmo?

— Não entendi. Por que vão mudar?

— Vamos morar em Viçosa com o Luís. Afinal ele é nosso filho único. E é tão bom filho, não queremos deixá-lo sozinho.

— Mas e o seu marido? E o trabalho de vocês, os clientes?

— Meu marido faz o que eu mando! Clientes a gente consegue aonde formos com este trabalho de estofador. Agora só depende mesmo da venda desta casa.

Marina desistiu da conversa quando percebeu que não conseguiria compreender a dinâmica daquela família. Entrou no carro e disse:

— Vamos, mãe.

— Vamos.

Já estavam quase chegando em casa, quando ela quebrou o silêncio.

— Sabe, mãe. O tal Luís, filho da dona Vera, deve ser um filho muito difícil. Só esta pode ser a resposta para a minha pergunta.

— Que pergunta?

— Por que os pais têm de se mudar? Por que o filho não vai sozinho?

— O que você deduziu?

— Que o filho deve aprontar tanto que os pais não confiam nele, que os pais devem ser daqueles que põem regras pra tudo, que a família não conseguiu ensinar o filho a se virar sozinho.

— Puxa, que alívio. Quando a dona Vera disse aquilo e você parou de conversar eu pensei cá comigo: “Ai, lá vem censura”.

— Censura de quê?

— Bem, afinal você também estuda e mora fora e seu pai e eu jamais nos questionamos em mudar por sua conta.

— Mãe, era só o que faltava! Vocês sabem a educação que me deram!

Selma sentiu alívio e uma grande sensação de vitória.

VAI MEU FILHO, SEJA FELIZ!

Ao lançar um dardo para atingir um alvo, nossa concentração e esforço precisam de muita exatidão. A posição e distância do lançamento são fatores determinantes. Pouco vigor faz o dardo traçar uma curva e cair próximo aos nossos pés, entretanto muita rapidez e força também não nos levam ao ponto desejado, a flecha ultrapassa o alvo e cai lá adiante.

Podemos comparar esse lançamento com o processo de educar, estimular o filho a partir em busca de seu alvo, sua história, dar-lhe autonomia em cada fase de sua vida, até que, enfim, é chegado seu momento de partir.

Podemos estudar toda a literatura disponível, mas são a disposição, a disciplina e a prática que nos levarão ao sucesso. Confio também no poder da oração, mas com os dardos não ousaria. Com os filhos, sim.

Nossos filhos precisam partir. Eles precisam do nosso crédito, nosso apoio e confiança para crescerem e depois para lançarem-se em seus alvos, suas metas, suas vidas. Precisamos certificar-nos a cada dia que os educamos para o mundo. Precisamos prepará-los. Mas...

Quando é chegada a hora?

Quando entrar na escola?

Quando trocar de roupa sozinho?

Quando limpar o bumbum?

Quando tirar a mamadeira e a chupeta?

Quando passar a manhã na casa de um amiguinho?

Dormir na casa de amigos?

Quando atravessar a rua sozinho?

Quando caminhar pequenas distâncias sozinho, e as grandes?

Quando andar de ônibus?

Ir a uma balada?

Viajar com amigos?
Namorar?
Dormir na casa da namorada?
Trazer o namorado para dormir em casa?
Trabalhar?
Morar fora?

São infinitas as perguntas. Para as quais podem haver infinitas respostas também. Afinal, cada cabeça, uma sentença. Cada pessoa, cada família com suas verdades.

Uma grande descoberta, que ajuda a permitir que seu filho cresça, está na resposta à questão: **Quando devemos parar de dar ordens?**

Durante a infância, é imprescindível que os pais tenham o domínio da situação doméstica. A criança cresce procurando limites e, se estes não lhe são impostos coerentemente, ela torna-se mimada e mandona.

Ordens só devem ser dadas
quando se tem certeza de que serão obedecidas.

Pais que insistem repetindo o mesmo comando caem em descrédito. A criança se acostuma com a forma de mandar dos pais. Ela sabe o número de vezes que ouvirá a ordem e sabe com que entonação precisa ou não obedecer. Aqueles que exigem obediência somente fora de casa, estão sujeitos a grandes cenas de birra.

Extrapole isso para o mundo adulto. É igual. Um chefe que não sabe comandar, não é seguido. Os colaboradores relaxam nas propostas, nas metas, na organização... sequer respeitam o chefe. Este está sujeito a perder o posto brevemente.

Não ameace! Tome as rédeas da situação e aja! Poucas palavras durante a colocação de limites ajudam a criança a compreender. Pais que tudo explicam trazem no tom de voz o sentimento de culpa por estarem “mandando”. A criança percebe e não obedece.

Economize a palavra NÃO. Mas, tenha certeza, no futuro, se houver arrependimento será pelos SIMs. Aquilo que você permitiu impensada e irrefletidamente poderá trazer maus frutos com maior frequência do que suas negações.

Seu papel é de PAI ou de MÃE, ou seja EDUCAR. Não tema perder o amor de seu filho. O filho obediente, ama o pai e a mãe.

Acredite, seu filho precisa obedecer a você. Isto é uma atitude de amor.

Não são os filhos que não têm limites,
mas, antes,
são os pais que não sabem se fazer obedecer!

Pense bem antes de responder, antes de decidir.

Na dúvida não aja! Na dúvida, não atravesse a rua, não beba, não beije, não termine um relacionamento, não compre, não dê uma ordem, não permita...

Observe friamente a situação antes de tomar uma atitude. Se possível, afaste-se e converse com seu parceiro e sejam cúmplices, decidam juntos. A criança cujos pais são cúmplices cresce mais segura e com um bom referencial de relacionamento homem e mulher.

À medida que o tempo passa, os adultos podem perceber que a criança já quer participar ajudando nos trabalhos rotineiros da casa e dando opiniões em conversas. Aí está o sinal. Ela, de fato, já pode participar.

Com que medida permitir essa participação? A melhor sugestão que posso oferecer é com uma medida coerente e constante. E, não exagerar em cuidados físicos. Avaliar as possibilidades físicas do filho, ensinar a ele e permitir que visite um amigo, use uma faca, acenda o fogão, atravesse a rua... É preciso confiar e acompanhar nas primeiras vezes e depois ir soltando sem cobrar perfeição. É natural que ele não faça como você faria, ele precisa

praticar. Que bom será se puder praticar com o apoio da família.

Assim ele vai trocar de roupa, usar a faca, atravessar a rua, andar de ônibus, namorar... viverá com tranqüilidade e apoio cada etapa de seu desenvolvimento.

Saiba que a coisa mais importante que você pode ensinar ao seu filho é a ser UM, longe de você. É ser UM que reconhece outros UMs e que por isso os respeita e convive bem com todos. Viver em grupo com harmonia é uma das máximas da educação.

Ensine a seu filho que quem respeita é respeitado. Quem fala baixo, não ouve gritos. Quem não murmura, não se envolve em maledicências e fofocas.

Não prenda seu filho aos seus próprios sonhos, às suas verdades, aos seus valores, à sua casa, à barra de sua saia...

Contente-se em sabê-lo forte, saudável, integrado, buscando seu próprio alvo com determinação. Torça por ele! E demonstre seu amor sem apelos sentimentais. Não faça chantagens. Esteja presente quando ele precisar, quando lhe pedir algo e ouça-o sempre.

Quando chegar a hora de permitir que seu filho cresça, será fabuloso constatar que ele consegue. A cada fase vivida e a cada etapa vencida, uma sensação de vitória vai acalantar o seu coração. Pois ele estará forte e pronto, seguro e apto. E você terá a sensação do dever cumprido. Todo seu esforço e dedicação estarão refletidos nele. Você o ajudou a se tornar a melhor pessoa que ele poderia ser.

E você se orgulhará quando seu filho, já adulto, olhar em seus olhos e disser: Obrigado!

Teus filhos não são teus filhos,
são filhos e filhas da vida,
anelando por si própria.
Vêm através de ti, não de ti,
e, embora estejam contigo,
a ti não pertencem.
Podes dar-lhes teu amor,
mas não teus pensamentos, pois que
eles têm seus pensamentos próprios.
Podes abrigar seus corpos,
mas não suas almas, pois que
suas almas residem na casa do amanhã,
que não podes visitar
sequer em sonhos.
Podes esforçar-te por te parecer com eles,
mas não procure fazê-los
semelhantes a ti,
pois a vida não recua,
e não retarda no ontem.
Tu és o arco do qual teus filhos,
como flechas vivas,
são disparadas.
Que a tua inclinação, na mão do arqueiro,
seja para a alegria.

Kahlil Gibran

CONHEÇA TAMBÉM:

Tô P... da vida

Dr. William Gray DeFoore

Como posso te perdoar?

Janis Abrahms Spring e Michael Spring

Box furiosos (Mulheres em Fúria e Homens em Fúria)

Cathi Hanauer e Daniel Jones

Diagnóstico: casados

Kathy Dawson

Para saber mais sobre nossos títulos, autores e fazer comentários sobre este livro, visite nosso site:

www.editoralandscape.com.br





Impresso nas oficinas da
Gráfica Palas Athena

A primeira história que conto é aquela que provocou em mim grandes mudanças. Foi ela que me levou da Engenharia para a Educação, que me tirou temporariamente do mundo profissional e colocou-me em casa, cuidando dos meus filhos. Mais tarde, meus estudos, utilizados primeiramente com meus filhos, me proporcionaram atuar fora de casa, com outros filhos que não os meus.

Passo, portanto, a contar-lhes minha história de vida, e tenho certeza de que vamos nos identificar em vários momentos.



Regina Pundek, nascida em Santa Catarina, é formada em Engenharia Civil pela UFSC.

Mãe de três filhos, em 1994 começou a trabalhar como professora de uma escola pública.

Há seis anos montou a Kids Home, escola de educação infantil, onde tem a oportunidade de realizar diariamente esse trabalho com crianças e seus pais que tanto a fascina e que produz tantos frutos (<http://www.granjaviana.com.br/kidshome/>).

**O MAIOR DESAFIO DA SUA VIDA É
EDUCAR OS SEUS FILHOS**



**A SUPERPROTEÇÃO GERA UM FILHO
INSEGURO E DEPENDENTE**



**A FALTA DE UM POSICIONAMENTO CLARO
E FIRME DOS PAIS GERA
CONFLITOS INTERMINÁVEIS**



**OS PAIS DESEJAM O QUE ACREDITAM SER O
MELHOR PARA OS SEUS FILHOS. PLANTAM
SONHOS E COLHEM FRUSTRAÇÕES**



**PREPARE SEU FILHO PARA OBTER
A FELICIDADE NO PRESENTE COM A
GARANTIA DE SER HUMANO NO FUTURO.**

